

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



# Negação Metalinguística e Estruturas com *nada* no Português Europeu

---

Clara Pinto

Mestrado em Linguística

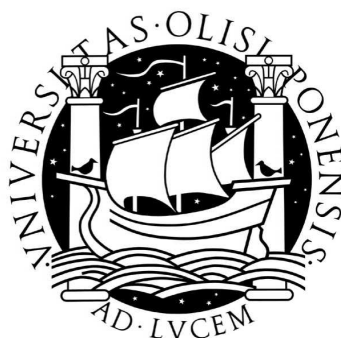
2010



Negação Metalinguística e Estruturas com  
*nada* no Português Europeu



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



# Negação Metalinguística e Estruturas com *nada* no Português Europeu

**Clara Pinto**

Dissertação orientada por:  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Martins

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

2010



I know that to paint the sea really well, you need to look at it every hour of every day in the same place so that you can understand its way in that particular spot; and that is why I am working on the same motifs over and over again, four or six times even. **It's on the strength of observation and reflection that one finds a way. So we must dig and delve unceasingly.**

Claude Monet

# Índice

RESUMO .....	<i>i</i>
ABSTRACT .....	<i>ii</i>
AGRADECIMENTOS .....	<i>iii</i>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. O CONCEITO DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA.....</b>	<b>5</b>
<b>2.0 Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>2.1 O Conceito de Negação Metalinguística .....</b>	<b>5</b>
2.1.1 Ducrot (1972) .....	6
2.1.2 Horn (1989) .....	7
2.1.3 Carston (1996).....	10
2.1.4 Drozd (2001) e Martins (2010a; no prelo) .....	12
<b>3. NADA: UM MARCADOR DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA.....</b>	<b>13</b>
<b>3.0 Introdução.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Negação Regular e Negação Metalinguística.....</b>	<b>14</b>
3.1.1 Necessidade de legitimação discursiva prévia .....	14
3.1.2 Negação discordante.....	16
3.1.3 Compatibilidade com Itens de Polaridade Positiva.....	17
3.1.4 Incompatibilidade com Itens de Polaridade Negativa.....	18
<b>3.2 Negação enfática vs. Negação Metalinguística – duas construções com <i>nada</i>.....</b>	<b>19</b>
<b>3.3 Marcadores Internos vs. Marcadores Periféricos.....</b>	<b>25</b>
3.3.1 Ordem de Palavras – Posição Inicial ou Periférica.....	25
3.3.2 Ocorrência Isolado ou com Fragmentos Nominais.....	26
3.3.3 Negação de Frases Negativas.....	27
3.3.4 Compatibilidade com Coordenação.....	28
3.3.5 Compatibilidade com Advérbios Enfáticos e Foco Contrastivo .....	29
<b>3.4 Outras Propriedades do Marcador de Negação Metalinguística <i>nada</i>.....</b>	<b>31</b>
3.4.1 Ordem de palavras e posição na frase .....	31
3.4.2 Estrutura-eco .....	34
3.4.3 Particularidades do verbo de cópula SER.....	36
3.4.4 Processos de elipse nas estruturas [V_ <i>nada</i> ] e a relevância dos conceitos de foco informacional e foco contrastivo.....	39
3.4.5 Semelhança com padrões de resposta a interrogativas <i>sim/não</i> .....	44



3.4.6	Elipse de VP e estruturas de Topicalização.....	46
<b>3.5</b>	<b>Observações Comparativas.....</b>	<b>49</b>
3.5.1	<i>Nada</i> metalinguístico e <i>não</i> pós-verbal.....	49
3.5.2	Dados do PE vs. dados do PB.....	54
<b>3.6</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>61</b>
<b>4.</b>	<b>ANÁLISE SINTÁTICA DE <i>NADA</i>.....</b>	<b>63</b>
<b>4.0</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>63</b>
<b>4.1</b>	<b>A Negação Metalinguística e o Conceito de Asserção Responsiva.....</b>	<b>64</b>
4.1.1	Proposta de traços para marcadores metalinguísticos.....	66
<b>4.2</b>	<b>Sobre a posição dos marcadores periféricos.....</b>	<b>67</b>
4.2.1	Drodz (2001).....	68
4.2.2	Martins (2010a).....	69
<b>4.3</b>	<b>Restrições de posição do marcador <i>nada</i>.....</b>	<b>71</b>
4.3.1	Reanálise morfológica em estruturas com <i>nada</i> .....	75
<b>4.4</b>	<b>Proposta de representação de estruturas com <i>nada</i>.....</b>	<b>82</b>
<b>4.5</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>85</b>
<b>5.</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>87</b>
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>90</b>
	ANEXO.....	95



# RESUMO

O presente trabalho tem como tema a negação metalinguística em Português Europeu, centrando-se num marcador de negação metalinguística ainda não estudado – o marcador *nada*.

A negação metalinguística foi posta em evidência por Laurence Horn (1989), tendo sido apresentada como um tipo de negação dependente de um contexto discursivo específico. No Português Europeu, a negação metalinguística pode ser veiculada por marcadores de negação não-ambíguos. O principal objectivo deste trabalho é demonstrar que, além dos marcadores metalinguísticos *cá/lá* e *agora*, identificados por Martins (2010a), o PE dispõe de outros marcadores da mesma natureza, como é o caso de *nada*, sobre o qual centraremos a nossa análise.

Demonstraremos, através da aplicação dos testes propostos em Horn (1989) e de outros considerados relevantes, que *nada* é um verdadeiro marcador de negação metalinguística, distinto do marcador enfático *nada*, e que pertence ao grupo dos marcadores periféricos. Veremos ainda que as estruturas com *nada* exigem legitimação discursiva prévia e obedecem a uma estrutura-eco, reproduzindo apenas conteúdo previamente introduzido no discurso.

A análise do tipo de estruturas em que *nada* ocorre, privilegiando a elipse de VP, conduzir-nos-á à proposta de que *nada* seja considerado um marcador de asserção responsiva, que codifica (no domínio de CP) um tipo específico de frase, a objecção (cf. Farkas e Bruce, 2010). Mostraremos também que *nada* apresenta um requisito de segunda posição, que o impede de ocupar a primeira posição na frase. Veremos que o requisito de segunda posição pode ser satisfeito através de duas estratégias distintas: com topicalização de IP ou através de reanálise morfológica (com o verbo ou com *cá/lá*).

Para a representação sintáctica de *nada*, adoptaremos uma arquitectura simples de CP. Seguindo a proposta de Drozd (2001), propomos que *nada* seja gerado em C. Nos casos em que haja lugar à topicalização de IP, todo o IP surgirá como adjunto a CP, de acordo com a proposta de Duarte (1987). Quando se observa reanálise morfológica, o verbo e *nada* (ou *cá/lá* e *nada*) fundir-se-ão em C.

# ABSTRACT

The present work investigates the theme of metalinguistic negation in European Portuguese, with special emphasis on a still unknown metalinguistic negation marker – the word *nada*.

Metalinguistic negation was first pointed out by Laurence Horn (1989), who presented it as a type of negation, relying on a specific discourse context. In European Portuguese, metalinguistic negation can be conveyed by unambiguous negation markers.

The main goal of this work is to prove that, apart from the metalinguistic negation markers *cá/lá* and *agora*, identified by Martins (2010a), there are other such markers in EP. That is the case of the word *nada*, which will be analyzed here.

By using the tests proposed by Horn (1989), – as well as others considered relevant to the analysis – we will show that *nada* is a true metalinguistic negation maker, different from the emphatic marker *nada* and belonging to the group of peripheral markers (cf. Martins, no prelo). We will also demonstrate that structures with *nada* need to be licensed by the discourse context, obeying to an echo-structure that only allows information previously introduced in the speech.

The analysis of the structures containing the metalinguistic negation marker *nada* shows that this type of structure favours VP ellipsis. This observation leads us to suggest that *nada* may be considered a marker of *responding-assertions* (cf. Farkas e Bruce, 2010) that encodes (in the CP domain) a particular type of sentence, the objection. In addition, we will show that *nada* observes a second position requirement, which blocks its occurrence as the first element in a sentence. The second position requirement may be satisfied by using two different strategies: with IP topicalization or through morphological merger (with the verb or with *cá/lá*).

As far as the syntactic representation is concerned, we will adopt a simple CP structure. Following Drozd's (2001) proposal, we will assume *nada* to be located in C. Whenever the IP is topicalized, it shall appear as an adjunct to CP, in the terms presented in Duarte (1987). However, if morphological merger is observed, both the verb and *nada* (or *cá/lá* and *nada*) will merge in C.

# AGRADECIMENTOS

A elaboração de um trabalho desta natureza é sempre uma tarefa que, apesar de entusiasmante e compensadora, exige um esforço e dedicação extremos. Por essa razão, considero que a sua conclusão apenas foi possível graças ao apoio, motivação e ajuda de todos aqueles que acompanharam este processo e que dele participaram, directa ou indirectamente.

Agradeço, em primeiro lugar, à Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Martins, minha orientadora, por todo o apoio, pela disponibilidade, pelo incentivo nos momentos mais difíceis e pela preciosa ajuda na sugestão de caminhos a explorar.

Não posso deixar de agradecer a todos os professores que, ao longo dos anos, me motivaram para o estudo da linguística e, sem os quais, esta dissertação provavelmente não existiria.

Agradeço também à minha colega e amiga Sílvia Pereira, com quem pude partilhar, desde o primeiro momento, todas as ideias, dúvidas e inquietações e que foi, provavelmente, a companheira mais presente ao longo de todo este percurso.

Agradeço ainda aos meus pais e a toda a minha família, sem a qual este trabalho não seria possível. Agradeço à minha sobrinha Laura que, embora tão pequenina, me permitiu encontrar valor nas pequeninas coisas do dia-a-dia, tornando esta tarefa menos difícil.

Agradeço igualmente ao Hugo, pelo apoio, pela paciência e pela compreensão.

Finalmente, uma palavra de agradecimento aos colegas e amigos do NLX – João, Sara, Carolina, Catarina, Mariana, Marcus, Francisco, Rosa, Patrícia, David e Rubén - que acompanharam de perto o meu trabalho.

A todos, o meu muito obrigada!



# 1. INTRODUÇÃO

---

A possibilidade de expressar negação sem recurso ao marcador canônico *não* não se restringe apenas ao universo das chamadas palavras negativas, como *nunca* e *ninguém*.

No presente trabalho, apresentaremos uma estratégia de negação que tem passado despercebida na literatura e que se caracteriza pela presença de apenas um marcador de negação – a palavra *nada* – dispensando a presença do marcador de negação standard *não*.

Em (1) apresentamos um exemplo da estratégia que será alvo de estudo:

(1) A: O Pedro deu um relógio à Maria.

B: a. Deu *nada* um relógio à Maria! Deu-lhe um vestido!

Frases como a de (1a), quando apresentadas isoladamente, são consideradas agramaticais. No entanto, a estratégia apresentada ilustra um tipo de negação que se distingue da negação regular, como demonstraremos mais adiante.

Antes, porém, de avançarmos na análise e discussão dos dados recolhidos, coloca-se como ponto fundamental a distinção entre o marcador *nada*, aqui em causa, e os outros valores que *nada* pode desempenhar em contexto frásico.

Sabemos que a palavra *nada* pode desempenhar três funções distintas, sendo que, em duas delas, o seu valor negativo é secundário. Observemos os exemplos de (2) a (5):

(2) O Pedro não comprou nada na feira.

(3) O brinquedo não era nada caro.

(4) O Pedro não comprou nada o livro. Comprou a bicicleta!

(5) A: O Pedro caiu das escadas!

B: Caiu *nada* das escadas! Foi empurrado.

Embora a palavra *nada* esteja presente nos quatro exemplos, a função que desempenha em cada um deles é distinta. Em (2) estamos perante um *nada* argumental, que desempenha a função sintáctica de Objecto Directo. No caso de (3), *nada* apresenta-se com valor de quantificador. Já em (4) e (5) *nada* é claramente um marcador de negação sem função argumental ou quantificadora e, no que diz respeito ao exemplo em (5), é o único marcador de negação presente na frase.

Percebemos assim que o *nada* de que nos ocuparemos no presente trabalho é de natureza diferente, quer do *nada* argumental, quer do *nada* quantificacional.

Os exemplos de (6) a (10) mostram que, enquanto marcador de negação, *nada* não pode co-ocorrer com modificadores como *absolutamente*, ao contrário dos *nada* argumental e quantificador, nem ser substituído por expressões como *nem um pouco*, como permite o *nada* quantificador.

- (6) O Pedro não comprou absolutamente nada na feira.
- (7) O brinquedo não era absolutamente nada caro. / O brinquedo não era nem um pouco caro.
- (8) \*O Pedro não comprou absolutamente nada esse livro. Comprou a bicicleta!
- (9) \* O Pedro não comprou nem um pouco esse livro. Comprou a bicicleta!
- (10) A: O Pedro caiu das escadas!  
B: a. \*Caiu absolutamente *nada* das escadas! Foi empurrado!  
b. \*Caiu nem um pouco das escadas! Foi empurrado!

Os exemplos acima apresentados permitem, assim, distinguir de forma inequívoca o marcador *nada*, aqui em estudo, de outros valores assumidos pelo mesmo advérbio. No entanto, torna-se igualmente necessário distinguir dois casos em que *nada* ocorre numa estrutura de negação, por se tratar de estruturas distintas. Ou seja, o *nada* que tomaremos como objecto de estudo é o do exemplo (5) acima e não o do exemplo (4). Neste último caso, *nada* ocorre enquanto marcador enfático em estruturas de negação enfática de reforço, sob a forma [Não\_V\_nada] ( cf. Hagemeyer e Santos, 2003) , conforme exemplificamos em (11a), e que podemos comparar com (11b).

- (11) A: O Pedro deu um relógio à Maria!  
B: a. Não deu nada um relógio à Maria! Deu-lhe um vestido!  
b. Deu *nada* um relógio à Maria! Deu-lhe um vestido!



Em ambos os exemplos, a palavra *nada* assume o valor de marcador de negação pós-verbal. No entanto, a frase em (11b) dispensa a presença do marcador *não*, o que, à partida, poderia esperar-se que determinasse a sua agramaticalidade.

Numa primeira abordagem, poderíamos ser levados a considerar a estratégia [V\_*nada*] como uma variante da negação enfática de reforço, com elipse do marcador *não*. Contudo, há evidências de que estamos perante duas estruturas distintas que, muito embora apresentem semelhanças entre si, veiculam dois tipos diferentes de negação. A evidência empírica que suporta esta perspectiva será apresentada no capítulo 3.

A tese que defenderemos ao longo deste trabalho é a de que o *nada* que ocorre nos exemplos (1), (5) e (11b) é um marcador de negação metalinguística, na acepção de Horn (1989), à semelhança de outros já descritos para o português europeu (Martins, 2010a e no prelo). Pretendemos demonstrar que as estratégias com *nada* metalinguístico são fenómenos independentes da negação enfática com *nada*.

Face à total ausência de trabalhos anteriores que descrevam esta estrutura de negação pós-verbal com recurso à palavra *nada*, este trabalho tem como objectivo a descrição e análise de dados que possam contribuir para a sua caracterização, bem como para um melhor conhecimento da negação metalinguística no português europeu (PE).

Nesse sentido, tomámos como ponto de partida a recolha de um pequeno *corpus* de trabalho, extraído dos *corpora* CORDIAL-SIN (*Corpus dialectal para o estudo da sintaxe*)<sup>1</sup>, CORPUS ORAL “PORTUGUÊS FUNDAMENTAL”<sup>2</sup>, CORP-ORAL<sup>3</sup> e CORPUS DO PORTUGUÊS<sup>4</sup>.

Os dados relativos ao Português do Brasil foram extraídos do CORPUS DO PORTUGUÊS e do CORPUS SELVA FALADA<sup>5</sup>.

Dada a reduzida dimensão do *corpus* obtido, sempre que necessário recorreremos a enunciados criados para o efeito ou reproduzidos a partir de produções orais não atestadas em suporte físico.

---

<sup>1</sup> CORDIAL-SIN - Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe, desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. [http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto\\_cordialsin\\_corpus.php](http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin_corpus.php)

<sup>2</sup> CORPUS ORAL “PORTUGUÊS FUNDAMENTAL”, desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. <http://www.clul.ul.pt>

<sup>3</sup> CORP-ORAL, desenvolvido no Instituto de Linguística Teórica (ILTEC). <http://www.iltec.pt/spock/>

<sup>4</sup> CORPUS DO PORTUGUÊS, desenvolvido por Mike Davies (BYU) e Michael Ferreira (GeorgeTown University). <http://www.corpusdoportugues.org/>

<sup>5</sup> CORPUS SELVA FALADA, inserido no projecto FLORESTA SINTÁCTICA, desenvolvido pela Linguateca. <http://www.linguateca.pt/Floresta/milhafre/>

A presente dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. Os capítulos 2, 3 e 4, que constituem os capítulos centrais desta dissertação, encontram-se divididos em secções.

O capítulo 2 apresentará a base teórica subjacente à presente dissertação, através da definição do conceito-chave de negação metalinguística. Neste capítulo, centrar-nos-emos nos trabalhos de Ducrot (1972), Horn (1989) e também de Drozd (2001) e Martins (2010a e no prelo).

No capítulo 3 passaremos à descrição do comportamento sintáctico do marcador de negação metalinguística *nada*, mostrando, através dos testes propostos por Horn (1989), que estamos, de facto, perante um caso de negação metalinguística. Neste capítulo distinguiremos, inequivocamente, o marcador metalinguístico *nada* do marcador enfático com a mesma forma, provando que não veiculam negação da mesma natureza.

A comparação com outros marcadores de negação metalinguística, identificados por Martins (2010a), permitirá classificar *nada* como um marcador periférico.

Ainda no capítulo 3, procederemos a uma breve análise comparativa entre os dados do PE e dados do PB. Por fim, mostraremos a existência de algum paralelismo entre o comportamento do marcador de negação metalinguística *nada* e o comportamento de um outro marcador, que se crê ser também metalinguístico – o *não* pós-verbal.

Seguidamente, o capítulo 4 centrar-se-á numa análise sintáctica, teoricamente fundada, do marcador *nada*.

Partindo dos trabalhos de Jones (1999) e de Farkas e Bruce (2010), e na esteira do que defende Martins (2010b), proporemos que *nada* é um marcador de um tipo particular de frase – a objecção – e que deverá pertencer ao domínio de CP, numa projecção que codifique a força ilocutória das frases.

Para determinar a projecção em que *nada* é gerado, mostraremos primeiro que *nada* é um elemento de segunda posição e que essa restrição determina a sua ocorrência com dois tipos distintos de estruturas: com topicalização de IP e com reanálise morfológica com o verbo ou com *cá/lá*.

Finalmente, apresentaremos, no capítulo 5, as conclusões da presente dissertação e propostas de trabalho futuro .

## 2.

# O CONCEITO DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA

---

## 2.0 INTRODUÇÃO

Este primeiro capítulo tem como propósito apresentar aquele que será o enquadramento teórico inicial, subjacente à caracterização do marcador *nada*, que aqui nos ocupa: o conceito de a negação metalinguística.

Partindo do pressuposto de que *nada* veicula negação metalinguística, faremos uma breve descrição do estado da arte, detendo-nos sobretudo nos contributos dos principais trabalhos existentes sobre a matéria.

Assim, em 2.1.1 apresentaremos o trabalho de Ducrot (1972), seguindo-se, em 2.1.2, o precioso contributo de Horn (1989). Na secção 2.1.3, introduziremos a perspectiva semântica de Carston (1996). Já na secção 2.1.4, trataremos do trabalho de Drodz (2001), no âmbito da aquisição da linguagem e, finalmente, centrando-se nos dados de PE, abordaremos os trabalhos de Martins (2010a; no prelo).

## 2.1 O CONCEITO DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA

Embora os estudos sobre negação metalinguística em PE sejam escassos, à excepção dos trabalhos recentes de Martins (2010a; no prelo), o tema tem vindo a merecer a atenção de alguns autores, desde a década de 70.

Apesar de o termo *negação metalinguística* ter sido herdado de Ducrot (1972), foi Horn (1989) quem colocou em evidência este tipo de negação e é o seu trabalho que tem servido de referência aos estudos posteriores.

A negação metalinguística é entendida como um tipo particular de negação que, ao contrário da negação regular, não se relaciona com os conceitos de verdade e falsidade das

proposições negadas. Nesse sentido, a negação metalinguística permite negar um pressuposto, do ponto de vista pragmático, de acordo com as convicções do falante ou consoante o conhecimento partilhado entre interlocutores.

### 2.1.1 DUCROT (1972)

É Ducrot (1972) quem introduz, pela primeira vez, o termo *negação metalinguística* – *négation métalinguistique* – por oposição à noção de negação descritiva – *négation descriptive*.

De acordo com Ducrot (1972), a negação metalinguística permite contestar informação pressuposta, ao contrário da negação descritiva, que a conserva. Estes dois tipos de negação, inicialmente identificados, são distintos e operam a diferentes níveis.

Nous avons admis que la négation “descriptive” conserve les présupposés (alors que la négation métalinguistique – ou réfutatrice – peut les contester).

(Ducrot,1972:147)

Esta noção vai sendo, contudo, reformulada e, em 1984, Ducrot distingue negação metalinguística de outros dois tipos de negação, a descritiva e a polémica, referindo-se à negação metalinguística nos seguintes termos:

J'appelle “métalinguistique” une négation qui contredit les termes mêmes d'une parole effective à laquelle elle s'oppose. Je dirai que l'énoncé négatif s'en prend alors à un locuteur qui a énoncé son correspondant positif. C'est cette négation “métalinguistique” qui permet par exemple d'annuler les présupposés du positif sous-jacent, comme c'est le cas dans “Pierre n'a pas cessé de fumer ; en fait, il n'a jamais fumé de sa vie”. Ce “n'a pas cessé de fumer”, qui ne suppose pas “fumait autrefois”, est possible seulement en réponse à un locuteur qui vient de dire que Pierre a cessé de fumer.

(Ducrot, 1984:217)

A negação metalinguística é encarada como a contradição dos termos de uma asserção prévia, podendo inclusivamente anular os pressupostos subjacentes à asserção inicial. É encarada por Ducrot (1984) como um enunciado sobre outro enunciado (“*un énoncé sur un énoncé*”), encerrando uma atitude de recusa/refutação por parte do interlocutor.

A negação metalinguística não actua, portanto, ao nível da verdade ou falsidade de determinada afirmação.

É importante referir que, na perspectiva de Ducrot (1984), a negação metalinguística tem escopo restrito, podendo negar apenas as afirmações previamente produzidas por outro falante, ao contrário do que se verifica na negação descritiva.

Ducrot (1984) salienta ainda que a negação metalinguística exhibe um comportamento diferente do da negação descritiva quando ocorre com predicados escalares, podendo ter um efeito de descida ou subida.

C'est également dans le cadre de la réfutation d'un locuteur adverse que la négation peut avoir, au lieu de son effet habituellement "abaissant", une valeur majorante. On peut dire "Pierre n'est pas intelligent, il est genial", mais seulement en reponse a un locuteur qui a effectivement qualifié Pierre d'intelligent.

(Ducrot, 1984: 217)

### 2.1.2 HORN (1989)

A negação metalinguística ganha destaque a partir do trabalho de Horn (1989). Partindo da concepção inicial de Ducrot (1972, 1984), Horn coloca em evidência este tipo de negação, distinguindo-o, inequivocamente, da chamada negação regular.

De acordo com Horn, a negação metalinguística apresenta-se como uma estratégia de objecção a uma asserção prévia.

Metalinguistic negation – a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever, including the conventional or conversational implicata it potentially induces, its morphology, its style or register, or its phonetic realization.

(Horn, 1989:377)

A objecção pode incidir sobre qualquer aspecto do enunciado, não se limitando ao valor de verdade das proposições em causa. Fazendo uso da negação metalinguística, é possível um falante objectar contra a correcção de uma dada construção morfológica ou, inclusivamente, contra a sua realização fonética, como se demonstra no exemplo que transcrevemos em (12). Nesse sentido, a noção de negação metalinguística em Horn tem escopo mais abrangente do que em Ducrot (1972, 1984).

(12) I didn't manage to trap two mongeese – I managed to trap two mongooses.

(Horn, 1989:371)

Sendo um mecanismo de refutação, incide, não sobre a verdade ou falsidade de uma proposição, mas sobre a assertibilidade do enunciado<sup>6</sup>.

De acordo com Horn, apenas a negação regular está relacionada com os conceitos de verdade e falsidade de uma dada proposição.

Apparent sentence negation represents either a descriptive truth-functional operator, taking a proposition *p* into a proposition not-*p* (or a predicate *P* into a predicate not-*P*), or a metalinguistic operator which can be glossed “I object to *U*”, where *U* is crucially a linguistic utterance or utterance type rather than an abstract proposition.

(Horn, 1989: 377)

Tal como já havia notado Ducrot (1972, 1984), a negação metalinguística permite rejeitar os pressupostos em que se baseia a afirmação anterior e que são recuperados pela negação regular. Observe-se o exemplo em (13), extraído de (Horn, 1989:370).

(13) Some men aren't chauvinists – all men are chauvinists.

A negação apresentada em (13) pode expressar tanto negação regular como negação metalinguística, dado que o marcador de negação *not* pode exprimir ambas. No entanto, uma leitura de negação regular apresenta como pressuposto a existência de alguns homens que não são chauvinistas. Numa leitura metalinguística, esse pressuposto não é assumido, tal como comprova a possibilidade de existir uma asserção de reformulação do tipo *all men are chauvinists*, que representaria uma contradição lógica em relação à negação regular. No entanto, a interpretação metalinguística permite que o falante se oponha à permissa de que alguns homens não sejam chauvinistas, por considerar que todos o são.

Como defende Horn (1989), a possibilidade de uma interpretação como negação regular ou metalinguística é explicada pelo facto de a negação ser ambígua, do ponto de vista pragmático. Daí que Horn considere obrigatória a existência de uma asserção de

---

<sup>6</sup> No original: “metalinguistic negation focuses, not on the truth or falsity of a proposition, but on the assertability of an utterance.” (Horn,1989:363)

reformulação posterior à negação – *garden path utterance* – que permita resolver a ambiguidade.<sup>7</sup>

Horn defende que as frases alvo de negação metalinguística implicam um processo de reanálise pragmática, para serem inequivocamente compreendidas. À negação segue-se uma continuação de reformulação, na qual o item alvo de rejeição é substituído pelo item lexical, morfológico ou fonético apropriado. Salienta-se ainda que estas construções exibem um padrão entoacional ascendente, conforme afirma o autor.

(...) a felicitous utterance involves contrastive intonation with a final rise within the negative clause, followed by a continuation in which the offending item is replaced by the correct item in the appropriate lexical, morphological, and phonetic garb – a rectification (...).

(Horn, 1989:374)

Horn chama igualmente a atenção para as diferenças entre a negação regular e a metalinguística nos casos em que há a presença de predicados escalares. Apenas a negação metalinguística permite rejeitar a leitura da implicatura inicial, como em (14):

(14) He doesn't have three children, he has four.

Apenas a negação metalinguística, por não actuar ao nível da negação lógica dos conteúdos proposicionais, permite a negação de uma asserção sem negar o seu valor de verdade. Em termos lógicos, uma medida numérica como *três*, ao ser negada, implica a rejeição de um valor igual ou superior a *três*, pois a leitura de implicatura contida é a de um valor inferior. Na negação metalinguística, por apenas haver discordância, é possível cancelar a implicatura subjacente à negação da existência de *três* filhos, mas admitir a existência de um número superior de filhos, como *quatro*.

Na sua caracterização de negação metalinguística, Horn chama igualmente a atenção para a incompatibilidade deste tipo de negação com a negação morfológica através de prefixação ou sufixação – *the metalinguistic operator cannot incorporate morphologically as the un- or in- prefix*.

---

<sup>7</sup> Carston (1996) considera que a existência de uma asserção rectificativa não é, necessariamente, obrigatória.

Embora parta dos trabalhos de autores anteriores, é Horn (1989) quem coloca em destaque a incompatibilidade da negação metalinguística com os chamados itens de polaridade negativa (IPNs), dada a inexistência de concordância negativa nestes casos.

Por outro lado, ao contrário da negação regular, a negação metalinguística pode co-ocorrer com itens de polaridade positiva (IPPs).

First of all, as we have already observed, metalinguistic negation does not trigger negative polarity items.

But at the same time, affirmative or positive polarity items, expressions which normally do not occur felicitously inside the scope of an immediately commanding negation, can occur following an instance of metalinguistic negation.

(Horn, 1989:397)

Os testes com IPPs e IPNs apresentam-se como uma das formas de desambiguar a interpretação pragmática dada à negação, nos casos em que pode haver interpretação regular ou metalinguística.

Horn deixa, contudo, por tratar, a representação formal da negação metalinguística.

### 2.1.3 CARSTON (1996)

Partindo do trabalho elaborado por Horn (1989), Carston (1996) introduz importantes contribuições para o estudo da negação metalinguística.

Ao contrário do que defende Horn, Carston (1996) rejeita a ideia de que, na presença de negação metalinguística, a reanálise pragmática seja obrigatória – *the understanding of a negation as metalinguistic need not involve garden-pathing* –, apoiando-se em exemplos de inversão da ordem da asserção de reformulação.

De acordo com Carston, ao invertermos a ordem pela qual a negação e a reformulação surgem, a negação é entendida como metalinguística logo na primeira análise feita pelo receptor, não havendo necessidade de reanálise pragmática, tal como comprova a autora, a partir de exemplos como o que transcrevemos em (15):

(15) Maggie's patriotic AND quixotic; not patriotic OR quixotic.

(Carston, 1996:325)



Por outro lado, e contrariando o que autores como Burton-Roberts (1989) defendem, Carston rejeita a obrigatoriedade de a negação metalinguística encerrar sempre contradição lógica entre proposições.

It is far from obvious that metalinguistic negations are generally logical contradictions, as we saw above. (...)

Second, there appears to be considerable evidence scattered throughout the literature that the presupposition-denying cases themselves are not logical contradictions.

(Carston, 1996:329)

Talvez a maior contribuição de Carston (1996) na caracterização da negação metalinguística seja a definição daquela que considera ser a sua propriedade essencial: *implicit echoic use*.

Herdando a noção de uso ecóico introduzida por Sperber e Wilson (1986, 1988), Carston defende que os constituintes no escopo da negação funcionam como estruturas-eco, sendo apenas citados e não usados. Esta perspectiva permitira explicar, por um lado, a existência frequente de *garden-path utterances* e, por outro, a compatibilidade com IPPs, contra a rejeição de IPNs.

Em frases como as que se apresentam em (16), retiradas de Carston (1996:334), o IPP em questão é inicialmente introduzido na frase matriz, sendo posteriormente citado na negação metalinguística.

- (16) A: Mary is sometimes late.  
B: a. \*Mary is ever late.  
b. Mary isn't ever late.  
c. Mary isn't sometime late.

São especialmente relevantes os exemplos (16b) e (16c). Em (16b) observamos a presença do IPN *ever*, inserido numa frase negativa. Neste caso, estamos perante negação regular ou descritiva. O mesmo não sucede em (16c), onde o IPP *sometimes* é legitimado pelo facto de estarmos perante negação metalinguística e todo o material no escopo da negação ser uma citação. Segundo Carston (1996), nestes casos, o material citado não está a ser usado, funcionando como uma unidade estanque e não admitindo, portanto, a inserção de outros elementos no seu interior.

Este mesmo princípio do uso ecóico implícito explica igualmente a impossibilidade de a negação metalinguística ocorrer com negação morfológica, como verificara Horn (1989). Nesses contextos, o operador de negação funciona a um nível diferente do resto da oração. A informação citada não permite a incorporação de material exterior à própria citação.

A generalização do princípio do uso ecóico implícito para todos os enunciados que contêm negação metalinguística revela-se de particular importância para a descrição dos dados que apresentaremos neste trabalho.

#### 2.1.4 DROZD (2001) E MARTINS (2010a; no prelo)

Do ponto de vista sintáctico, a negação metalinguística continua por explorar. Destacam-se, contudo, os trabalhos de Drodz (2001), para o inglês, e de Martins (2010a; no prelo), para o português europeu.

No seu estudo dedicado à aquisição da linguagem – mais precisamente, à aquisição da negação no inglês – Drodz (2001) avança uma hipótese de localização sintáctica do marcador de negação *no*, observado em contextos que propõe serem produções de negação metalinguística das crianças.

Sem entrar em detalhes, Drodz (2001) sugere que o marcador *no*, que surge na periferia esquerda das frases, seja gerado no domínio de CP, distinguindo-se estruturalmente do marcador de negação regular com a mesma forma.

Para o PE, Martins (2010a; no prelo) apresenta uma descrição sintáctica bem mais detalhada, mas que vai ao encontro da proposta de Drodz (2001). Martins (2010a; no prelo) propõe uma representação sintáctica para os marcadores internos *cá* e *lá* e outra para o marcador periférico *agora*.<sup>8</sup> Para os primeiros, a autora propõe que sejam gerados em TP e que se desloquem, posteriormente, para o domínio de CP. No que diz respeito ao marcador *agora*, este seria gerado directamente no domínio de CP.

As propostas de Drodz (2001) e Martins (2010a; no prelo) serão descritas com mais detalhe no capítulo 4 deste trabalho.

<sup>8</sup> À semelhança do que se verifica no inglês, em que os marcadores *no/not* podem ser usados para expressar negação regular e negação metalinguística, no PE, o *marcador não* é igualmente ambíguo. No entanto, o PE dispõe, adicionalmente, de marcadores de negação metalinguística não ambíguos, como *lá*, *cá* e *agora*, aos quais está vedada a expressão de negação regular.

A: A Maria tem três irmãos.

B: a. Não tem três irmãos. Tem quatro!

b. Tem *lá/cá* três irmãos. Tem quatro!

c. Tem *agora* três irmãos. Tem quatro!

# 3.

## ***NADA*: UM MARCADOR DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA**

---

### **3.0 INTRODUÇÃO**

Definimos anteriormente aquilo que será, doravante, o nosso objecto de estudo: o marcador de negação metalinguística *nada*.

No presente capítulo, a nossa atenção centrar-se-á na descrição e discussão do comportamento sintáctico de *nada*, defendendo-se a sua classificação como marcador de negação metalinguística. A aplicação de testes sintácticos, incluindo os propostos por Horn (1989), irá permitir-nos apresentar evidências de que estamos perante um marcador de negação metalinguística, semelhante ao marcador *agora* (cf. Martins 2010a).

O presente capítulo encontra-se dividido em 6 secções.

Na secção 3.1 apresentaremos *nada* como marcador de negação metalinguística, contrastando-o com a negação regular, através da aplicação dos testes de Horn (1989), bem como de outros testes considerados relevantes.

Em 3.2 contrastaremos a construção enfática [Não\_V\_nada] com a estrutura de negação metalinguística [V\_nada], mostrando, através de testes sintácticos, que se trata de tipos de negação distintos.

Em 3.3 esclareceremos os conceitos de marcador de negação interno e periférico, introduzidos por Martins (no prelo), colocando *nada* neste último grupo.

Em 3.4 debruçar-nos-emos sobre outras características particulares do comportamento do marcador *nada*.

Por fim, em 3.5, procederemos a algumas observações comparativas, confrontando os dados recolhidos para o PE, com os dados do PB, tendo em consideração, não apenas o marcador *nada*, mas também as construções com *não* pós-verbal.

A secção 3.6 apresenta uma conclusão e sumário de todo o capítulo.

### 3.1 NEGAÇÃO REGULAR E NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA

Nesta secção confirmaremos que o marcador *nada*, presente na estrutura [V\_*nada*] apresenta um comportamento bastante similar ao de outros marcadores metalinguísticos como *cá/lá* e *agora*. Nesse sentido, serão aplicados e discutidos os testes propostos por Horn (1989), que evidenciam a impossibilidade de os marcadores de negação metalinguística estabelecerem relações de concordância negativa. A aplicação destes testes posicionará *nada* no grupo da negação metalinguística, afastando-o da negação regular.

No entanto, e uma vez que a diferença entre o *nada* metalinguístico e o *nada* enfático que encontramos na estrutura [Não\_V\_*nada*] pode não ser óbvia, trataremos ainda de demonstrar, especificamente em relação a estas estruturas, que estamos perante dois tipos diferentes de negação.

O marcador de negação *nada*, presente na estrutura [V\_*nada*], apresenta um comportamento distinto do da negação regular, porém muito aproximado do de outros marcadores de negação metalinguística.

Senão vejamos:

#### 3.1.1 NECESSIDADE DE LEGITIMAÇÃO DISCURSIVA PRÉVIA

Um dos parâmetros propostos por Horn (1989) consiste na necessidade de um contexto discursivo anterior à negação, que a legitime.

Todos os exemplos recolhidos em *corpora* apontam para a necessidade imperativa de um contexto prévio à ocorrência de *nada*, tornando obrigatória a existência de legitimação discursiva, como ilustra o exemplo (17):

- (17) INF1 Fumava muito. E o homem dizia... O homem fumava muito. E eu dizia para ele: "Ó senhor doutor isso mata-o"! "Mata *nada*, não faz mal"! Fumava assim por uma caneta como a senhora, assim como...

(Cordial-Sin - COV35-N)

Esta condição determina que a ocorrência de *nada* pós-verbal, sem um antecedente discursivo, produza frases agramaticais, ao contrário do que se verifica na expressão da negação regular, como se constata em (18):

- (18) [Dois amigos estão juntos numa esplanada e quando chega a hora de pagar, um deles não tem dinheiro.]
- a. Não tenho dinheiro. Pagas-me o café?
  - b. \*Tenho *nada* dinheiro! Pagas-me o café?

Como podemos verificar, através do contraste de gramaticalidade entre (18a) e (18b), a negação regular não necessita de um contexto legitimador, podendo negar uma proposição sobre a qual não existe qualquer informação anterior. Pelo contrário, a negação com *nada* exige legitimação discursiva, pelo que, face à ausência de discurso prévio, não é possível fazer uso deste tipo de estrutura. Torna-se claro que uma asserção com *nada* tem de ocorrer, obrigatoriamente, na sequência de um enunciado anterior.

Por outro lado, *nada* expressa necessariamente a contradição de uma asserção prévia, quer esta seja explícita, quer seja implícita ou pressuposta. Nesse sentido, sempre que não exista uma asserção passível de ser negada, como se verifica no caso de interrogativas sem antecipação de resposta, a estratégia de negação com *nada* não pode ocorrer.

Os exemplos em (19) e (20) ilustram a obrigatoriedade de *nada* negar informação previamente conhecida:

- (19) A: Ele vai sair ?  
B: a. #Vai *nada* sair. Ele raramente sai.

O exemplo em (19) contrasta claramente com (20), na medida em que, no segundo caso, estamos perante uma interrogativa com antecipação de resposta, havendo no enunciado produzido por (20A) uma asserção implícita, que pode ser negada:

- (20) A: Não está grande o Joãozinho?  
B: a. Está *nada* (grande)! Continua com a mesma altura.

Percebemos assim que *nada* necessita de um contexto discursivo anterior que introduza uma asserção passível de ser negada, nunca surgindo em frases que expressem inteiramente informação nova.

### 3.1.2 NEGAÇÃO DISCORDANTE

Outro dos aspectos que caracteriza os marcadores de negação metalinguística, e que se relaciona directamente com o ponto anterior, é precisamente a obrigatoriedade de expressarem negação discordante.

Na verdade, a estratégia [V\_*nada*] surge como negação discordante de uma asserção prévia que, regra geral, aparece imediatamente antes da estrutura relevante, embora existam exemplos em que a asserção contestada se encontra distante da frase que a contradiz.

Em (21) mostra-se que *nada* refuta uma dada afirmação prévia, seguindo-se habitualmente uma nova proposição que justifica a refutação.

- (21) INF1 Não me dou mal, mas já tenho muitos dias. (...) Já é dias a mais. Já podia dar os meus dias (...) a outro, (que estou velho)!

*INQ1* Ah! **Tem nada**, está aí tão rijo! Agora dias a mais!

(Corpus Cordial-Sin - MLD01-N)

Uma vez que *nada* apenas permite expressar negação discordante, estão-lhe vedados todos os contextos de negação concordante, como se exemplifica no teste em (22).

- (22) A: Não podes ir à aula, pois não?

B: a. \*Posso *nada* ir à aula.

Embora seja frequente a existência de uma asserção de reformulação, o seu carácter é opcional. De acordo com a descrição feita por Horn (1989) para a negação metalinguística, seria obrigatória uma asserção posterior que permitisse a interpretação da palavra negativa como expressão da negação metalinguística. A isto chama Horn de *garden-path utterance*. Contrariando a análise de Horn e na esteira do que afirma Carston (1996), defendemos que essas asserções de reformulação não têm um carácter obrigatório universal e que a sua ausência não compromete a compreensão da negação metalinguística<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Por carácter obrigatório universal entendemos a obrigatoriedade de a asserção de reformulação surgir em todas as situações de negação metalinguística. Os marcadores *cá/lá*, *agora* e *nada* dispensam-na em alguns casos, porém veremos que, para o *não* metalinguístico, a sua presença é obrigatória.

### 3.1.3 COMPATIBILIDADE COM ITENS DE POLARIDADE POSITIVA

Um dos testes clássicos apresentados por Horn para identificar a negação metalinguística é o da compatibilidade com itens de polaridade positiva (IPPs) fortes. Os marcadores de negação metalinguística são compatíveis com IPPs fortes do tipo de *e pêras* ou *dos diabos*. Pelo contrário, os marcadores de negação regular não os legitimam, como se verifica em (23) e (24):

- (23) A: a. O Pedro é um nadador e pêras.  
b. \*O Pedro não é um nadador e pêras.

- (24) A: a. A Maria teve uma sorte dos diabos no exame de condução.  
b. \*A Maria não teve uma sorte dos diabos no exame de condução.

Tal como não podem surgir em contextos de negação regular, os IPPs fortes encontram-se igualmente excluídos das frases interrogativas, como se ilustra em (25):

- (25) \*O Pedro é um nadador e pêras?

O exemplo em (26), que a seguir se apresenta, permite verificar que as asserções com *nada* são compatíveis com IPPs fortes.

- (26) A: O Pedro é um atleta e pêras!  
B: a. É *nada* um atleta e pêras! Fica sempre em último lugar nas competições.

Nesse sentido, *nada* apresenta um comportamento muito semelhante ao que se verifica para outros marcadores de negação metalinguística como *agora* e *cá/lá*, tal como se ilustra em (27).

- (27) A: A Maria teve uma sorte dos diabos!  
B: a. Teve *nada* uma sorte dos diabos! Teve foi azar!  
b. Teve *agora* uma sorte dos diabos! Teve foi azar!  
c. Teve *cá/lá* uma sorte dos diabos! Teve foi azar!

Apenas os marcadores de negação metalinguística permitem manter a leitura idiomática característica dos IPPs fortes acima exemplificados. Por seu turno, a negação regular força uma interpretação literal, bloqueando o uso deste tipo de expressões.

### 3.1.4 INCOMPATIBILIDADE COM ITENS DE POLARIDADE NEGATIVA

É sabido que os marcadores de negação metalinguística não estabelecem relações de concordância negativa, pelo que este teste é particularmente relevante para posicionar *nada* no grupo dos marcadores de negação metalinguística. Contrariamente ao que se verifica para a negação regular, os marcadores de negação metalinguística não admitem itens de polaridade negativa (IPNs), dado que não concordam com palavras negativas de outra natureza. Em (28) e (29) verificamos essa incompatibilidade:

(28) A: O Pedro deu um erro na composição.

- B: a. \*Deu *nada* erro *nenhum*! A composição estava perfeita.  
b. Não deu erro *nenhum*! A composição estava perfeita.  
c. \*Deu *agora* erro *nenhum*! A composição estava perfeita.  
d. \*Deu *cá/lá* erro *nenhum*! A composição estava perfeita.

(29) A: Hoje vais tu limpar o pó!

- B: a. \*Limpo *nada* o pó nem morta!  
b. Não limpo o pó nem morta!  
c. \*Limpo *agora* o pó nem morta!  
d. \*Limpo *cá/lá* o pó nem morta!

Estes resultados comprovam a incompatibilidade dos marcadores de negação metalinguística com IPNs e colocam em evidência a natureza metalinguística do marcador *nada*, aqui em análise.

Além dos testes propostos por Horn, que acabámos de analisar, existe ainda um outro teste, apresentado por Martins (2010a) que permite distinguir negação regular de negação metalinguística.

De acordo com a autora, marcadores de negação metalinguística são excluídos das orações encaixadas, como se verifica nos exemplos em (30):



- (30) A: A Maria disse que foi à missa.  
 B: a. Disse *nada* que foi à missa.  
 b. \*Disse que foi *nada* à missa.  
 c. A Maria não disse que foi à missa.  
 d. A Maria disse que não foi à missa.  
 e. Disse *agora* que foi à missa.  
 f. \*Disse que foi *agora* à missa.

Como nos mostram os exemplos (30c) e (30d), a negação regular permite negar tanto o verbo principal, como o verbo da oração completiva. O mesmo não se verifica no caso dos marcadores metalinguísticos, aos quais está vedada a possibilidade de negarem a oração encaixada, como se mostra em (30b) e (30f).

Os resultados até agora apresentados permitem verificar que *nada* se comporta de forma idêntica aos marcadores metalinguísticos *agora* e *cá/lá*, afastando-se da negação regular, na medida em que é incompatível com IPNs, mas compatível com IPPs fortes, necessita de legitimação discursiva, veicula apenas negação discordante e está excluído das orações encaixadas. Não obstante as semelhanças encontradas entre os marcadores *agora*, *cá/lá* e *nada*, estes marcadores não apresentam um comportamento totalmente homogéneo, sendo possível distinguir dois grandes grupos de marcadores, como demonstraremos na secção 3.3.

### 3.2 NEGAÇÃO ENFÁTICA VS. NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA – DUAS CONSTRUÇÕES COM *NADA*

A distinção entre negação enfática e negação metalinguística torna-se particularmente pertinente na medida em que *nada* pode ser tanto marcador de negação metalinguística, como marcador de negação enfática. Antes, porém, de avançarmos na distinção entre as duas estruturas, convém explicitar aquilo que aqui se considera como negação enfática.

O termo *negação enfática* tem sido usado para designar diferentes estratégias de reforço da negação. Em PE a negação enfática pode surgir sob a forma [Não\_V\_não] ou sob a forma [Não\_V\_nada].

O uso de *nada* e *não* pós-verbais, como marcas de ênfase, foi notado por Gonçalves (1995). De acordo com a autora, *nada* e *não* pós-verbais ocorrem no mesmo tipo de contextos, tipicamente exclamativos, embora se assinalem diferenças entoacionais entre as duas partículas.

Também Hagemeyer e Santos (2003) assinalam o *não* pós-verbal como partícula enfática, referindo-se a este tipo de estratégia como *negação aparentemente descontínua*. Sobre a estratégia [Não\_V\_nada], os autores consideram que *nada* possui propriedades de intensificação, embora se distinga de *não* pós-verbal pela ausência de quebra entoacional e por ocupar uma posição menos periférica.

Os exemplos apresentados em (31) e (32) exemplificam as duas estratégias a que nos referimos:

(31) O Pedro *não* fugiu de casa, *não!*

(32) O Pedro *não* fugiu *nada* de casa!

Nesta secção, tomaremos como relevante apenas a estrutura exemplificada em (31), que inclui o marcador *não*, seguido da forma verbal e de *nada* enfático, ou seja, não-argumental, nem quantificacional: [Não\_V\_nada].

Como referimos inicialmente, a negação com recurso ao marcador *nada*, com ausência do marcador canónico *não*, tem passado despercebida na literatura. Apesar da quase inexistência de informação relativa a esta estrutura, ela já havia sido notada por Gonçalves (1995). A proximidade superficial entre [V\_nada] e [Não\_V\_nada] levou a que a autora assumisse que a estrutura sem o marcador *não* derivaria da estrutura enfática, verificando-se a supressão ocasional de *não*, à semelhança do que se observa no francês relativamente a *ne...pas*.<sup>10</sup>

Será a hipótese de Gonçalves (1995) sustentável? Os dados demonstram que não.

Nesta secção, centrar-nos-emos nas diferenças que permitem distinguir estas duas construções com *nada* e classificá-las como negação metalinguística e negação regular, respectivamente.

As razões que permitem supor que *nada* metalinguístico derive da forma enfática [Não\_V\_nada] prendem-se, sobretudo, com a ocorrência dos dois *nada* em contextos semelhantes.

Observemos (33):

---

<sup>10</sup> Cf. Gonçalves. (1995:220-222)

(33) INF A gente aqui... A senhora sabe que a gente aqui é uma bruta.

INQ *Ab!*

[Risos]

INQ *É agora!*

INF E da minha idade mesmo... E da minha idade, mesmo quem não sabe ler, uma brutinha! *É.*

INQ *Não é nada!*

(Corpus Cordial-Sin - GRJ05-N)

O exemplo acima permite verificar que [Não\_V\_nada] ocorre em contextos de negação discordante, tal como havíamos constatado, anteriormente, para [V\_nada]. Dado que exprimem negação discordante, ambas as estruturas coincidem também na exigência de legitimação discursiva.

Por outro lado, vimos anteriormente que a aplicação dos testes de Horn posicionavam *nada* no lado da negação metalinguística, afastando-o da negação regular. Observando os exemplos em (34) e (35), que apresentam testes com IPPs fortes e IPNs, verificamos que o *nada* enfático se comporta de forma distinta do *nada* metalinguístico.<sup>11</sup>

(34) A: A Maria é uma dançarina e pêras.

B: a. ??/\**Não é nada* uma dançarina e pêras. Nunca vi ninguém que dançasse tão mal.

b. *É nada* uma dançarina e pêras. Nunca vi ninguém que dançasse tão mal.

(35) A: Dá um beijo à tua amiga para fazerem as pazes.

B: a. Não lhe dou *nada* beijo *nenhum*.

b. \*Dou-lhe *nada* beijo *nenhum*.

Observando os resultados apresentados em (34) para ambos os marcadores, constata-se que apenas o *nada* metalinguístico é compatível com IPPs fortes (34b), ao passo que o *nada* enfático é agramatical no mesmo contexto (34a). Este contraste nos resultados deve-se ao facto de a negação regular, e por conseguinte, a negação enfática, bloquear a

---

<sup>11</sup> Apesar das diferenças assinaladas entre o *nada* metalinguístico e o *nada* enfático, Martins (no prelo) frisa que, no caso das orações encaixadas, não é possível distinguir inequivocamente os dois tipos de negação em causa, dado que a negação enfática também não legitima a negação de orações encaixadas.

interpretação idiomática dos IPPs relevantes, deixando disponível apenas uma leitura literal. A negação metalinguística, pelo contrário, permite manter a leitura idiomática de *e pêras*.

Já no que diz respeito ao teste apresentado em (35), verifica-se que apenas o *nada* enfático é compatível com IPNs, ao contrário do metalinguístico que não os admite. A razão desta diferença reside no facto de, nas frases com negação enfática, se observar o fenómeno da concordância negativa, que não é extensível a outro tipo de negação que não a regular.

Um outro teste que aqui se aplica para distinguir [V\_*nada*] de [Não\_V\_*nada*] é precisamente a capacidade de negar asserções negativas, pois apenas alguns marcadores metalinguísticos podem ter escopo sobre a negação proposicional (em frases simples).

Em (36) apresentamos os resultados das duas estruturas com *nada*, enquanto negação de uma asserção negativa.

(36) A: Nunca mais comi bolos!

B: a. *Nunca* mais comeste bolos, *nada*! Ainda ontem te vi comer um palmier.

b.\**Nunca* mais não comeste *nada* bolos! Ainda ontem te vi comer um palmier.

c.\**Nunca* mais não comeste bolos *nada*! Ainda ontem te vi comer um palmier.

Repare-se que apenas o *nada* em (36a) permite negar a asserção negativa, sendo agramaticais as frases em (36b) e (36c), com *nada* enfático. Estes resultados vêm corroborar, uma vez mais, a impossibilidade de se tratar de uma mesma construção, ou seja, de um único tipo de negação.

[V\_*nada*] e [Não\_V\_*nada*] distinguem-se ainda pela capacidade de terem, ou não, escopo sobre pronomes quantificadores na posição de Sujeito, como se ilustra em (37):

(37) A: Alguém comeu o bolo!

B: a. *Alguém* comeu o bolo, *nada*! Que eu saiba, foste tu que o comeste!

b.\**Alguém* não comeu *nada* o bolo! Que eu saiba, foste tu que o comeste!

c.\**Alguém* não comeu o bolo *nada*! Que eu saiba, foste tu que o comeste!

Apenas (37a) é gramatical, já que nenhuma das frases com [Não\_V\_*nada*] produziu resultados gramaticais, indicando que, tal como se verifica na negação regular, o quantificador está fora do escopo da negação enfática, mas não do da negação metalinguística.

Outro teste que permite evidenciar as diferenças entre negação enfática e [V\_nada] envolve advérbios que podem servir de respostas mínimas a interrogativas totais. Apresentamos como exemplo os advérbios *também*, *ainda* e *já* (cf. Gonzaga, 1997 e Santos, 2009). Aparentemente, este tipo de advérbios, quando em posição pré-verbal, é incompatível com a negação enfática. Senão vejamos:

(38) A: O Pedro também estuda alemão.

B: a. *Também* estuda (*nada*) alemão (*nada*).

b. \*/#*Também* não estuda *nada* alemão.

c. *Também* estuda alemão, *uma ova!*

O exemplo em (38) permite verificar que o *nada* metalinguístico em (38a) co-ocorre com *também*, à semelhança de um marcador metalinguístico idiomático, como é o caso de *uma ova*, em (38c). Pelo contrário, (38b) revela que o *nada* enfático devolve um resultado agramatical.

A somar aos testes já apresentados, propomos ainda um outro teste com marcadores enfáticos do tipo de *sempre* que podem surgir despojados do seu valor temporal. Estes advérbios, quando usados com valor enfático, são sempre pré-verbais (cf. Martins 1994, Gonzaga, 1997), pelo que, tal como os quantificadores em (37) e os advérbios em (37), permitem avaliar a compatibilidade de ambos os marcadores com constituintes à esquerda do verbo.

(39) A: Afinal o Pedro sempre veio à festa!

B: a. *Sempre* veio à festa, *nada!* Nem apareceu...

b. \**Sempre* não veio nada à festa. Nem apareceu...

c. \**Sempre* não veio à festa nada. Nem apareceu...

d. Não veio nada à festa. Nem apareceu...

e. *Sempre* veio à festa, *uma ova!* Nem apareceu...

Independentemente da posição que o marcador enfático ocupa na frase, os resultados devolvidos são agramaticais, mostrando que a negação enfática não é capaz de negar frases com advérbios enfáticos pré-verbais, por não ter escopo sobre os mesmos. Tal não acontece em (39a), onde *nada* metalinguístico permite negar toda a asserção, à semelhança do que acontece com um marcador de negação metalinguística periférico como

*uma ova*, em (39e).

Finalmente, é ainda de assinalar uma última diferença entre [V\_nada] e [Não\_V\_nada]. Ao contrário do que vimos para o marcador de negação metalinguística *nada*, as estruturas com *nada* enfático, por serem indissociáveis do marcador *não*, não podem ocorrer sob a forma de fragmentos nominais.

Se observarmos os exemplos em (40) e (41) constatamos que a omissão do verbo na estrutura [Não\_V\_nada] gera frases agramaticais, independentemente de a posição ocupada pelo *nada* enfático ser medial ou de final de frase.

- (40) A: O bolo está saboroso!  
 B: a. Saboroso, *nada!* Está intragável!  
     b. \*Não saboroso *nada!* Está intragável!  
     c. \*Não *nada* saboroso. Está intragável!
- (41) A: A Ana acabou de adoptar um cãozinho!  
 B: a. Um cãozinho, *nada!* É uma cadelinha!  
     b. \*Não um cãozinho *nada!* É uma cadelinha!  
     c. \*Não *nada* um cãozinho! É uma cadelinha!

A análise do comportamento dos dois *nada* nos testes até agora apresentados demonstra que se trata de dois marcadores de natureza diferente. A aparente proximidade entre as estruturas não corresponde a uma natureza idêntica, não sendo possível afirmar que estamos perante uma mesma construção, com elipse do marcador de negação *não*, como defende Gonçalves (1995).

Na verdade, a posição da autora é motivada pela aparente semelhança entre estas estruturas, com e sem o marcador *não*, e o caso do *ne...pas* do francês. A existência de duas estruturas, aparentemente idênticas, em que o marcador de negação *não* parece poder ser opcional, leva Gonçalves (1995) a considerar que estamos perante o tipo de evolução dos marcadores de negação assinalado por Jespersen (1917), a que se convencionou chamar *Ciclo de Jespersen*. O *Ciclo de Jespersen* prevê a passagem dos operadores negativos por quatro etapas de evolução, desde a sua ocorrência como marcadores únicos (etapa I), passando por uma fase de co-ocorrência opcional com um marcador enfático (etapa II), à qual se segue a obrigatoriedade de esse marcador enfático ocorrer juntamente com o marcador principal (etapa III), tornando-se, finalmente, o primitivo marcador enfático obrigatório na

frase e passando o primitivo marcador principal a ser opcional (etapa IV).

No entanto, a presença ou ausência do marcador *não* não pode ser aqui interpretada como consequência de uma das etapas do *Ciclo de Jespersen*, pelo simples facto de que estas duas estruturas exibem comportamentos distintos em todos os testes apresentados.

Concluimos assim que existem dois marcadores homónimos a operar no sistema de negação do PE; no entanto, o *nada* enfático pertence ao âmbito da negação regular, ao passo que o *nada*, sobre o qual nos debruçamos, é claramente metalinguístico.

### 3.3 MARCADORES INTERNOS VS. MARCADORES PERIFÉRICOS

Em PE, os marcadores de negação metalinguística podem ser classificados em *internos* e *periféricos*, não só de acordo com a posição que ocupam na frase, mas também em função de um conjunto de comportamentos diferenciadores, como foi observado por Martins (no prelo).

Consideram-se internos os marcadores *cá* e *lá*, e periféricos os marcadores do tipo de *uma ova*, *o tanas* e *agora* (embora o último tenha um estatuto, em certa medida, particular).

Com base nos testes propostos por Martins (no prelo), nesta secção mostraremos que *nada* se situa no grupo dos marcadores periféricos, distanciando-se assim de *cá/lá* e aproximando-se de *agora*.

#### 3.3.1 ORDEM DE PALAVRAS – POSIÇÃO INICIAL OU PERIFÉRICA

A posição superficial que um marcador metalinguístico ocupa na frase ajuda a determinar a sua natureza interna ou periférica. Enquanto os marcadores *cá/lá* apenas ocorrem em adjacência ao verbo, numa posição interna à frase, o marcador *agora* pode surgir em ambas as posições, periférica ou interna.

À semelhança do que se verifica com *agora*, também *nada* é, aparentemente, flexível no que concerne a sua posição superficial na frase.

Observemos o exemplo em (42):

(42) A: Amanhã vou à praia, quer queiras, quer não!

B: a. Vais *nada* à praia!

b. Vais à praia, *nada*!

- c. Vais *lá/cá* à praia!
- d. \*Vais à praia *lá/cá*!
- e. Vais *agora* à praia!
- f. Vais à praia *agora*!
- g. Vais à praia, *uma ova*!
- h. *Uma ova* é que vais à praia!

Os exemplos apresentados em (42) mostram-nos que *nada* pode ocorrer em posição interna à frase e imediatamente adjacente ao verbo, sendo esta a sua posição não-marcada. No entanto, *nada* pode igualmente ocorrer em final de frase, ainda que esta posição esteja reservada a determinados contextos, que exploraremos mais adiante.

### 3.3.2 OCORRÊNCIA ISOLADO OU COM FRAGMENTOS NOMINAIS

Os marcadores internos distinguem-se dos periféricos por não poderem ocorrer isoladamente ou com fragmentos nominais. Em frases onde não existam formas verbais às quais o marcador interno se possa adjungir, o seu uso produz enunciados agramaticais.

Observemos os exemplos em (43) e (44):

(43) A: O Pedro vai casar amanhã!

B: a. \**Nada*!

b. \**Cá/lá*!

c. *Agora*!

d. *Uma ova*!

(44) A: Eles compraram um piriquito.

B: a. Um piriquito, *nada*! Um canário.

b. \*(*Cá/lá*) um piriquito (*cá/lá*)! Um canário.

c. *Agora* um piriquito! Um canário.

d. Um piriquito, *uma ova*! Um canário.

O teste em (43) apresenta-nos os resultados obtidos pelos vários marcadores quando usados isoladamente. Os marcadores internos *cá/lá* devolvem resultados



agramaticais, ao passo que *agora* e *uma ova*, por serem periféricos, podem ocorrer isoladamente.

Surpreendentemente, *nada* devolve resultados agramaticais neste teste, não sendo possível o seu uso isolado. Isto não significa, contudo, que o seu comportamento seja o de um marcador interno, dado que é possível a ocorrência de *nada* com fragmentos nominais, contexto esse que está vedado aos marcadores internos. Percebemos assim que, embora possa ocorrer com fragmentos nominais, *nada* não pode ocorrer isoladamente, a menos que surja acompanhado pelos marcadores *cá* e *lá*, conforme ilustram os exemplos em (45):

- (45) A: Esse vestido é ridículo!  
 B: a. É *nada*!  
     b. Ridículo, *nada*!  
     c. \**Nada*!  
     d. *Cá/lá nada*!

Apenas (45c) é agramatical, mostrando que *nada* não pode ocorrer sozinho como marcador de negação metalinguística, exigindo a presença de um outros constituinte, à sua esquerda, ainda que seja de natureza não-argumental.

A razão pela qual não é permitido a *nada* ocorrer isoladamente parece estar relacionada, não com a sua natureza interna ou periférica, mas com questões que se prendem com requisitos de segunda posição. Uma hipótese de explicação para este fenómeno poderá residir no enfraquecimento do marcador *nada*, como consequência da sua passagem de palavra lexical para palavra funcional.

### 3.3.3 NEGAÇÃO DE FRASES NEGATIVAS

Como vimos atrás, uma das características que distingue os marcadores de negação metalinguística das palavras negativas (como os indefinidos negativos *nenhum*, *nada*, *ninguém*, ou o *nada* enfático, por exemplo) é a impossibilidade de os primeiros estabelecerem relações de concordância negativa.

A possibilidade de negar negação regular, por outro lado, parece ser uma capacidade exclusiva dos marcadores de negação metalinguística periféricos, conforme mostrou Martins (no prelo). Observemos os exemplos de (46) a (48), que testam o comportamento dos marcadores internos e periféricos em frases negativas.

- (46) A: O avô nunca dorme.  
 B: a. *Nunca* dorme, *nada!* Bem o vejo ressonar no sofá todas as tardes.  
 b. \**Nunca* dorme *cá/lá*. Bem o vejo ressonar no sofá todas as tardes.  
 c. *Nunca* dorme *agora*. Bem o vejo ressonar no sofá todas as tardes.  
 d. *Nunca* dorme *uma ova*. Bem o vejo ressonar no sofá todas as tardes.
- (47) A: Ninguém faz patavina nesta casa!  
 B: a. *Ninguém* faz patavina, *nada!* Farto-me de trabalhar.  
 b. \**Ninguém* faz *cá/lá* patavina! Farto-me de trabalhar.  
 c. *Ninguém* faz *agora* patavina! Farto-me de trabalhar.  
 d. *Ninguém* faz patavina *uma ova!* Farto-me de trabalhar.
- (48) A: Ela não falou ao Zé porque não o viu.  
 B: a. *Não* o viu, *nada!* Fingiu que não viu.  
 b. \**Não* o viu *cá/lá*. Fingiu que não o viu.  
 c. *Não* o viu *agora!* Fingiu que não o viu.  
 d. *Não* o viu *uma ova!* Fingiu que não o viu.

Como se pode observar a partir do exemplo em (46) os marcadores *nada*, *agora* e *uma ova* permitem negar frases negativas, quer com o marcador canónico *não*, quer com palavras negativas como *nunca* e *ninguém*. O mesmo não se verifica com os marcadores *cá* e *lá*, que não permitem negar frases negativas, tal como atestam as frases (46b), (47b) e (48b).

Embora o exemplo em (48a) seja semelhante à estrutura de negação enfática [Não\_V\_nada], o marcador em causa é o *nada* metalinguístico, uma vez que não se verifica concordância negativa entre os dois marcadores – *não* e *nada* – e apenas o *nada* metalinguístico é capaz de expressar negação discordante relativamente a uma asserção negativa.

### 3.3.4 COMPATIBILIDADE COM COORDENAÇÃO

Um último teste proposto por Martins (2010a; no prelo) para a distinção entre marcadores internos e periféricos diz respeito à negação de estruturas coordenadas. Numa estrutura coordenada, os marcadores periféricos permitem negar ambos os membros da

coordenação, ao passo que os marcadores internos apenas negam o membro em que estão inseridos. Em (49) é possível observar o comportamento dos dois tipos de marcadores:

- (49) A: Eles casaram e tiveram um filho.  
 B: a. Casaram (*nada*) e tiveram um filho (*nada*)!  
 b. \*Casaram *cá/lá* e tiveram um filho!  
 c. Casaram (*agora*) e tiveram um filho (*agora*)!  
 d. Casaram e tiveram um filho *uma ova*!

Verificamos que os marcadores internos *cá* e *lá* devolvem resultados agramaticais, ao passo que os periféricos legitimam uma interpretação de negação de ambos os eventos coordenados. Neste ponto há a destacar o comportamento idêntico de *nada* e *agora*, que podem ocorrer em ambos os membros da coordenação, conservando a interpretação de negação de toda a estrutura coordenada. Uma vez mais, *nada* apresenta resultados que permitem classificá-lo como periférico.

### 3.3.5 COMPATIBILIDADE COM ADVÉRBIOS ENFÁTICOS E FOCO CONTRASTIVO

Em PE, alguns advérbios adquirem um sentido enfático, distinto do seu valor de base, que se encontra associado à sua ocorrência em posição pré-verbal, conforme notam Martins (1994) e Gonzaga (1997).

Tomaremos como exemplo os advérbios *sempre* e *bem*, na sua interpretação enfática. Estes advérbios são gerados numa posição necessariamente mais alta do que a posição em que é gerada a negação, pelo que, frases que contenham este tipo de advérbios não podem ser negadas através de marcadores de negação internos, porque os advérbios relevantes ficarão fora do escopo da negação.

Assim, acrescentamos aos testes propostos por Martins (no prelo) este novo teste, para distinguir marcadores internos de periféricos.

Observemos os testes com *sempre*, em (50) e com *bem* em (51):

- (50) A: Afinal, o Pedro sempre veio à festa.  
 B: a. *Sempre* veio à festa, *nada*! Nem sequer lá pôs os pés.  
 b. \**Sempre* veio *cá/lá* à festa! Nem sequer lá pôs os pés.  
 c. *Sempre* veio *agora* à festa! Nem sequer lá pôs os pés.

d. Sempre veio à festa *uma ova!* Nem sequer lá pôs os pés.

(51) A: Bem te avisei!

B: a. *Bem* me avisaste, *nada!* Tu também não sabias de nada!

b. \**Bem* me avisaste *cá/lá!* Tu também não sabias de nada!

c. *Bem* me avisaste *agora!* Tu também não sabias de nada!

d. *Bem* me avisaste *uma ova!* Tu também não sabias de nada!

Tendo em linha de conta os resultados obtidos em (50) e (51), podemos concluir que advérbios como *sempre* e *bem* (que, enquanto advérbios enfáticos, ocupam uma posição alta na frase) bloqueiam os marcadores internos.

O mesmo sucede nas construções de foco contrastivo, aqui representadas pela estrutura com *é que*, em (52).

(52) A: A Maria é que comeu o bolo.

B: a. A Maria é que comeu o bolo, *nada!* Quem o comeu foste tu!

b.\*A Maria é que comeu o bolo *cá/lá!* Quem o comeu foste tu!

c. A Maria é que comeu o bolo *agora!* Quem o comeu foste tu!

d. A Maria é que comeu o bolo *uma ova!* Quem o comeu foste tu!

As frases em (52) tornam evidente que apenas os marcadores internos *cá* e *lá* são bloqueados pelas construções de foco. Relativamente ao marcador *nada*, os exemplos demonstram ser compatível com estruturas de foco contrastivo, tal como se verifica para *agora* e *uma ova*.

Os testes que explorámos neste ponto permitem-nos confirmar que o marcador *nada* se comporta de forma idêntica aos marcadores *agora* e *uma ova*, considerados periféricos, por oposição a *cá* e *lá*, que funcionam como marcadores internos.

Não obstante a classificação de *nada* como marcador metalinguístico periférico, a sua posição na frase voltará a ser focada mais adiante, na secção 3.4.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Martins (2010a; no prelo), inspirando-se em Biberauer e Cyrino (2009), propõe ainda outro teste com base em expressões idiomáticas. Esse teste não foi, contudo, incluído, por considerar que os meus juízos de gramaticalidade em relação aos resultados obtidos na sua aplicação eram pouco claros.

### 3.4 OUTRAS PROPRIEDADES DO MARCADOR DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA *NADA*

Nas secções anteriores ocupámo-nos da classificação do marcador *nada* como metalinguístico periférico e comprovámos a sua independência em relação ao marcador enfático *nada*. No entanto, a simples identificação de um marcador como metalinguístico não o caracteriza por si só, dado, por um lado, não haver muita informação na literatura sobre negação metalinguística e, por outro, porque cada um dos marcadores conhecidos até à data, para o PE, apresenta algumas características particulares.

Assim sendo, nesta secção abordaremos com maior detalhe as principais características e/ou comportamentos sintácticos do *nada* metalinguístico. Mostraremos que *nada* pode ocorrer em duas posições distintas na frase e que a sua forma preferencial é a de adjacência ao verbo, com elisão de todos os argumentos verbais, internos e externo. Veremos também que *nada* obedece a uma estrutura-eco, assemelhando-se à estrutura das respostas a interrogativas *sim/não*. Por fim, testaremos o seu comportamento com o verbo copulativo SER.

Ainda nesta secção verificaremos que a presença dos argumentos verbais, à direita de *nada*, está intimamente relacionada com a existência de constituintes focalizados contrastivamente e que é precisamente a presença ou ausência de foco contrastivo que determina a posição superficial que *nada* ocupa na frase.

#### 3.4.1 ORDEM DE PALAVRAS E POSIÇÃO NA FRASE

Anteriormente classificámos o marcador *nada* como periférico. De facto, *nada* assemelha-se ao marcador *agora*, podendo ocorrer, quer em posição interna, quer periférica.

A observação dos dados permite-nos afirmar que *nada* surge obrigatoriamente numa posição pós-verbal (sempre que o verbo está presente) e, em geral, adjacente ao verbo, como se exemplifica em (53):

(53) INF1 Eu estou despachado qualquer uma hora para fazer uma viagem à lua.

INQ1 Ora!

INQ2 Está *nada*!

INF1 Oh!

(Cordial-Sin - MLD01-N)

A maioria dos exemplos recolhidos em *corpora* são sequências mínimas, constituídas apenas pelo verbo e pelo marcador de negação metalinguística *nada*. No entanto, o teste apresentado em (54) permite-nos avaliar em que medida a posição de *nada* é rígida, relativamente ao verbo. Os enunciados em (54a) e (54b) comprovam que a sequência composta pela forma verbal e o marcador *nada* não pode ser quebrada por elementos interpolados, independentemente de serem argumentos verbais (*ao Pedro*) ou modificadores (*por telefone*).

- (54) A: A Maria contou ao Pedro o teu segredo, por telefone.  
 B: a. \*Contou ao Pedro *nada* o meu segredo!  
 b. \*Contou por telefone *nada* o meu segredo!

Esta necessidade de adjacência do marcador *nada* ao verbo traduz-se assim na impossibilidade de existirem elementos que quebrem a adjacência entre os dois constituintes. Apresentam-se, contudo, como exceções a esta regra, os pronomes clíticos e os marcadores de negação metalinguística *cá* e *lá*. Em (55) apresenta-se o único exemplo encontrado no nosso *corpus*, em que a descontinuidade entre *nada* e o verbo é quebrada por um clítico e por *cá*:

- (55) INF 'Buginja'.  
 INQ2 *E serve para alguma coisa? Come-se ou não?*  
 INF *Hã?*  
 INQ2 *Come-se?*  
 INF *Come-se cá nada!* A gente aqui não tem nada que aproveitar disso.  
 (Cordial-Sin - CLC35-N)

Verificamos então que, relativamente à ordem de palavras na frase, *nada* surge habitualmente em adjacência ao verbo, sempre em posição pós-verbal. Na realidade, o marcador *nada* nunca pode ocorrer numa posição pré-verbal, como se verifica em (56):

- (56) A: O Pedro comeu camarão frito.  
 B: a. Comeu *nada*.  
 b. \**Nada* comeu.

A impossibilidade de *nada* ser pré-verbal fica patente em (56b), cuja agramaticalidade é extensível a qualquer outro contexto. *Nada* não é legitimado em posição pré-verbal, ao contrário de outros marcadores de negação metalinguística como *agora*<sup>13</sup> e *uma ova*.

Além disso, numa sequência verbal integrando formas de infinitivo, gerúndio ou participípio passado, o verbo ao qual o marcador *nada* se agrega é sempre o verbo em forma finita, não obstante poder tratar-se de um verbo de controlo, de elevação ou de um verbo auxiliar.

Observem-se os exemplos de (57) a (60), que ilustram cada um dos casos acima enumerados.

(57) A: O Pedro quer brincar.

B: a. Quer *nada*.

b. \*Brincar *nada*.

c. Quer *nada* brincar.

d. ?Quer brincar *nada*.

(58) A: O João parece sorrir.

B: a. Parece *nada*.

b. \*Sorrir *nada*.

c. Parece *nada* sorrir.

d. ?Parece sorrir *nada*.

(59) A: A Eva tem brincado no jardim.

B: a. Tem *nada*.

b. \*Brincado *nada*.

c. Tem *nada* brincado.

d. ?Tem brincado *nada*.

(60) A: O Pedro ia caindo na piscina.

B: a. Ia *nada*.

b.\*Caindo *nada*.

---

<sup>13</sup> Embora o marcador *agora* ocorra necessariamente em posição pós-verbal na maior parte dos dialectos portugueses, nos dialectos minhotos é obrigatoriamente pré-verbal, como nota Pereira (a publicar).

- c. Ia *nada* caindo.  
 d. ?Ia caindo *nada*.

A associação de *nada* às formas verbais não finitas presentes na alínea b) dos exemplos (57) a (60) devolve resultados agramaticais, embora a existência de uma leitura contrastiva possa legitimar estes enunciados, como mostraremos mais à frente, em 3.4.4.

Não obstante, é fácil observar que *nada* se agrega normalmente às formas verbais flexionadas, quer isoladas, quer acompanhadas de formas verbais não flexionadas, como mostram os exemplos acima. Nestes casos, *nada* ocorre, preferencialmente, a seguir à forma flexionada, sendo contudo admitido numa posição imediatamente após o complexo verbal, como em (57d), (58d) (59d) e (60d), ainda que de forma um pouco marginal.

### 3.4.2 ESTRUTURA-ECO

Em secções anteriores observámos que o marcador *nada* apenas veicula informação discordante e que, tal como toda a negação metalinguística, exige um contexto prévio que introduza uma asserção passível de ser rejeitada.

Nesse sentido, não é estranho que *nada* inviabilize qualquer possibilidade de apresentar informação nova que não tenha surgido previamente na asserção que funciona como antecedente discursivo legitimador. Se observarmos o exemplo em (61) constatamos que não existe qualquer informação adicional na frase que contém o marcador de negação metalinguística (exceptuando, naturalmente, a própria expressão da discordância).

- (61) *INQ Um velo. E o que é que faziam depois a esses velos?*  
*INF Depois é metido dentro dumas sacas e é vendido.*  
*INQ Não faziam mais nada cá? Não ficava cá?*  
*INF (Ficava nada). Cá não se faz mais nada que não (...) atar os velos,*  
*chama-se...*

(Cordial-Sin - LVR16-N)

A adição de informação nova numa frase com *nada* produz frases agramaticais, confirmando que o uso de *nada* como negação metalinguística se restringe apenas à contradição de informação previamente conhecida. Atenemos no exemplo em (62):



- (62) A: A Maria comprou uma casa verde!  
B: a. #Comprou *nada* uma casa verde com sotão!

A sua agramaticalidade deriva do facto de apresentar informação que não estava na posse do locutor (o PP *com sotão*), pelo que a sua negação não é contextualmente legitimada.

Na verdade, a estratégia de negação metalinguística com *nada* obedece a critérios muito rigorosos no que diz respeito à informação que admite dentro da frase em que o marcador está contido, não legitimando itens lexicais que não tenham sido introduzidos previamente.

Observemos o exemplo em (63):

- (63) A: Tu és muito preguiçoso, João!  
B: a. Sou *nada* preguiçoso! Apenas não gosto de me cansar!

Afirmámos anteriormente que *nada* rejeita a introdução de informação nova que não tenha sido previamente apresentada. Esta rejeição torna-se ainda mais marcada pelo facto de se reproduzir fielmente os itens lexicais da frase matriz. A forma verbal mantém o mesmo Tempo e Modo, admitindo apenas alterações de Pessoa, por questões de lógica. Do mesmo modo, sempre que a asserção a ser negada seja dirigida, na 1.<sup>a</sup> pessoa, ao locutor que produz a negação, são permitidas alterações de base morfológica aos itens reproduzidos.

Ao contrário do que se verifica para outros marcadores de negação metalinguística, estruturas com *nada* estão limitadas à reprodução dos mesmos itens lexicais apresentados na asserção que é negada.

Atente-se no exemplo em (64):

- (64) A: A Ana casou com o filho da cabeleireira.  
B: a. #Casou *nada* com esse rapaz.  
b. Casou *agora* com esse rapaz.  
c. Casou com esse rapaz, *uma ova*!

Apenas o enunciado com *nada*, em (64a) é desadequado, face ao contexto discursivo dado em (64A), muito embora negue informação contida na asserção anterior. A desadequação aqui patente é de natureza lexical, ficando assim provado que *nada* apenas

legítima itens lexicais previamente empregues, não admitindo a sua substituição por expressões equivalentes para denotar o mesmo referente.

A esta recuperação fiel dos itens lexicais presentes na asserção negada chamaremos *estrutura-eco*, na esteira do que é proposto por Carston (1996), sob a designação de *implicit echoic use*. De acordo com a análise de Carston, para o inglês, esta é a propriedade essencial da negação metalinguística. A noção de uso ecóico (*echoic use*) é originalmente proposta por Sperber e Wilson (1986), que consideram que nos enunciados irónicos, por exemplo, a informação repetida é usada sob a forma de citação (*quote*). De acordo com Carston, nos enunciados onde ocorre negação metalinguística, a informação lexical e semântica da frase negada é recuperada, sendo que, nestes casos, os constituintes no escopo da negação funcionam como estruturas-eco, ou seja, são citados, ao invés de serem usados.

### 3.4.3 PARTICULARIDADES DO VERBO DE CÓPULA SER

Não invalidando o que se afirmou na secção anterior sobre a recuperação de informação em estruturas-eco para a estratégia de negação metalinguística com *nada*, verifica-se uma excepção a esta regra.

Apesar de a negação com *nada* recuperar sempre o verbo da asserção negada, o verbo SER constitui uma excepção, sendo legitimado em frases com *nada*, independentemente de figurar ou não na frase matriz.

As respostas a interrogativas *sim/não* com SER (cf. Santos (2009)) apresentam uma forma padronizada, sendo construídas a partir de uma forma fixa da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do verbo *ser*, no Presente (*é*), Pretérito Perfeito (*foi*) e Pretérito Imperfeito (*era*) do Indicativo. Em nenhuma circunstância as respostas com SER admitem a repetição do verbo que figura na pergunta. Em (65) apresentamos um exemplo de resposta com SER a uma interrogativa *sim/não*:

- (65) A: O Pedro gosta de sopa?  
 B: a. É.  
 b. Sim/Não.  
 c.\*É gosta.

As estruturas com SER apresentam-se compatíveis com o marcador *nada*, como se verifica em (66):

- (66) A: A loja de ferragens fica ao virar da esquina.  
B: a. É *nada*! Fica na outra rua, por trás do quiosque!  
b. \*É (*nada*) fica (*nada*)! Fica na outra rua, por trás do quiosque!

Como se verifica no exemplo acima, o verbo SER permite recuperar toda a informação da asserção anterior, embora não figure no antecedente, constituindo-se como um elemento novo, do ponto de vista lexical. O exemplo em (66b) confirma a impossibilidade de uma objecção com SER manter, em simultâneo, o verbo da asserção anterior.

Os dados apresentados por Santos (2009) para as respostas a interrogativas *sim/não* com SER afiguram-se idênticos ao que se verifica nas estruturas com SER em contextos de negação metalinguística com o marcador *nada*. Comparemos os exemplos em (67) e (68), que apresentam frases com SER, tanto em contexto de resposta a uma interrogativa, como em contexto de negação de uma asserção prévia.

- (67) A: A Madalena chumbou no exame?  
B: a. Foi.  
b.\* Foi chumbou.

- (68) A: A Madalena chumbou no exame.  
B: a. Foi *nada*.  
b. \*Foi (*nada*) chumbou (*nada*).

Os exemplos acima permitem-nos considerar que existe grande semelhança entre o uso de SER nos contextos responsivos e nos contextos de negação metalinguística.

É igualmente de notar que a associação do marcador *nada* ao verbo SER permite negar os dois termos de uma coordenação, tal como se demonstra em (69).

- (69) A: O ladrão roubou o dinheiro e fugiu.  
B: a. Foi *nada*!  
b. Roubou *nada* o dinheiro e fugiu.

Embora *nada* tenha escopo sobre as duas orações, podendo negar ambas, como se verifica em (69b), nestes casos a estratégia com *SER* apresenta-se como preferencial, uma vez que se revela mais económica e simples.

Nos exemplos até aqui apresentados, a negação com o verbo *SER* constituía uma alternativa à negação com repetição do verbo da asserção anterior. No entanto, Santos (2009) chama a atenção para casos particulares nos quais apenas uma resposta com *SER* (ou com *SIM*) é possível, sendo desadequadas as respostas que repetem o verbo da frase matriz. Trata-se de casos onde há constituintes focalizados ou estruturas clivadas, que ilustramos em (70) e (71), respectivamente.

(70) A: Só a Maria faltou à aula (, não foi)?

B: a. #Faltou.

b. Foi.

c. # Faltou *nada*.

d. Foi *nada*.

(71) A: Foi o Pedro que te empurrou (, não foi)?

B: a. #Empurrou.

b. Foi.

c. # Empurrou *nada*.

d. Foi *nada*.

Em ambos os contextos, apenas a frase onde figura o verbo *SER* permite recuperar toda a asserção anterior, incluindo a implicatura introduzida pela focalização (i.e.: ‘não foi senão a Maria que faltou à aula’, ‘não foi senão o Pedro que te empurrou’). As respostas que recuperam o verbo do antecedente são desadequadas por não terem escopo sobre o constituinte focalizado ou a estrutura clivada. Estas diferenças foram analisadas por Santos (2009), cuja proposta aqui adoptamos, considerando que as respostas com *SER* são anáforas proposicionais profundas, capazes, por isso, de recuperar toda a proposição e não apenas o predicado, ao contrário das respostas verbais.

### 3.4.4 PROCESSOS DE ELIPSE NAS ESTRUTURAS [V\_NADA] E A RELEVÂNCIA DOS CONCEITOS DE FOCO INFORMACIONAL E FOCO CONTRASTIVO

Uma característica comum ao marcador de negação metalinguística *nada* e a outros marcadores periféricos reside na preferência clara pela elipse do VP e pela omissão do constituinte com função de Sujeito. Na verdade, a típica ocorrência destes marcadores traduz-se numa forma mínima, composta apenas pelo próprio marcador e pela forma verbal, conforme ilustra o exemplo em (72).

- (72) INF1 Fumava muito. E o homem dizia... O homem fumava muito. E eu dizia para ele: "Ó senhor doutor isso mata-o"! "Mata *nada*, não faz mal"! Fumava assim por uma caneta como a senhora, assim como...

(Cordial-Sin - COV35-N)

Repare-se que, em (72), o clítico *-o* com função de OD não é recuperado na sua forma nominativa (*me*), optando-se pela forma básica Verbo+*nada*.

Embora sejam aceitáveis as frases com Sujeito e VP expressos, elas tendem a ser consideradas marginais, excepto em casos particulares, como veremos mais adiante.

Observemos o exemplo em (73), no qual apresentamos várias alternativas para negação da asserção veiculada em (73A).

- (73) A: O padeiro colocou a massa no forno.  
B: a. Colocou *nada*.  
b. ??O padeiro colocou *nada* a massa no forno.  
c. ?/\*O padeiro colocou *nada*.  
d. Colocou *nada* a massa no forno.  
e. #Colocou *nada* a massa.  
f. # Colocou *nada* no forno.

Verificamos, em primeiro lugar, que a forma privilegiada é (73a), na qual se verifica elipse do VP e do Sujeito. Em (73b), a recuperação de todos os constituintes da frase anterior torna a frase bastante marginal. Por seu lado, formas que elidem apenas o VP, conservando o Sujeito, como é o caso de (73c), são agramaticais, o que aponta para uma necessidade de se elidir, simultaneamente, os argumentos externo e internos. Por oposição

a (73c), o exemplo em (73d) é perfeitamente aceitável, o que indica que é mais natural a manutenção do VP com elipse do Sujeito, do que a situação inversa.

Os exemplos (73e) e (73f) vêm mostrar que não é possível elidir parcialmente o VP, mantendo na frase apenas um dos argumentos internos. Na verdade, embora a manutenção do VP possa ser aceite, como se constata em (73d), o mesmo não se verifica se mantivermos apenas parte de VP. Nesses contextos, a reprodução de um dos argumentos internos só é aceitável se o argumento a ser mantido estiver focalizado, implicando sempre a existência de uma asserção de reformulação, como veremos adiante. Esta preferência pela omissão de constituintes, tanto à esquerda, como à direita do verbo, está intimamente relacionada com a natureza da informação veiculada por estas estruturas. Vimos anteriormente que *nada* expressa negação discordante em relação a uma asserção prévia, pelo que o foco informacional consiste apenas na negação da predicação, dispensando-se a reprodução de informação já conhecida dos interlocutores. Quer isto dizer que estas estruturas privilegiam as chamadas elipses de *common ground*, na acepção de Kline (1993). Os constituintes pertencentes ao *common ground* fazem parte de informação previamente fornecida ou passível de ser inferida em contexto e podem, portanto, ser elididos. Apenas a informação considerada nova terá realização fonológica, constituindo-se como o foco informacional.

Na verdade, o fenómeno de elipse de VP e do Sujeito está intimamente ligado aos conceitos de foco informacional e foco contrastivo, pelo que, antes de entrarmos em maior detalhe, convém explicitar aquilo que aqui entendemos por um e outro tipo de foco.

Jackendoff (1972) apresenta o conceito de foco informacional sob a designação *focus of a sentence*, descrevendo-o como a informação que se assume não ser partilhada pelo locutor e pelo seu ouvinte, em simultâneo. O conceito de foco contrasta, portanto, com o conceito de pressuposição – *presupposition of a sentence* – que denota a informação partilhada pelo locutor e pelo seu ouvinte.<sup>14</sup> Assim sendo, por foco informacional ou neutro entendemos a informação nova, por oposição à informação conhecida do interlocutor ou inferível pelo mesmo.

Segundo Zubizarreta (1999) o foco informacional é a parte não-pressuposta da oração e é passível de ser identificado por meio de um contexto interrogativo, como se ilustra em (74):

---

<sup>14</sup> Jackendoff (1972: 230). “We will use ‘focus of a sentence’ to denote the information in the sentence that is assumed by the speaker not to be shared by him and the hearer, and ‘presupposition of a sentence’ to denote the information in the sentence that is assumed by the speaker to be shared by him and the hearer.”

(74) A: Quem comeu a maçã?

B: A Maria.

O pronome interrogativo *quem* permite identificar o foco informacional que, neste caso, é *a Maria* e que constitui a informação desconhecida por um dos interlocutores.

Já o conceito de foco contrastivo diz respeito, não necessariamente a informação nova, mas a informação que implica a expressão pelo interlocutor de um determinado juízo, divergente daquele apresentado previamente pelo locutor.

De acordo com a definição de Zubizarreta (1999), o foco contrastivo tem como contexto uma asserção e nesse ponto distingue-se do foco informacional que, como vimos, é identificado tipicamente em contextos interrogativos. Por um lado, o foco contrastivo nega o valor atribuído pela pressuposição a uma determinada variável, propondo posteriormente um valor alternativo para a variável negada, como se verifica em (75).

(75) A: A Joana comeu um pastel de nata.

B: a. Não comeu *um* pastel de nata. Comeu dois!

O exemplo em (75a) apresenta como constituinte focalizado o artigo indefinido *um*, com valor quantificacional. Ao constituinte em foco é contraposta uma alternativa contrastiva (*dois*), assinalando que o interlocutor considera que foram comidos *dois* pastéis de nata e não apenas *um*. Repare-se, no entanto, que na primeira frase em (75a), a existência de foco apenas pode ser detectada com recurso à proeminência prosódica atribuída ao constituinte focalizado. Percebemos que a prosódia desempenha um papel fundamental nestes contextos, embora seja a asserção contrastiva *Comeu dois!* que permite a reanálise pragmática da asserção precedente, tal como defende Carston (1996).

Podemos então assumir, juntamente com Huck e Na (1992) que o foco contrastivo sobre determinado constituinte determina que o material fora desse mesmo constituinte pertença ao *common ground*, embora o elemento focado contrastivamente não necessite de ser informação nova. Por outro lado, o foco informacional sobre determinado constituinte determina que o material dentro desse constituinte seja novo, embora o material que lhe é exterior não tenha de ser, necessariamente, conhecido.<sup>15</sup>

Esclarecidas as noções de foco aqui em uso, observemos o exemplo em (76):

<sup>15</sup> Tradução minha de Carston, Katy (2002: 128). *Parallelism and Prosody in the Processing of Ellipsis Sentences*. New York.: Routledge. Routledge Series Outstanding Dissertations in Linguistics.

- (76) INF Eu já tenho quarenta e seis. Já estou muito velha!  
*INQ Está velha?! Está nada velha! Está óp-... Está ótima!*

(Cordial-Sin - PIC08-N)

Embora o marcador *nada* privilegie a elipse total de VP e do Sujeito, tal não ocorre no exemplo apresentado, verificando-se a forma V+nada+ADJ. Sendo o adjetivo *velha* informação pertencente ao *common ground*, não há razão aparente para que seja recuperado. A sua manutenção justifica-se pela existência de foco contrastivo, como se comprova pela presença de uma asserção de reformulação – *Está ótima!* – que justifica a rejeição da predicação *estar velha*, contrapondo um juízo contrário e, portanto, contrastivo.

A manutenção, total ou parcial, do VP parece estar intimamente relacionada com a existência de foco sobre o constituinte mantido e com a necessidade de uma asserção de reformulação (introduzindo uma estrutura paralela, mas alternativa). Nos termos de Zubizarreta (1999), o constituinte focalizado (e, por isso, não elidido) na estrutura [V\_*nada*] identifica a variável cujo valor é negado, enquanto o constituinte focalizado na asserção de reformulação propõe um valor alternativo para a variável negada.<sup>16</sup>

Isto não se verifica apenas nos caso em que se observa a conservação do VP. Na verdade, consoante o constituinte sobre o qual recaia o foco, assim os constituintes da asserção inicial serão mantidos ou excluídos da negação metalinguística com *nada*. Observemos (77):

- (77) A: Eles deram um carro azul à filha.  
 B: a. Deram *nada*.  
 b. Deram *nada* um carro azul à filha. Deram foi uma mota amarela ao filho.  
 c. Deram *nada* um carro azul. Deram foi uma mota amarela.  
 d. Deram *nada* à filha. Deram foi ao filho.

Verificamos, em primeiro lugar, que as frases (77a) a (77c) são todas igualmente aceitáveis, apesar de diferirem no número de constituintes preservados em relação ao antecedente.

<sup>16</sup> Note-se como a natureza contrastiva de *um* e *dois*, presente num enunciado como *Comen nada um pastel. Comen dois!* poderia ser assinalada por uma estrutura clivada: *Foi nada um pastel que ele comen. Comen foi dois!*. A estrutura clivada com *nada* é semelhante à estrutura clivada obtida com negação regular - *Não foi um pastel que comen, comen foi dois/foram mas foi dois*.



Em (77a) encontramos uma forma neutra da negação metalinguística com recurso a *nada*, não havendo qualquer tipo de foco e dispensando, portanto, qualquer asserção de reformulação. A única informação nova diz respeito à discordância, repetindo-se apenas a forma verbal.

No caso de (77b), pretende-se colocar em posição de foco todo o VP, razão pela qual são mantidos o NP *um carro azul* e o PP *à filha*, sendo focalizados contrastivamente na asserção de reformulação o NP e o PP que introduzem as alternativas *uma mota amarela* e *ao filho*.

Os exemplos em (77c) e (77d) demonstram que é possível recuperar apenas parte do VP, sempre que se pretenda contrastar apenas a informação contida num dos constituintes. No primeiro caso é o Objecto Directo que é alvo de focalização e posterior reformulação contrastiva, ao passo que, em (77d), se recupera, com o mesmo fim, o Objecto Indirecto.

Embora não nos seja possível debruçar sobre questões prosódicas associadas a estas construções, apresenta-se como indispensável fazer algumas breves considerações sobre este aspecto.

Em primeiro lugar, é necessário dizer que as construções com *nada* metalinguístico, consideradas neutras, apresentam um padrão entoacional ascendente, identificado em Horn (1989)<sup>17</sup>. No entanto, sempre que *nada* surge a negar constituintes focalizados, regista-se uma alteração nesse padrão, que é devida à estrutura de foco em si, e não à presença do marcador *nada*. Sobre frases negativas focalizadas, diz-nos Vigário (1998) o seguinte:

A maioria das unidades interpretadas com a negação a operar sobre um dado constituinte da frase apresenta um nível F0 elevado no início da sílaba acentuada desse constituinte, seguido de uma descida pronunciada que atinge o alvo na sílaba átona seguinte. Estamos, pois, perante a associação do acento tonal H\*L, proposto por Frota (1993a,b) como sendo a categoria fonológica que realiza a marcação de foco no Português.

(Vigário, 1998:25)

Desta forma, a marcação prosódica verificada nas frases com constituintes focalizados parece obedecer aos critérios da marcação de foco no português. O acento

---

<sup>17</sup> Horn, (1989: 374) “Felicitous metalinguistic use standardly involves the ‘contradiction’ intonation contour (a final rise within the negative clause), followed by a correction clause, and a contrastive stress on the offending item and its replacement.”

nuclear recai então sobre o constituinte focalizado, satisfazendo a *Lei de correspondência entre foco e acento nuclear enfático*, definida em Zubizarreta (1999), que prevê que o foco identificado pelo acento nuclear enfático requeira que a palavra que leva o acento enfático esteja contida em todos os sintagmas marcados com o traço F<sup>18</sup>.

Assim, na linha do que defende Vigário (1998:26), podemos concluir que, *se sobre um dado constituinte da frase recair o 'acento enfático', a negação opera sobre esse mesmo constituinte*.

### 3.4.5 SEMELHANÇA COM PADRÕES DE RESPOSTA A INTERROGATIVAS *SIM/NÃO*

Com base na informação até aqui apresentada, verificamos que as estruturas de negação metalinguística com recurso a *nada* podem variar entre formas neutras e formas com focalização, factor que determina a manutenção de determinados constituintes ou a sua elipse. Regra geral, apenas são mantidos, além do verbo, os constituintes focalizados contrastivamente, independentemente da sua natureza morfossintáctica. Esta característica leva-nos a considerar que este tipo de estruturas tem uma relação de grande proximidade com os padrões de resposta a interrogativas *sim/não*.

Entendendo a noção de *resposta* como um conceito lato, que compreende não apenas respostas a interrogativas, mas também a asserções ou pedidos/indicações (cf. Jones, 1999 e Farkas e Bruce, 2010), podemos considerar que as estruturas com *nada* são efectivamente respostas a asserções.

Jones (1999) descreve, para o escocês, a existência de responsivos (*responsives*) que funcionam como tipos específicos de resposta, quer a interrogativas totais, quer a asserções. As respostas com os responsivos identificados por Jones (1999) assemelham-se às respostas com *nada*, na medida em que uns e outro partilham a propriedade de requererem a elipse de tudo aquilo que possa ser elidido, mantendo-se apenas a informação nova ou que se pretende focalizar.

Tendo por base o sistema de resposta a interrogativas totais do PE, verificamos que é possível ter respostas de dois tipos: com responsivos (como *sim* e *não*) ou com formas verbais recuperadas da pergunta. Em ambos os contextos, a elipse do VP e do argumento com função de Sujeito é privilegiada, tal como verificámos para as estruturas com *nada* e conforme descreve Jones (1999) para o escocês.

---

<sup>18</sup> Adaptação do original retirado de Zubizarreta (1999: 4230).

Na verdade, as interrogativas totais visam obter, como resposta, informação nova, não pertencente ao *common ground*, levando por isso à elipse do VP.

Veja-se (78) e (79), onde apresentamos respostas possíveis a uma interrogativa total.

(78) A: O João comprou um carro?

- B: a. Sim.  
b. Comprou.  
c. \*O João/ele comprou.  
d. \*Comprou um carro.  
e. #O João comprou um carro.  
f. \*Sim, o João/ele comprou.  
g. ?Sim, comprou um carro.  
h. ?Sim, o João comprou um carro.

(79) A: O João comprou um carro?

- B: a. Não.  
b. \*/? Não comprou.  
c. \*Não comprou um carro.  
d. \*O João/ele não comprou.  
e. #O João não comprou um carro.  
f. Não comprou um carro, comprou uma moto.  
g. O João não comprou, mas a Maria sim.

Tanto as respostas afirmativas em (78) como as negativas em (79) seguem o mesmo tipo de restrição: excluem da resposta a informação conhecida.

Repare-se, no entanto, que em (79f) e (79g) os argumentos do verbo podem surgir na frase, caso exista uma reformulação posterior que os recupere contrastivamente, tal como verificámos para a negação metalinguística com *nada*. Esta proximidade entre ambas as estruturas vem confirmar que a ausência de elipse do VP e do Sujeito estão directamente relacionadas com a existência de foco contrastivo. Por outras palavras, a realização (visível) do Sujeito e do VP numa resposta a uma interrogativa *sim/não* apenas se verifica quando se pretende focar contrastivamente o(s) constituinte(s) em questão. O mesmo se observa nas estruturas com o marcador *nada*. Por essa razão, afirma Jones (1999) que os sujeitos nominais, por exemplo, nunca podem ocorrer com os responsivos.

Nesse sentido, e recuperando o que foi afirmado na secção 3.1.2, a existência de uma frase de reformulação não tem (pelo menos com o marcador *nada*) um carácter obrigatório, como defende Horn (1989), relativamente à negação metalinguística com *not*, no inglês. A presença de frases de reformulação (*garden-path utterances*), possibilitadoras de uma reanálise pragmática da asserção negada, apresentam-se como obrigatórias/expectáveis apenas quando estamos perante a existência de foco contrastivo. Em todos os outros casos, a sua ocorrência é facultativa.

Além do que acima foi dito, a proximidade com os padrões de resposta a interrogativas *sim/não* vem igualmente explicar a possibilidade de *nada* poder ocorrer com a cópula SER, como se verificou no ponto 3.4.3. Note-se que, no sistema responsivo do PE o verbo SER tem um comportamento, em certa medida, semelhante ao responsivo SIM, podendo figurar numa resposta sem que tenha surgido na pergunta anterior (cf. Santos, 2009 e Martins, 2009).

### 3.4.6 Elipse de VP e estruturas de Topicalização

Na secção 3.4.4 verificou-se que a existência de foco contrastivo está directamente relacionada com o número e natureza dos argumentos recuperados nas estruturas com o marcador de negação metalinguística *nada*. Nesta secção abordaremos a ocorrência do marcador *nada* em estruturas de topicalização (cf. Duarte, 1987 e Zubizarreta, 1999) com e sem elipse do VP.

Em pontos anteriores verificámos que *nada* pode ocupar uma posição medial na frase, quando o VP não é elidido, ou surgir numa posição de final de frase. Neste último caso, a posição em final de frase pode ser motivada por duas razões: a) *nada* ocorre em posição imediatamente pós-verbal, verificando-se elipse total do VP e conseqüente posicionamento de *nada* em final de frase; b) *nada* ocorre em posição final de frase, sem que se verifique elipse do VP, necessariamente.

Observem-se os enunciados em (80):

(80) A: O João comprou chocolates para todos!

B: a) Comprou *nada*!

b) Comprou chocolates para todos, *nada*! Só comprou para a Maria.

As frases (80a) e (80b) ilustram os casos em que *nada* é o último elemento a ocorrer na frase. Em (80a) verificamos elipse do Sujeito e de todo o VP, ao passo que em (80b) se mantém o VP, elidindo-se apenas o Sujeito.

No caso de (80b), todo o VP é mantido, não por uma questão de focalização contrastiva, como se verificou nos casos em que os argumentos internos do verbo são mantidos à direita de *nada*, mas porque se encontra topicalizado.

Partindo do pressuposto de que um tópico é formado por informação previamente introduzida no domínio do discurso e, portanto, pertencente ao *common ground*, podemos afirmar que *Comprou chocolates para todos*, em (80b), funciona como um tópico e que a negação funciona como o comentário. A informação expressa pelo constituinte topicalizado é contrastada posteriormente com informação nova ou focalizada contrastivamente, na asserção de reformulação.

Observando os exemplos em (81), podemos verificar que, superficialmente, é possível encontrar em posição de topicalização todo o IP ou fragmentos de IP (no capítulo 4 clarificaremos este ponto).

- (81) A: O Luís contou a verdade à irmã.  
B: a) Contou a verdade à irmã, *nada!* Contou foi meia-verdade à prima.  
b) A verdade, *nada!* Ele contou foi mentiras.  
c) À irmã, *nada!* Contou foi à prima.  
d) O Luís, *nada!* Foi o André.

A topicalização de constituintes parece surgir sempre com motivação contrastiva, sendo frequente a presença de uma asserção de reformulação.

De acordo com Duarte (1987),

o valor textual de Top em Português depende, pelo menos, parcialmente, do tipo de expressão ‘topicalizada’. Mas de um modo geral, está associado a esta construção um valor contrastivo – i.e., a predicação expressa pelo comentário acerca da entidade designada pelo tópico é contrastada com outra predicação contida no discurso anterior e envolvendo a mesma entidade.

(Duarte, 1987:88)

Testes anteriores demonstraram a possibilidade de *nada* ocorrer com fragmentos nominais, como exemplificamos em (82):

- (82) A: Eles adoptaram um gorila.  
B: a. Um gorila, *nada*! Um chimpanzé.

Repare-se que, nos casos em que *nada* surge apenas com constituintes nominais, estes fazem claramente parte do IP topicalizado, com elipse dos restantes constituintes, sendo esperada uma asserção de reformulação, que pode ser constituída apenas por um outro fragmento nominal.

Uma situação semelhante pode ser verificada nos casos em que a parte visível do IP topicalizado é o VP (ainda que se verifique elipse do VP e, portanto, surja realizada apenas a forma verbal). Estes casos em que apenas o verbo surge à esquerda, devido à topicalização de IP e posterior elipse de constituintes, podem, contudo, ser confundidos com os casos em que se verifica a forma simples Verbo+*nada*. Observemos (83):

- (83) A: O Pedro caiu das escadas!  
B: a. Caiu *nada*.  
b. Caiu, *nada*! Foi empurrado.  
c. #Caiu, *nada*!

Em (83a) encontramos a forma neutra de negação metalinguística com *nada*, ou seja, sem constituintes focalizados à direita ou topicalizados à esquerda. Já em (83b), o VP expresso pela forma verbal *caiu* faz parte do IP topicalizado, constituindo *nada* o respectivo comentário.

Embora superficialmente as frases (83a) e (83b) sejam idênticas, a necessidade de uma asserção de reformulação em (83b), mas não em (83a), constitui evidência de que em (83b) não temos um padrão neutro de expressão da negação metalinguística com *nada*, verificando-se antes a topicalização de IP, com manutenção apenas da forma verbal *caiu* (sobre topicalização de IP, com posterior elipse de constituintes, veja-se o capítulo 4). Refira-se que essa topicalização é necessariamente legitimada por uma reformulação de natureza contrastiva. A desadequação de (83c) demonstra precisamente que as estruturas topicalizadas não são passíveis de ocorrer sem uma reformulação subsequente.

Além da questão da reformulação obrigatória para (83b), é de assinalar a importância da prosódia na distinção entre (83b) e (83a). A pausa assinalada pela presença da vírgula em (83b) assinala a existência de uma quebra entoacional, imediatamente após o constiuente topicalizado.

Neste momento, estamos em posição de afirmar que o marcador *nada* surge em posição final de frase sempre que existem constituintes topicalizados, seguindo-se uma asserção de reformulação. Nos casos em que não estamos perante constituintes topicalizados, *nada* ocorre em posição pós-verbal, independentemente de estar ou não seguido de constituintes focalizados (daí decorrendo que ocorra em posição final, i.e. V-*nada*, ou medial, i.e. V-*nada*-X).

A estrutura elíptica V-*nada* constitui o padrão neutro e quaisquer constituintes frásicos, além do verbo, que tenham expressão visível, serão recuperados contrastivamente, quer sejam, à partida, tópicos (ocorrendo à esquerda de *nada*) quer sejam focos (ocorrendo à sua direita).

### 3.5 OBSERVAÇÕES COMPARATIVAS

Nas secções anteriores introduzimos e descrevemos um marcador de negação metalinguística não estudado, até hoje, para o PE – o marcador *nada*.

No entanto, e como *nada* não é um caso isolado enquanto marcador cujo uso metalinguístico tem passado despercebido, introduziremos, na secção 3.5.1, uma breve comparação com o marcador de negação metalinguística *não*. Mostraremos, em primeiro lugar, que este *não* não corresponde ao marcador de negação predicativa (necessariamente pré-verbal) e, posteriormente, identificaremos os traços que o aproximam do marcador de negação metalinguística *nada*.

Já na secção 3.5.2 centraremos a nossa atenção na comparação de dados pertencentes ao PB com os dados descritos para o PE. Verificaremos que, tanto o marcador metalinguístico *nada*, como o *não* operam ambos no PB e têm comportamentos e usos muito semelhantes aos do PE. Estes dois pontos de comparação permitir-nos-ão concluir que, em português, a negação exclusivamente pós-verbal é sempre metalinguística, enquanto a negação regular é necessariamente pré-verbal (como já observado por Martins, 2010a).

### 3.5.1 *NADA* METALINGUÍSTICO E *NÃO* PÓS-VERBAL

O marcador de negação metalinguística *nada*, descrito no âmbito deste trabalho, apresenta grande proximidade com um outro marcador da mesma natureza, cuja descrição para o PE é limitada e pouco esclarecedora: o marcador *não* em posição pós-verbal.

Em primeiro lugar, é fundamental definir a que *não* pós-verbal nos referimos e, em segundo, em que medida o podemos classificar como marcador de negação metalinguística.

Tal como verificamos para *nada*, existe em PE uma estrutura enfática que inclui um *não* pós-verbal, sob a forma [não\_V\_não]. Contudo, tal como [não\_V\_nada] e [V\_nada] correspondem a construções diferentes, também assim acontece relativamente a [não\_V\_não] e [V\_não]. Em nenhum dos casos estamos perante marcadores pós-verbais da mesma natureza nas estruturas com e sem o marcador de negação predicativa *não* em posição pré-verbal, como comprovaremos mais adiante.

Importa, antes de mais, lembrar que, tanto a estrutura [não\_V\_nada] como a estrutura [não\_V\_não] expressam negação regular enfática, tendo sido descritas para o PE por Gonçalves (1995) e Hegmeijer e Santos (2003). A estrutura [não\_V\_não] é denominada, por estes autores ‘negação aparentemente descontínua’ e assemelha-se à negação enfática com a forma [não\_V\_nada], já anteriormente analisada. No entanto, não é o *não* pós-verbal presente nessa estrutura enfática que aqui nos interessa. Observemos os exemplos em (84) que dão conta das possíveis ocorrências de *não* pós-verbal:

(84) A: A criança comeu a sopa toda.

B: a. *Não* comeu a sopa toda, *não*. Deixou metade no prato.

b. Comeu a sopa toda, *não*. Deixou metade no prato.

Como podemos verificar, as asserções (84a) e (84b) surgem na sequência de um contexto prévio, como negação discordante do enunciado expresso em (84A). Apesar de ambas as asserções apresentarem um *não* pós-verbal, situado em posição final de frase, apenas (84a) possui um marcador *não* pré-verbal. Não obstante, na ausência de *não* pré-verbal, (84b) é perfeitamente gramatical.

Se observarmos, em (85) e (86), os resultados dos testes com IPNs e IPPs e os compararmos com os resultados obtidos para as estruturas com *nada* enfático e *nada* metalinguístico (cf. a secção 3.2), percebemos que estamos na presença de dois tipos diferentes de negação.



- (85) A: O Pedro disse uma mentira.  
 B: a. *Não* disse mentira nenhuma, *não*.  
 b. \*Disse mentira nenhuma, *não*.  
 c. *Não* disse *nada* mentira nenhuma.  
 d. \*Disse *nada* mentira nenhuma.

- (86) A: A Ana teve uma sorte dos diabos.  
 B: a.?? *Não* teve uma sorte dos diabos, *não*. Teve foi azar.  
 b. Teve *uma sorte dos diabos*, *não*. Teve foi azar.  
 c. ?? *Não* teve *nada* uma sorte dos diabos. Teve foi azar.  
 d. Teve uma sorte dos diabos, *nada*. Teve foi azar.

As frases em (85) e (86) mostram que [não\_V\_nada] e [não\_V\_não] se comportam de forma idêntica, em relação à compatibilidade com IPNs e incompatibilidade com IPPs fortes, como seria de esperar, visto tratar-se de estruturas de negação regular enfática.

Por seu turno, as frases com [V\_nada] e [V\_não] comportam-se de igual forma, com *não*, similarmente a *nada*, a revelar-se incompatível com IPNs, mas compatível IPPs fortes, tal como os restantes marcadores de negação metalinguística.

Além de os resultados da aplicação dos testes de Horn apontarem para uma classificação do *não* pós-verbal, que aqui nos interessa, como marcador de negação metalinguística, existem ainda outros contextos que nos permitem classificá-lo, definitivamente, como tal. O exemplo em (87) apresenta-nos a negação de frases coordenadas, com recurso aos marcadores enfáticos (cf. (87a) e (87c)) e metalinguísticos (cf. (87b) e (87d)).

- (87) A: Eles casaram e tiveram um bebé.  
 B: a. Não casaram e tiveram um bebé, não. /# Casaram porque tiveram um bebé.  
 b. Casaram e tiveram um bebé, *não*. Casaram porque tiveram um bebé.  
 c. Não casaram nada e tiveram um bebé. /# Casaram porque tiveram um bebé.  
 d. Casaram (*nada*) e tiveram um bebé (*nada*). Casaram porque tiveram um bebé.

Muito embora se verifique que qualquer um dos tipos de negação permite negar os dois termos da coordenação, as diferenças que se observam relativamente à asserção de reformulação são de extrema importância. Para os exemplos (87a) e (87c), que apresentam

marcadores de negação regular enfática, não é possível aceitar uma continuação do tipo *Casaram porque tiveram um bebé*, revelando-se a mesma desadequada. Estes resultados contrastam com a total adequação da mesma continuação nos exemplos em que os marcadores *não* e *nada* são metalinguísticos, ou seja, (87b) e (87d). A razão por detrás destes contrastes é precisamente o tipo de negação veiculada pelos diferentes marcadores. Enquanto a negação regular está relacionada com a verdade ou falsidade de uma proposição, a negação metalinguística implica a noção de *assertability of an utterance*, definida por Horn (1989) – veja-se o capítulo 2. Daí que, ao contrário do que se verifica na negação regular, a negação metalinguística não implica necessariamente a falsidade da proposição negada, mas antes uma objecção à mesma. Esta característica não é observável apenas na negação de estruturas coordenadas, como atestam os exemplos em (88):

- (88) A: O Pedro viu alguns amigos.  
 B: a. *Não* viu *alguns* amigos, *não*. / #Viu todos os amigos.  
 b. Viu *alguns* amigos, *não*! Viu todos os amigos.  
 c. *Não* viu *nada* *alguns* amigos. /# Viu todos os amigos.  
 d. Viu *alguns* amigos, *nada*! Viu todos os amigos.

Uma vez mais, verificamos que apenas manifestam o comportamento característico da negação metalinguística os marcadores *não* e *nada* presentes em (88b) e (88d), respectivamente. As frases com negação regular enfática em (88a) e (88c) não permitem uma asserção de reformulação como *Viu todos os amigos*, dado que esta não é compatível com a pressuposição de falsidade de *O Pedro viu alguns amigos*, que as frases iniciais de (87b) e (87d) implicam.

Do mesmo modo, apenas o *não* metalinguístico pode ser seguido da expressão *senhor/a*, como ilustramos em (89):

- (89) A: A Maria copiou pelo Pedro.  
 B: a. Não copiou pelo Pedro, *não senhor*. O Pedro é que copiou por ela.  
 b. Copiou pelo Pedro, *não #senhor*. O Pedro é que copiou por ela.

Por último, à semelhança do *nada* metalinguístico, também o *não* pós-verbal permite negar frases negativas, veiculando negação discordante. Observem-se os exemplos em (90):

(90) A: A Maria caiu sozinha. Não tive culpa.

B: a. Não tiveste culpa, *não*. / # És o culpado sim! Eu vi quando a empurraste.

b. Não tiveste culpa, *não*. / És o culpado sim! Eu vi quando a empurraste.

As frases em (90a) e (90b) são superficialmente iguais, sendo possível distinguir o *não* enfático em (90a) do *não* metalinguístico em (90b) apenas pela prosódia e pela inadequação da asserção de reformulação em (90a). No entanto, é possível distinguir os dois marcadores com recurso à expressão *senhor/a*, já exemplificada em (90), que apenas é admitida pelo *não* enfático, como se verifica em (91):

(91) A: A Maria caiu sozinha. Não tive culpa.

B: a. Não tiveste culpa, não senhor. / # És o culpado sim! Eu vi quando a empurraste.

b. Não tiveste culpa, não #senhor. / És o culpado sim! Eu vi quando a empurraste.

Apenas o *não* em (91a) admite a sequência *senhor*, veiculando negação enfática e concordante com a asserção anterior. Contrariamente, o *não* em (91b), sendo metalinguístico, não admite essa mesma sequência.

Parece-nos ter ficado provada a natureza metalinguística do *não* pós-verbal aqui em discussão. Uma vez que se trata de um marcador ainda não descrito para o PE, muita informação fica por explorar. No entanto, dada a natureza do presente trabalho, não nos é possível alargar o desenvolvimento do tema.

Contudo, é nosso objectivo explicitar em que medida o *não* pós-verbal que exprime negação metalinguística se aproxima do marcador *nada*, pelo que os exemplos que apresentamos em (92) são de particular interesse.

(92) A: O Pedro caiu das escadas!

B: a. (O Pedro) caiu das escadas, *não!* Foi empurrado.

b. (O Pedro) caiu das escadas, *nada!* Foi empurrado.

c. Caiu, *não!* Foi empurrado.

d. Caiu, *nada!* Foi empurrado.

e. Das escadas, *não*. Caiu foi da varanda!

f. Das escadas, *nada!* Caiu foi da varanda!

- g. \*Caiu *não*.
- h. Caiu *nada*.
- i. \*Caiu *não* das escadas! Caiu foi da varanda.
- j. Caiu *nada* das escadas! Caiu foi da varanda.

O *não* pós-verbal, enquanto marcador de negação metalinguística, apresenta, aparentemente maiores restrições contextuais do que o marcador *nada*.

O par (92a)/(92b) demonstram que, tal como *nada*, também *não* pós-verbal pode ocorrer em estruturas com de topicalização de toda a frase, com ou sem elipse do Sujeito. Em ambos os casos, ocorre obrigatoriamente uma asserção de reformulação posterior.

O constituinte topicalizado pode ser o VP (com elipse dos argumentos verbais), como ilustram (92c) e (92d) ou um constituinte interno ao VP, tal como atestam (92e) e (91f), onde é topicalizado o PP *das escadas*, depois recuperado contrastivamente através do PP focalizado *da varanda*.

O comportamento divergente entre *não* e *nada* revela-se no contraste entre (91g) e (92h), tal como entre (92i) e (92j). No par (92g) e (92h) é possível verificar que *não* é agramatical nos casos em que o constituinte verbal não se encontra topicalizado. A topicalização é assinalada graficamente pela presença da vírgula, que indica uma quebra entoacional e uma pausa entre o constituinte topicalizado e o marcador de negação. O mesmo não sucede com o marcador *nada* que, como vimos anteriormente, pode surgir com ou sem topicalização do elemento verbal que o antecede, exigindo apenas uma reformulação, no primeiro caso. Esta diferença será particularmente relevante no capítulo 4, uma vez que nos fornece pistas úteis para determinar a posição sintáctica ocupada pelo marcador *nada*.

Do mesmo modo, (92i) e (92j) demonstram que, ao contrário do que se verifica com *nada*, a posição medial na frase está vedada ao marcador *não* pós-verbal. Este marcador apresenta uma restrição de última posição, não podendo surgir em nenhuma outra posição na frase.

### 3.5.2 DADOS DO PE VS. DADOS DO PB

Neste último ponto pretendemos apresentar uma breve comparação entre os dados analisados para o PE e aqueles recolhidos para o PB, no que diz respeito ao uso e características do marcador *nada*. Uma vez que *não* pós-verbal apresenta, em PE, uma

grande proximidade com *nada*, como vimos na secção anterior, abordaremos igualmente o uso deste marcador nos dados de PB, sempre que se considerar pertinente.

Embora não tenhamos encontrado bibliografia referente a *nada* enquanto marcador de negação metalinguística no PB, o *corpus* recolhido demonstra que o seu comportamento é bastante semelhante ao do PE, sobretudo na oralidade ou nos textos que tentam reproduzir conversações espontâneas.

De uma maneira geral, podemos afirmar que o *nada* em PB se comporta do mesmo modo que em PE, podendo ser empregue de forma neutra ou com constituintes topicalizados. Na realidade, o *corpus* recolhido aponta para um maior predomínio dos contextos de topicalização, embora não seja possível averiguar esta tendência de forma mais exacta, dada a pequena dimensão do *corpus* de trabalho.

Em (93) apresentamos um exemplo de uso neutro de *nada*, em PB.

- (93) Eu gosto dos meus dois filhos igual, agora você tem oito anos de filho e ela só tem dois anos - uhm - então você tem oito anos de amor " - ((ri)) - quando ele diz "você gosta mais dela, gosta " " gosto *nada*, eu tenho oito anos de amor com você - e seis e dois anos de amor com a outra ".

(*Corpus do Português* - Linguagem Falada: Recife: 279)

O exemplo, retirado de um *corpus* oral, demonstra que, tal como em PE, o *nada* recupera a informação lexical da asserção que é negada, neste caso, a mesma forma verbal. Não há, neste caso, asserção de reformulação, apenas uma breve explicação das razões que levam o locutor a rejeitar a pressuposição inicial *você gosta mais dela*.

Já em (94), o uso de *nada* surge como negação de um constituinte alvo de topicalização.

- (94) Aquelas vacas! Nós caímos na risada; como é que as moças poderiam vir sem passagens. E ele não lhe passou a raiva: - Moças *nada*, umas vagabundas, só apelei para elas por último recurso, uma canta bolero num circo de Niterói, a outra está na cerca porque andou pelo hospital, deviam me agradecer de joelhos!

(*Corpus do Português* – Dinah Silveira de Queiroz; *A Muralha*)

Uma vez mais, o uso de *nada* no exemplo acima assemelha-se, em tudo, ao que analisámos para o PE. Neste exemplo, podemos igualmente verificar a possibilidade de

*nada* se associar a fragmentos nominais, associação essa que exige que o constituinte nominal esteja topicalizado. A existência de uma reformulação directamente contrastiva (*umas vagabundas*) confirma o que foi dito previamente.

Também no que diz respeito à possibilidade de *nada* ocorrer associado à cópula SER, em contextos em que este verbo não figura na asserção anterior, o marcador *nada* apresenta o mesmo comportamento que em PE. Observemos (95):

- (95) E.. se você tem filhos cultos você tem a cultura dentro de casa - o pai que não é culto vai assimilar um pouco a cultura dos filhos - é *nada* - como não? como não? - vai atrás disso - mas como não? - tu vai atrás disso rapaz - é uma conseqüência - quem disse que você consegue dialogar com seu filho?

(*Corpus do Português* - Linguagem Falada: Recife: 5)

Como podemos observar, *é nada* permite negar a asserção anterior, tal como verificámos com os dados do PE, o que nos leva a concluir que, também em PB, as estruturas com este marcador se aproximam dos padrões de resposta a interrogativas *sim/não*. Na descrição feita para o PE sublinhou-se a obrigatoriedade de *nada* negar informação contida numa asserção prévia, não legitimando qualquer tipo de informação nova, ainda que subentendida. Verificou-se que esta exigência da negação metalinguística com *nada* estava directamente relacionada com a sua natureza de estrutura-eco, sendo impossível a introdução de informação lexical nova, ainda que esta correspondesse a uma paráfrase da informação previamente apresentada. Ora, esta restrição, tão marcada em PE, parece não se verificar com tanta rigidez nos dados do PB. O *corpus* de trabalho apresenta exemplos que atestam a possibilidade da negação metalinguística com *nada* não obedecer ao princípio da estrutura-eco. Na verdade, um dos exemplos recolhidos apresenta a negação de informação implícita, mas nunca apresentada lexicalmente ao longo de todo o texto. Observe-se (96):

- (96) Mas a gente sabia que elas tinham, embora não tivesse bem a certeza de como funcionada. Conclusão: bons tempos, *nada!*<sup>19</sup>

Luís Veríssimo, *Semanário Expresso*, Junho 2010

<sup>19</sup> Por razões de espaço, apresentamos o exemplo inserido num contexto mínimo. O texto integral pode ser consultado em anexo a este trabalho.

Este exemplo aponta para uma maior liberdade de uso do marcador *nada* em PB do que em PE, sendo de sublinhar esta possibilidade de negação de informação pressuposta, pertencente a um *common ground*, porém nunca apresentada explicitamente.

Os dados analisados até agora e os exemplos contidos no próprio *corpus* são compatíveis com a hipótese de que, em PB, *nada* ocorra sempre em posição final de frase, tal como o marcador metalinguístico *não*. Apesar de os dados serem insuficientes para confirmar esta hipótese, a verificar-se, revelaria um traço diferenciador entre PE e PB.

Um outro ponto em que o uso do marcador *nada* apresenta diferenças de comportamento é precisamente no tipo de construção em que figura. Encontra-se, em PB, uma estrutura com *nada* que não tem paralelo em PE. Atente-se em (97) e (98):

- (97) O que é que vocês estão cochichando aí? Posso saber? perguntou Doralice, entrando na sala. Silvério ficou desconcertado. - Que cochichando *nada*, menina - falou Val sem perder a bonomia. - Tava só comentando sobre a Mundinha, mãe da Dulcilene.

(*Corpus do Português* – Pedro Côrrea Cabral; *Xambioá: Guerrilha no Araguaia*)

- (98) Mas home, eu tava mesmo precisando falar com o senhor, Doutor. - Algum problema? - Não, senhor. Não, senhor. Que problema que *nada*. É até uma boa nova. Isto é, se o senhor aceitar. - Aceitar o quê, meu chefe? - Que chefe *nada*, Doutor. Pobre não é chefe de rico não.

(*Corpus do Português* – Joyce Cavalcante; *Inimigas Íntimas*)

Os usos ilustrados acima são exclusivos do PB e caracterizam-se pela presença de um constituinte Qu-, seguido de forma verbal no gerúndio ou fragmento nominal/adjectival. Numa das formas encontradas em (98) existe redobro do constituinte Qu- a anteceder o marcador *nada* – *que problema que nada*.

Embora não haja registos de estruturas semelhantes para o PE, as formas [Que\_X\_nada] e [Que\_X\_que\_nada] assemelham-se às construções exclamativas parciais elípticas (ou exclamativas-Qu), constituídas por expressões nominais ou adjectivais, e que ilustramos em (99):

- (99) Que belo dia!

De acordo com Brito, Duarte e Matos (2001) estas construções são um subtipo de exclamativas parciais elípticas, com presença de quantificadores-Q. Este tipo de construções é passível de ser negado metalinguisticamente, com recurso ao marcador *nada*, como no exemplo em (100):

(100) A: Que belo dia!

B: a. Que belo dia, *nada!* Está um dia horrível.

Repare-se que, apesar de (100a) ser formalmente idêntico à construção [Que\_X\_nada] do PB, ela apenas é possível caso a exclamativa-Q elíptica tenha ocorrido na asserção anterior e possa, por isso, ser recuperada. Esta restrição não se verifica no PB, como comprova (98), onde [Que\_X\_nada] surge como negação metalinguística sem que exista uma exclamativa-Q na frase anterior.

Apesar de estas construções não se verificarem em PE, existem registos de negação metalinguística envolvendo o marcador *nada*, em estruturas do tipo [Qual\_X\_qual\_nada], como se ilustra em (101):

(101) *INQ1 Ela é de São Miguel?*

INF É de São Miguel, a minha é de São Miguel. E eu disse: "Bem, agora é que vou seguir". *Qual segui, qual nada!*

(Cordial-Sin –GRC27-N)

Sobre a construção [Qual\_X\_qual\_nada] não é possível encontrar informação na literatura. No entanto, Brito, Duarte e Matos (2001) fazem referência a uma construção paralela dizendo:

A palavra-Q *qual* é utilizada em exclamativas semifixas com o formato *qual A/N, qual carapuça!*, que ocorrem em geral como réplica ou como resposta a perguntas, como ilustrado em (i) e (ii):

(i) – Esse rapaz é muito inteligente!

- Qual inteligente, qual carapuça!

(ii) – Trouxeste o presente?

- Qual presente, qual carapuça!

Brito, Duarte e Matos (2001: 486)



A expressão *qual A/N, qual carapuça!* a que aludem as autoras parece, em tudo, semelhante a [Qual\_X\_qual\_nada], ocorrendo em contextos que se afigura serem de negação metalinguística. Contudo, dada a complexidades destas estruturas, que envolvem processos semelhantes aos que se observam nas interrogativas-Qu, a sua explicação sai fora do âmbito deste trabalho, constituindo um futuro tema de investigação, a ser explorado noutras circunstâncias.

Paralelamente ao marcador *nada*, tema central do nosso estudo, identificámos um marcador *não* pós-verbal, igualmente metalinguístico. Sobre ele foi dito, na secção anterior, que se assemelhava ao marcador de negação metalinguística *nada* em contextos de topicalização, apenas surgindo, ele próprio, nesses mesmos contextos.

Ora, embora não existam estudos que dêem conta do uso de *nada* enquanto marcador de negação metalinguística, o marcador pós-verbal *não* foi já alvo de estudo e discussão por alguns autores, de entre os quais destacamos Cavalcante (2007) e Biberauer e Cyrino (2009).

A estrutura [Verbo\_não] foi descrita por Cavalcante (2007) como variante dialectal das regiões rurais do Brasil. Na verdade, Cavalcante (2007) considera que a negação em PE não manifesta as formas [Neg\_V\_Neg] ou [V\_Neg], pelo que estas estruturas corresponderiam a estratégias inovadoras do PB. Ora, como vimos na secção 3.5.1, ambas as estruturas existem em PE, como negação enfática e metalinguística, respectivamente.

A descrição de [V\_não] efectuada por Cavalcante demonstra que esta estrutura não figura em orações encaixadas e favorece a elipse de VP e omissão do constituinte Sujeito, características que assinalámos para *nada* e que estendemos à descrição de *não*. No entanto, Cavalcante propõe uma análise para [V\_não] que passa pela sua derivação a partir de [Não\_V\_não], com apagamento do marcador *não* pré-verbal, situando a estrutura numa fase IV do Ciclo de Jespersen.

Esta análise é refutada por Biberauer e Cyrino (2009). As autoras identificam três marcadores *não* distintos, em PB: um *não* pré-verbal, identificado como *não*<sub>1</sub>; um *não* pós-verbal enfático, identificado como *não*<sub>2</sub>; e um *não* pós-verbal autónomo, identificado como *não*<sub>3</sub>, conforme se ilustra em (102):

- (102) a. O João *não*<sub>1</sub> comprou a casa.  
 b. O João *não*<sub>1</sub> comprou a casa *não*<sub>2</sub>.  
 c. O João comprou a casa *não*<sub>3</sub>.

É o marcador *nãõ*<sub>3</sub> que aqui importa analisar, dado estabelecer algumas semelhanças com o *nãõ* pós-verbal identificado para o PE.

De acordo com as autoras, embora *nãõ*<sub>2</sub> e *nãõ*<sub>3</sub> sejam ambos pós-verbais, apenas este último é autónomo, surgindo na frase como único marcador de negação, tal como o *nãõ* do PE.

Ao contrário do *nãõ*<sub>2</sub>, o *nãõ*<sub>3</sub> não pode ser omitido, pois a sua omissão determina que a frase adquira outro sentido, como se verifica em (103), extraído de Biberauer e Cyrino (2009:18). O mesmo sucede com o *nãõ* pós-verbal do PE.

- (103) a. *João nãõ*<sub>1</sub> comprou a casa *nãõ*<sub>2</sub>.  
 b. João *nãõ*<sub>1</sub> comprou a casa.  
 c. João comprou a casa *nãõ*<sub>3</sub>.  
 d. \*João comprou a casa.

Por outro lado, *nãõ*<sub>3</sub> é ainda considerado incompatível com IPNs e não pode ser modificado por um advérbio como *absolutamente* (cf. Biberauer e Cyrino 2009:18). É ainda descrito como sendo fonologicamente forte e não totalmente integrado na estrutura oracional.

Biberauer e Cyrino (2009) prevêem que *nãõ*<sub>3</sub> tenha origem no *nãõ* anafórico, presente nas respostas negativas mínimas a interrogativas *sim/nãõ*, como a que se apresenta em (104), extraída de Biberauer e Cyrino (2009:21):

- (104) A: Você tem muitas dívidas?  
 B: a. Não.  
 b. Tenho não.

A descrição de *nãõ*<sub>3</sub> apresentada por Biberauer e Cyrino (2009) não é suficiente para estabelecer um paralelismo entre o *nãõ* pós-verbal apresentado para o PE e o *nãõ* pós-verbal existente em PB. Na verdade, verificamos algumas diferenças de comportamento entre ambos os marcadores que apontam para um maior número de restrições do *nãõ* pós-verbal do PE.

Por um lado, os exemplos de *nãõ*<sub>3</sub> apresentados em Biberauer e Cyrino (2009) não indicam restrições relativas a uma estrutura-eco, nem a necessidade de asserções de reformulação, como se verifica para o PE.

Relembrando o exemplo em (103), verificamos que, em PE, (103b) seria considerado desadequado, pela ausência de uma asserção de reformulação. O mesmo enunciado, em PE, só seria gramatical sob a forma *O João comprou a casa, não. O João alugou a casa*. A julgar pela gramaticalidade do exemplo, em PB essa restrição não se aplica.

Na realidade, o *não* descrito em Biberauer e Cyrino (2009) nunca é classificado de metalinguístico, afirmando-se apenas que deriva do *não* anafórico (das respostas mínimas negativas a interrogativas *sim/não*), pelo que, e em virtude da escassez de dados, seria precipitado afirmar que o *não* descrito para o PE é o mesmo que o apresentado para o PB.

Concluimos assim que o marcador de negação metalinguística *nada* não é exclusivo do PE e, em virtude dos dados encontrados, acreditamos que é bastante mais produtivo em PB do que em PE. Relativamente ao seu comportamento, parece ser essencialmente idêntico (ainda que tenhamos podido apontar alguns traços diferenciadores), pelo que concluimos que se trata do mesmo marcador metalinguístico.

No que diz respeito ao marcador *não* pós-verbal, classificado como metalinguístico para o PE, há indícios que apontam para a existência de um marcador correspondente em PB, embora aqui se assinalem algumas diferenças importantes e os dados não nos permitam conclusões mais definitivas.

Esta comparação entre dados de duas variantes do português permite-nos concluir que a negação pós-verbal, quando autónoma, é sempre metalinguística no PE e, possivelmente, também no PB.

### 3.6 CONCLUSÃO

Ao longo deste capítulo foram apresentadas as principais características de um marcador de negação metalinguística ainda não descrito para o português: o marcador *nada*.

A aplicação de testes sintáticos e a análise de alguns comportamentos deste marcador permitiram-nos classificá-lo, de forma inequívoca, como um verdadeiro marcador de negação metalinguística e, portanto, distinto do seu homónimo *nada*, presente nas estruturas de negação enfática. Recorde-se que *nada* revelou-se incapaz de legitimar IPNs, demonstrando que não admite concordância negativa, e compatível com IPPs fortes, tal como prevêem os testes de Horn.

Verificámos ainda que *nada* obedece a determinados requisitos, veiculando sempre negação discordante e não admitindo a integração de informação nova no interior da asserção por si negada. Estas restrições encontram-se intimamente ligadas à sua estrutura-

-eco que, de certa forma, exige a reprodução da informação semântico-lexical da asserção anterior, funcionando como uma citação que não pode ser desmembrada ou ampliada com outros constituintes exteriores.

A sintaxe das estruturas com *nada* assemelha-se aos padrões de resposta a interrogativas *sim/não*, verificando-se uma clara preferência pela elipse de VP e pela omissão do Sujeito, visto tratar-se de constituintes pertencentes ao *common ground* e, portanto, contextualmente recuperáveis.

Concluiu-se ainda que, à semelhança de marcadores como *agora* ou *uma ova*, também *nada* é periférico. Aproxima-se de *agora* pelo facto de, embora periférico (de acordo com os testes estabelecido por Martins, 2010a), ser possível encontrá-lo em duas posições superficiais distintas na frase: em posição interna, adjacente ao verbo, e em posição de final de frase. Estas duas posições, como verificámos, não são escolhidas aleatoriamente. A posição por defeito, com uma leitura neutra, é a de adjacência ao verbo (que poderá ser final como resultado de processos de elipse), ao passo que a posição tipicamente final de frase é motivada pela existência de constituintes topicalizados (mais concretamente, todo o material fonologicamente realizado, à excepção de *nada*, estará topicalizado). Nestes casos, vimos que é exigida a presença de uma asserção de reformulação; a sua ausência determina a desadequação da asserção.

Finalmente, procedeu-se a uma dupla comparação de *nada*, por um lado, com um outro marcador ainda não descrito para o PE, o *não* de final de frase, e por outro, com os dados recolhidos para o PB.

Relativamente ao *não* de final de frase verificámos que apresenta um comportamento idêntico ao dos outros marcadores de negação metalinguística, porém os dados indicam que apenas é usado para negar constituintes topicalizados, exigindo uma asserção de reformulação posterior, que apresente informação contrastiva em relação à que é negada.

No que diz respeito aos dados do PE, englobando os marcadores de negação metalinguística *nada* e *não*, duas conclusões parecem impor-se. Em primeiro lugar, concluímos que o marcador *nada* se comporta de forma essencialmente idêntica em PE e PB, sendo, contudo, mais produtivo nos dados do PB e o seu uso menos limitado contextualmente, pois nem sempre obedece à estrutura-eco. Já no caso do marcador *não*, há indícios que sugerem a possibilidade de estarmos perante marcadores da mesma natureza, em PE e PB.

#### 4.0 INTRODUÇÃO

No capítulo 3 ficou demonstrada a natureza metalinguística do marcador de negação *nada*, tendo sido igualmente descrito o seu comportamento numa série de contextos. No entanto, a par de encontrar respostas para algumas questões deixadas em aberto no capítulo anterior, é imprescindível levar a cabo uma análise mais fina, que nos permita uma descrição completa deste marcador.

Assim, na secção 4.1, começaremos por esclarecer o conceito de *asserção responsiva* (Farkas e Bruce, 2010; Jones, 1999), já mencionado em 3.4.4. Seguindo a proposta de Farkas e Bruce (2010), tentaremos demonstrar que marcadores como *nada* podem ser identificadores de um determinado tipo de frase que expressa objecção. Esta perspectiva levar-nos-á a colocar *nada* no domínio de CP, numa posição que codifique informação relativa à força ilocutória das frases.

Posteriormente, na secção 4.2 do presente capítulo, debruçar-nos-emos sobre questões mais teóricas, relacionadas com a posição sintáctica dos marcadores metalinguísticos periféricos. Apresentaremos aqui as propostas de Martins (2010a) para os dados do PE e de Drozd (2001) para os dados do Inglês no domínio da aquisição da linguagem.

Na secção 4.3 iremos demonstrar que *nada* apresenta uma restrição de segunda posição e é, aparentemente, uma forma fraca. Esta restrição de segunda posição determina que as estruturas com *nada* obedeçam a uma configuração do tipo Tópico=IP topicalizado, Comentário=*nada*. Por outro lado, mostraremos também que o requisito de segunda posição pode ser igualmente satisfeito através de fusão morfológica de *nada* com a forma verbal ou com um marcador metalinguístico interno, formando uma nova palavra.

Já na secção seguinte, em 4.4, vamos finalmente propor que o marcador *nada* seja então gerado numa posição específica no domínio de CP, concretamente em C.

Por fim, em 4.5 apresentamos uma breve conclusão do capítulo.

#### 4.1 A NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA E O CONCEITO DE ASSERÇÃO RESPONSIVA

Num ponto anterior deste trabalho referimo-nos ao conceito de *resposta* sob uma perspectiva mais abrangente, incluindo, não apenas respostas a perguntas (expressas por uma frase interrogativa), mas também a asserções ou a pedidos.

De acordo com Jones (1999), o conceito de *resposta* deve ser entendido num sentido mais amplo, de modo a incluir todo o tipo de respostas (i.e., reacções de concordância ou discordância, correcções, entre outras funções discursivas), quer a interrogativas totais, quer a asserções ou pedidos.

Neste sentido, e como foi visto anteriormente, os enunciados em que ocorre negação metalinguística podem ser considerados respostas, pois surgem como reacções discordantes a asserções previamente introduzidas no domínio do discurso.

De acordo com Farkas e Bruce (2010), as respostas, no sentido lato acima definido, podem ser denominadas de *asserções responsivas*, dado que surgem como reacção a uma pergunta ou asserção prévias e implicam um certo grau de compromisso com o conteúdo proposicional da frase-resposta. Segundo os mesmos autores, respostas com *yes* e *no* constituem asserções responsivas.

Na verdade, uma asserção responsiva pode ser caracterizada com base em três critérios: a) ser uma resposta a uma asserção ou a uma interrogativa total; b) expressar concordância ou discordância em relação ao conteúdo proposicional (explícito ou pressuposto) do antecedente e; c) asserir uma frase positiva ou negativa.

De modo a formalizar o sistema de asserções responsivas, Farkas e Bruce (2010) propõem uma codificação de traços que avalie questões de concordância e de polaridade.

Para avaliar a concordância ou discordância em relação ao antecedente são criados os traços [same] e [reverse], que exprimem um valor confirmativo e infirmativo, respectivamente. Por outro lado, os valores de polaridade absoluta das asserções responsivas são codificados com recurso ao sinal [+], para polaridade positiva, e a [-], para polaridade negativa, considerando-se o primeiro traço como o menos marcado e o segundo como o mais marcado.

Os exemplos em (105) e (106), extraídos de Farkas e Bruce (2010:21) pretendem ilustrar a conjugação dos dois tipos de traços acima apresentados.

(105) Anne: Sam is home./ Is Sam home?

Ben: Yes he is. ([same, +])

Connie: No, he isn't. ([reverse, -])

(106) Anne: Sam is not home./ Is Sam not home?

Ben: Yes, he is. ([reverse, +])

Connie: No, he isn't. ([same, -])

Para uma frase declarativa ou interrogativa com polaridade positiva, como em (105), é possível obter uma resposta concordante e com polaridade positiva, com os traços [same, +], ou discordante e com polaridade negativa, com os traços [reverse, -]. Já em (106), partindo de uma frase declarativa ou interrogativa com polaridade negativa, uma resposta discordante terá polaridade positiva, apresentando os traços [reverse, +], enquanto uma resposta concordante terá polaridade negativa, exibindo os traços [same, -].

Em termos de estrutura sintáctica, é ainda assumido pelos autores que as asserções responsivas com marcadores de polaridade como *yes* e *no* são geradas no domínio de CP.

A análise apresentada por Farkas e Bruce (2010) para as asserções responsivas com *yes* e *no* permite-nos lançar as bases para a teoria de que também os marcadores de negação metalinguística se comportam como asserções responsivas, que podem ser codificadas por meio de traços de valor absoluto e de valor relativo.

Relembremos que já no capítulo 3 havíamos aproximado as estruturas com *nada* das respostas a interrogativas *sim/não*, no que diz respeito à necessidade de elidir informação pertencente ao *common ground*.

Assim, tal como *yes* e *no* indicam que estamos perante um tipo de frase que se constitui como uma resposta, também a presença de um marcador de negação metalinguística adquire o mesmo valor. Se tivermos em atenção os critérios de caracterização das asserções responsivas, verificaremos que, a respeito dos marcadores metalinguísticos, se pode afirmar que: a) são uma resposta a uma asserção ou a uma interrogativa total; b) expressam sempre discordância em relação ao antecedente e; c) podem asserir uma frase positiva ou negativa (no caso dos marcadores periféricos).

No entanto, face à natureza das asserções veiculadas pelos enunciados que incluem marcadores de negação metalinguística, os traços propostos por Farkas e Bruce (2010) não podem ser adoptados sem as devidas adaptações.

No ponto seguinte, apresentaremos uma proposta dos traços que permitem dar conta das propriedades dos marcadores de negação metalinguística, em geral.

#### 4.1.1 PROPOSTA DE TRAÇOS PARA MARCADORES METALINGUÍSTICOS

Respostas do tipo *yes/no* podem ser codificadas com recurso a dois tipos de traços, segundo a tipologia de Farkas e Bruce (2010).

No entanto, embora os marcadores de negação metalinguística se apresentem como indicadores de um dado tipo de resposta, não podem ser classificados com recurso aos traços [same] e [reverse] e polaridade [+] ou [-].

Na realidade, aquilo que caracteriza uma resposta com um marcador de negação como *nada* é o facto de qualquer asserção se apresentar como alvo de uma objecção. Uma das principais características da negação metalinguística é precisamente o facto de expressar unicamente negação discordante, razão pela qual os traços aplicados às respostas do tipo *sim/não* não são aplicáveis.

Assim, e tendo em conta que um marcador de negação metalinguística expressa sempre uma objecção em relação a um enunciado prévio, defende-se que a discordância seja codificada pelo traço [object], adoptando a proposta de Martins (2010b). A este traço está associado um valor de discordância em relação ao enunciado anterior, não implicando isso, necessariamente, a falsidade da asserção, como acontece com o traço [reverse].

Por outro lado, em termos dos valores de polaridade absoluta das respostas com marcadores metalinguísticos, é possível adoptar os traços [+] e [-], tal como propõe Martins (2010b). No entanto, o valor do traço de polaridade não é definido de acordo com o marcador que figura na frase, como acontece nas respostas com *yes* e *no*. Os marcadores metalinguísticos periféricos como *nada* ou *agora* podem exprimir discordância relativamente a uma frase afirmativa ou negativa, sendo a polaridade absoluta da frase que exprime a objecção igual à da frase antecedente (i.e., a frase que é alvo da objecção).

Para melhor clarificar o que foi acima explanado, observem-se os exemplos em (107) e (108), que apresentam respostas com o marcador *nada*:

(107) A: A Mariana vai comprar uma moradia.

B: a. Vai *nada!* ([object, +])

(108) A: Nunca fui a Roma.

B: a. Nunca foste a Roma, *nada!* Já lá foste várias vezes. ([object, -])



Em (107) é apresentado como verdadeiro o facto de *a Mariana* ir comprar uma moradia. Em (107a) esta asserção é alvo de objecção, mostrando que o locutor não aceita integrar no *common ground* discursivo o conteúdo proposicional da asserção. Uma vez que a asserção inicial possui polaridade positiva, a asserção de objecção com *nada* herda essa mesma polaridade positiva, verificando-se assim os traços [object] e [+].

Contrariamente a (107), em (108) estamos perante uma nova objecção a uma asserção anterior, porém com polaridade negativa. A presença do advérbio *nunca* determina que estamos perante uma frase negativa, sendo essa a polaridade absoluta herdada em (106a) e verificando-se os traços [object] e [-].

Esta caracterização dos marcadores de negação metalinguística como indicadores de tipo e forma de frase fornece-nos algumas pistas úteis sobre a posição em que são gerados, oferecendo motivação para a hipótese de que sejam projectados no domínio de CP, tal como acontece com *yes* e *no* do inglês, de acordo com Frakas e Bruce (2010) – cf. Laka (1990) e Martins (2006).

Tendo em mente que os marcadores de negação metalinguística, como *nada*, podem ser considerados indicadores de tipo e forma de frase, esta análise dá-nos o ponto de partida fundamental para a proposta de posição sintáctica ocupada pelo marcador *nada*, no enquadramento teórico da Teoria de Princípios e Parâmetros e do Programa Minimalista.

## 4.2 SOBRE A POSIÇÃO DOS MARCADORES PERIFÉRICOS

Os marcadores periféricos distinguem-se dos marcadores internos por uma série de características já descritas na secção 3.3. Recorde-se que apenas os marcadores periféricos apresentam variações de ordem em relação à posição linear na frase; além disso, podem ocorrer com fragmentos nominais, em estruturas de coordenação, com advérbios enfáticos e como negação de frases negativas.

Nesta secção centrar-nos-emos em questões mais teóricas, que se prendem com a definição da posição em que são gerados os marcadores periféricos. Para tal, apresentaremos as propostas de Drozd (2001), referente ao inglês, e de Martins (2010a) para o português.

#### 4.2.1 DRODZ (2001)

Em Drozd (2001) encontramos uma análise inovadora da negação periférica (*presentential negation*) no discurso espontâneo de crianças falantes do inglês. No domínio da aquisição da linguagem, Drozd analisa a presença de um marcador de negação – *no* – que ocorre em posição inicial de frase e parece ser exclusivo do discurso infantil.

Ao contrário do que defende a maioria dos estudos sobre o assunto, Drozd apresenta evidências de que o uso periférico à esquerda de *no* constitui um caso de negação metalinguística exclamativa, surgindo em contextos de de negação (*denial*).

A análise de Drozd (2001) vem reforçar o que observámos para o marcador *nada*, no que concerne as características particulares da negação metalinguística. O autor sublinha, por um lado, a natureza ecóica da negação metalinguística e, por outro, a sua ocorrência em contextos de objecção/rejeição de uma asserção, não implicando a sua falsidade, necessariamente.

O uso de *no* pré-frásico<sup>20</sup> é interpretado como um estágio inicial de uso da negação metalinguística, que tenderá a ser substituído pela negação com marcadores metalinguísticos de natureza idiomática como *like hell* e *no way*.

A par destas conclusões, interessa-nos sobretudo salientar nesta secção a proposta de Drozd relativamente à posição ocupada pelo *no* pré-frásico ou periférico.

Partindo do pressuposto de que *no* é efectivamente usado pelas crianças para expressar a rejeição exclamativa de uma asserção, Drozd defende que a posição mais provável para este marcador é a mesma dos marcadores de negação metalinguística de natureza idiomática, ou seja, no domínio de CP.

... then the most likely generative syntactic analysis would be that presentential *no* occurs in CP in child English, which is presumably the position for exclamative paraphrases like *no way* and *like hell* in adult English.

(Drozd, 2001: 72)

Drozd apresenta então uma possível representação de *no* ocupando a posição de núcleo de CP, conforme a representação apresentada em (109), para a frase *No Mommy doing*, extraída de Drozd (2001:72):

---

<sup>20</sup> De acordo com Drozd (2001), a par de *no*, podem igualmente surgir em posição periférica os marcadores *not* e *never*.



estrutura da frase é a mesma em ambas as situações, de acordo com a proposta de Martins (2010a).

Observem-se as frases em (111), retiradas de Martins (2010a:16), que ilustram a colocação possível de *agora* na estrutura linear da frase.

- (111) A: O João deu um carro à Maria.  
 B: a. O João deu *agora* um carro à Maria.  
 b. O João deu um carro à Maria *agora*.  
 c. Deu *agora*.

A autora explica as diferentes colocações de *agora* com recurso ao movimento de alguns constituintes, de acordo com as representações em (112) e (113).

$$(112) \left[ \text{TopP} \left[ \Sigma\text{P} \text{O João}_n \text{deu}_i \text{um carro à Maria} \right]_k \left[ \text{Top}' \left[ \text{CP} \text{agora} \left[ \text{C}' \left[ \Sigma\text{P} \left[ \text{O João} \right]_n \left[ \Sigma' \left[ \text{TP} \left[ \text{TP}' \text{deu}_i \right] \right] \right] \right] \left[ \text{VP} \left[ \text{O João} \right]_n \text{deu}_i \text{um carro à Maria} \right] \right] \right] \right] \right]_k \left[ \right] ] \left[ \right] ] \left[ \right] ] \quad (\text{C} = [\text{C2} \text{C1}[\text{C2}]])$$

$$(113) \left[ \text{TopP} \left[ \Sigma\text{P} \text{O João deu} \left[ \text{VP} \text{um carro à Maria} \right]_m \right]_k \left[ \text{Top}' \left[ \text{CP} \text{agora} \left[ \text{C}' \left[ \text{FocP} \left[ \text{Foc}' \left[ \text{VP} \text{O João}_n \right] \right] \right] \left[ \text{Foc} \left[ \text{VP} \text{deu}_i \text{um carro à Maria} \right]_m \left[ \Sigma\text{P} \left[ \text{O João} \right]_n \left[ \Sigma' \left[ \text{TP} \left[ \text{TP}' \text{deu}_i \right] \right] \right] \right] \left[ \text{VP} \left[ \text{O João} \right]_n \text{deu}_i \text{um carro à Maria} \right]_m \right] \right] \right] \right] \right] \left[ \right] ] \left[ \right] ] \left[ \right] ] \quad (\text{C} = [\text{C2} \text{C1}[\text{C2}]])$$

Frases como (111), representada em (112), são explicadas através da topicalização de toda a frase, correspondente ao constituinte  $\Sigma\text{P}$  (a projecção mais alta do domínio de IP). Este movimento derivaria as frases com *agora* em posição final.

Nos casos em que *agora* surge em posição medial, Martins (2010a) propõe que houve novamente topicalização de  $\Sigma\text{P}$ ; no entanto, VP encontra-se focalizado, em FocP, tendo sido extraído de  $\Sigma\text{P}$  antes de este constituinte se mover para Spec,TopP (um caso de *remnant movement*). Deriva-se assim a ordem (Suj)+Verbo+*agora*+VP.

Não obstante ser possível o uso de *agora*, quer em posição final, quer em posição medial, de acordo com os exemplos apresentados acima, Martins (2010a) defende que enunciados como (111c) são sempre preferenciais. A elipse de todos os constituintes que não se apresentam como informação nova é a opção não marcada, à excepção dos casos em que, por razões de proeminência discursiva, se focalizam constituintes que se pretende contrastar.

A análise de Martins (2010a) permite, por um lado, diferenciar os marcadores internos dos periféricos, em termos de representação e, por outro, reforçar a ideia de que os periféricos são gerados no domínio de CP.

Estes dados são valiosos para definir em que posição ocorre o marcador *nada* que, como vimos anteriormente, pertence à classe dos periféricos, ainda que o seu comportamento difira ligeiramente do de *agora*.

### 4.3 RESTRIÇÕES DE POSIÇÃO DO MARCADOR *NADA*

Antes de passarmos a uma proposta de representação sintáctica do marcador de negação metalinguística *nada*, afigura-se essencial introduzir algumas considerações relativas às particularidades sintácticas de *nada*, nomeadamente o aparente requisito de segunda posição, que se ilustra em (114) e que havia ficado implícito na análise apresentada no capítulo 3.

- (114) A: Ele tem sono.  
 B: a. \**Nada*.  
     b. Tem *nada*.  
     c. \**Nada* tem.  
     d. *Cá nada*.  
     e. \**Nada cá*.  
     f. Sono, *nada*.  
     g. \**Nada sono*.

O fenómeno dos *elementos de segunda posição* tem sido estudado por vários autores, ao longo das décadas (cf. Mushin, 2005; Anderson, 2000; Halpern, A. L. e Zwicky, A. (eds), 1996). Apesar de este fenómeno estar intimamente relacionado com a noção de clítico, não se restringe a ela, existindo elementos de natureza não-clítica que são também elementos de segunda posição. Um dos casos mais bem estudados é o do verbo, em posição V2, em línguas como o alemão (cf. Jouisseau, 2010).

Posto isto, a questão que se coloca é a de saber se *nada* é um verdadeiro elemento de segunda posição, independentemente de ser ou não uma forma fraca (quanto à possível classificação do marcador de negação metalinguística *nada* como uma forma fraca, vejam-se

as observações breves no final da secção seguinte e Cardinaletti e Starke, 1999, Anderson, 2000).

Sem prejuízo da classificação de *nada* como marcador de negação metalinguística periférico, feita no capítulo anterior (cf. capítulo 3, secção 3.3), é importante lembrar que, ao contrário de outros marcadores periféricos, *nada* não ocorre isoladamente, nem em posição inicial de frase. Observemos os exemplos em (115), que contrastam o comportamento de *nada* com o dos marcadores periféricos *agora* e *uma ova*.

(115) A: A Ana vai a Paris este Verão.

- B: a. \**Nada!*  
 b. *Agora!*  
 c. *Uma ova!*  
 d. \**Nada* (é que) vai.  
 e. *Agora* vai! (dialectos minhotos)  
 f. *Uma ova* é que vai!<sup>21</sup>

Os resultados de (115a) e (115b) demonstram que *nada*, ao contrário de *agora* e de *uma ova*, não pode ocorrer isolado nem como primeiro elemento da frase, o que indicia ausência de autonomia, eventualmente morfo-fonológica, e constitui evidência a favor do seu requisito de segunda posição.

Do mesmo modo, se compararmos o comportamento de *nada* e *agora* em relação à ocorrência com fragmentos nominais e à formação de *clusters*, verificamos que, uma vez mais, *nada* só é gramatical em segunda posição.

(116) A: O prédio tem cinco andares.

- B: a. \**Nada* cinco. Tem seis!  
 b. *Agora* cinco. Tem seis!  
 c. Cinco, *nada!* Tem seis!  
 d. Cinco, *agora!* Tem seis!  
 e. *Agora lá/ agora cá!*  
 f. \**Nada lá/ nada cá!*

<sup>21</sup> Os marcadores idiomáticos como *uma ova*, *o tanas*, etc, apenas ocorrem em posição inicial de frase quando seguidos de *é que*. Não nos deteremos, contudo, neste assunto.

Ao contrário de *agora*, que pode ocupar a primeira posição da frase, como atesta o exemplo (116b), essa posição está vedada a *nada*, de acordo com (116a). Também o contraste entre (116e) e (116f) nos conduz para a mesma conclusão, na medida em que apenas *agora* pode ser o primeiro elemento de um *cluster* formado com os marcadores internos *cá/lá*. De acordo com Martins (2010a), num cluster como [*agora+cá/lá*], o comportamento sintático é definido pelo marcador que ocorre em posição inicial, neste caso *agora*. O mesmo se verifica no cluster [*nada+cá/lá*], em que *nada* continua a exigir o preenchimento da posição à sua esquerda.

No entanto, os dados demonstram que não basta existir material à esquerda de *nada* para que a estrutura seja gramatical. Atente-se em (117).

- (117) A: O menino colocou o livro na estante.  
 B: a. \*O menino *nada* colocou o livro na estante.  
 b. \*O menino colocou o livro *nada* na estante.  
 c. O menino colocou o livro na estante, *nada!*

O contraste de (117a) e (117b) em relação a (117c) sugere que a presença de um elemento a ocupar a primeira posição da frase não é condição suficiente para determinar a gramaticalidade das estruturas com *nada*. No caso de (117a), o elemento que ocupa a primeira posição é o NP *o menino*, que constitui um fragmento da projecção máxima IP. Já em (116b), a primeira posição é ocupada por um constituinte maior - *O menino colocou o livro* - mas que constitui igualmente um fragmento de IP. Apenas (117c) apresenta, em primeira posição, todo o IP, devolvendo um resultado gramatical.

Os dados de (115) a (117) demonstram-nos que *nada* exhibe um comportamento típico de um elemento de segunda posição, que exige a topicalização de toda a frase, ou seja, de todo o IP, para satisfazer este requisito.

De acordo com Anderson (2000), o preenchimento de uma posição estrutural como a posição de Tópico é uma das estratégias que permitem a um elemento de segunda posição salvar o segundo lugar na frase. Parece ser este o caso do marcador *nada*, com a deslocação de todo o IP para uma posição de tópico, à sua esquerda. Anderson (2000) prevê que, nestes casos, o elemento de segunda posição se posicione na periferia esquerda, exigindo a deslocação de outro constituinte para a sua esquerda. Este movimento

pode ser de adjunção ao sintagma ou consistir no preenchimento de uma posição estrutural, como é o caso da posição de Tópico.<sup>22</sup>

O requisito de segunda posição do marcador *nada* pode, aparentemente, ser satisfeito por outras duas estratégias que não passam pela topicalização de IP: recorrendo ao verbo ou aos marcadores de negação metalinguística internos *cá* e *lá*. Observe-se (118):

(118) A: Vou à China nas férias do Natal.

B: a. Vais *nada*!

b. *Cá/lá nada*!

Em (118a), a primeira posição da frase é assegurada exclusivamente pela forma verbal *vais*. Do mesmo modo, em (118b), é um marcador de negação metalinguística interno que assegura o preenchimento da primeira posição, formando um *cluster* com as formas [*cá+nada*] ou [*lá+nada*].

Os exemplos até aqui analisados permitem-nos concluir, com bastante segurança, que *nada* é um elemento de segunda posição, exigindo, portanto, um elemento à sua esquerda, que satisfaça esse requisito. Os únicos elementos que podem ocupar a primeira posição são, como vimos até agora, todo o IP topicalizado, uma forma verbal ou um marcador de negação metalinguística interno.

Posto isto, como explicar enunciados do tipo de (119), em que a primeira posição parece não ser preenchida por nenhum dos três elementos enumerados acima?

(119) A: Eles compraram um carro azul.

B: a. Um carro azul, *nada*. Uma mota verde.

b. Um carro, *nada*. Uma mota.

c. Eles, *nada*. Os pais deles é que compraram.

O que os exemplos em (119) aparentemente nos mostram é o preenchimento da primeira posição por fragmentos de IP e não por todo o IP, como preconizámos. Senão

---

<sup>22</sup> De acordo com Anderson (2000), uma outra estratégia exibida pelos elementos de segunda posição pressupõe que o elemento de segunda posição ocupe a posição de núcleo funcional de um determinado sintagma, de modo a permitir que a posição de Spec fique livre.



vejamos: nas alíneas (119a) a (119c) encontramos apenas fragmentos nominais a preencherem a primeira posição.

Não obstante, contrariamente ao que se poderia supor, em todos os exemplos de (119) estamos perante topicalização de todo o IP. O que se verifica em (119a) a (119c) é precisamente a topicalização de IP, satisfazendo o requisito de segunda posição de *nada*, seguida de eclipse de todos os constituintes não relevantes do ponto de vista discursivo.

Relembremos que, sendo *nada* um marcador de asserções responsivas, exige maximização dos processos de eclipse, nos moldes apresentados por Jones (1999). Nesse sentido, apenas permite a realização fonológica dos constituintes considerados proeminentes, do ponto de vista discursivo, através de topicalização (a focalização é também um processo que se encontra disponível, como mostrámos no capítulo 3 e referiremos a seguir). A necessidade de asserções de reformulação posteriores, que contrastam apenas os constituintes com realização fonológica, permite corroborar esta ideia.

As estruturas com *nada* exemplificadas tanto em (117) como em (119) podem, assim, ser analisadas uniformemente, com recurso à seguinte configuração: Tópico=IP topicalizado; Comentário=*nada*. Sobre um determinado tópico, recuperado de uma asserção prévia, o locutor apresenta um comentário que consiste na objecção/discordância em relação à informação dada anteriormente. Esta configuração permite introduzir, apropriadamente, a subsequente reformulação de natureza contrastiva.

Note-se, porém, que as construções com topicalização de IP são incompatíveis com a existência de constituintes focalizados à direita de *nada* (cf. a secção 3.4.6 do capítulo 3). Na verdade, a análise que acabamos de propor deriva este facto, desde que articulada com a proposta que fizemos no capítulo 3 de que os constituintes focalizados contrastivamente nas estruturas com *nada* estão focalizados *in situ*. Se todo o IP se encontra topicalizado, numa posição à esquerda de *nada*, então não restam constituintes que possam ser focalizados *in situ*, ou seja, à direita de *nada*.

#### 4.3.1 REANÁLISE MORFOLÓGICA EM ESTRUTURAS COM *NADA*

Verificámos que o requisito de segunda posição de *nada* pode, aparentemente, ser satisfeito pelo IP topicalizado, pela forma verbal ou pelos marcadores internos *cá/lá*.

No entanto, aquilo que, na prática, se verifica, é o recurso a duas estratégias distintas para satisfazer o requisito de segunda posição: a primeira consiste na topicalização de todo

o IP (contemplando processos de elipse) para preencher a primeira posição da frase, ao passo que a segunda apresenta como alternativa o bloqueamento da restrição, através de um processo de reanálise morfológica.

A reanálise morfológica verifica-se sobretudo na expressão de efeitos de segunda posição, na perspectiva de Harley e Noyer (1999) – *The canonical use of Merger in Morphology is to express second-position effects* – o que vem reforçar o requisito de segunda posição, defendido para *nada* (quer dizer, podemos admitir que o requisito de segunda posição ou é satisfeito na componente sintáctica ou é, de certa forma, satisfeito na componente morfológica).

O conceito de reanálise morfológica (*morphological merger*) foi inicialmente proposto por Marantz (1984, 1988), que o define nos seguintes termos:

At any level of syntactic analysis (D-Structure, S-Structure, phonological structure), a relation between X and Y may be replaced by (expressed by) the affixation of the lexical head of X to the lexical head of Y.

(Marantz, 1988:261)

Também Bošković (2000), partindo da definição inicial de Marantz (1984, 1988), apresenta a reanálise morfológica em termos idênticos:

At any level of analysis, independent constituents X and Y standing in a relation at that level (or heading phrases standing in a relation) may merge into a single word X+Y, projecting the relation between (the constituent headed by) X and (the constituent headed by) Y onto the affixation relation X+Y.

(Bošković, 2000:108)

Assume porém, ao contrário de Marantz, que a reanálise morfológica está impossibilitada de ordenar elementos, limitando-se a fundir dois elementos que se encontram adjacentes.

The most important departure from Marantz is that I assume that Morphological Merger cannot reorder elements, it simply puts two adjacent elements together, forming a single word out of them.

(Bošković, 2000:108)

Dentro do conceito geral de reanálise morfológica, é possível encontrar subdivisões referentes a diferentes mecanismos de reanálise. Halle e Marantz (1993)

identificam os processos de *Merger* e *Fusion*<sup>23</sup> (cf. também Nunes, 2001, 2004 e Bošković e Nunes, 1997), enquanto Embick e Noyer (2001) referem a existência de processos de *Lowering* e *Local Dislocation*<sup>24</sup>. Alguns autores consideram ainda como um tipo de reanálise morfológica o processo de *Prosodic Inversion* (cf. Halpern, 1992).

Tomando como ponto de partida a definição de reanálise morfológica apresentada por Bošković (2000), analisemos, com mais detalhe, as estruturas com *nada* que, por hipótese, compreendem processos de reanálise morfológica.

Partindo do contraste já apresentado no capítulo 3 (cf. secção 3.4.6) recuperamos em (120) o exemplo apresentado em (82). Usaremos #...# para assinalar a existência de reanálise morfológica.

(120) A: O Pedro caiu das escadas!

B: a. #Caiu *nada*#.

b. Caiu, *nada*! Foi empurrado.

c. #Caiu, *nada*!

A propósito do contraste entre (120a) e (120b), verificámos no capítulo 3 que se tratava de duas estratégias diferentes, podendo ser distinguidas com recurso à prosódia e à necessidade de uma asserção de reformulação posterior.

Enquanto a resposta em (120a) apresenta uma prosódia não marcada, (120b) é prosodicamente marcado, verificando-se acentuação enfática do constituinte topicalizado, seguida de pausa breve, frequentemente assinalada pela presença gráfica de vírgula .

---

<sup>23</sup> Sobre os conceitos de *Merger* e *Fusion*, Halle e Marantz (1993:116) descrevem-nos nos seguintes termos: “We distinguish here between “merger” and “fusion.” Merger, like head-to-head movement, joins terminal nodes under a category node of a head (a “zero-level category node”) but maintains two independent terminal nodes under this category node. Thus, Vocabulary insertion places two separate Vocabulary items under the derived head, one for each of the merged terminal nodes. Merger generally joins a head with the head of its complement XP (...). Thus, like head-to-head movement, merger forms a new word from heads of independent phrases; but these independent heads remain separate morphemes within the new derived word. On the other hand, fusion takes two terminal nodes that are sisters under a single category node and fuses them into a single terminal node. Only one Vocabulary item may now be inserted, an item that must have a subset of the morphosyntactic features of the fused node, including the features from both input terminal nodes. Unlike merger, fusion reduces the number of independent morphemes in a tree. Since both head-to-head movement and merger form structures in which two terminal nodes are sisters under a single category node, both may feed fusion.”

<sup>24</sup> De acordo com Embick e Noyer (2001:561): “The proposal is that there are in fact at least two varieties of Merger, depending upon whether Merger occurs (a) in Morphology before Vocabulary Insertion or (b) in Morphology after or concomitant with Vocabulary Insertion. The Merger of type (a) is *Lowering*; it operates in terms of hierarchical structure. The Merger of type (b), *Local Dislocation*, operates in terms of linear adjacency.”

Embora a distinção em termos prosódicos careça de confirmação efectiva, estamos em crer que, para as respostas que implicam topicalização, como (120b), existe uma fronteira prosódica claramente marcada à direita do constituinte deslocado, o que não acontece em (120a) – cf. Nespore e Vogel (1986) –, onde a fusão morfológica determina que *caiu nada* seja interpretado como uma única palavra morfológica e, portanto, sem fronteira prosódica entre os dois elementos que a constituem.

Outro traço distintivo entre (120a) e (120b) é o facto de, na ausência de uma asserção de reformulação, (120b) se tornar desadequado, como ilustra (120c).

Esta distinção não é, contudo, suficiente para demonstrar a existência de reanálise morfológica do verbo+*nada*, pelo que, em (121) introduzimos um teste adicional, com clíticos. A existir fusão entre o verbo e *nada*, ou seja, reanálise de verbo+*nada* como uma só palavra, é esperável que a inserção de um clítico entre os dois membros seja rejeitada ou produza um resultado gramaticalmente mais marginal (cf. Bošković e Nunes, 2007; Martins, 2007).

(121) A: A mãe mandou-te comprar pão.

- |   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| B: a. ??#Mandou-me <i>nada</i> ##.              | (fusão de verbo+ <i>nada</i> )       |
| b. #Mandou <i>nada</i> ##!                      | (fusão de verbo+ <i>nada</i> )       |
| c. Mandou-me, <i>nada</i> ! Mandou-te foi a ti! | (topicalização de IP + <i>nada</i> ) |

O resultado pouco aceitável de (121a) aponta para a impossibilidade de quebrar a sequência verbo+*nada*. A forma em (121b) é claramente preferida<sup>25</sup>, na medida em que não existem elementos interpostos entre o verbo e *nada*. No entanto, (121c) parece não gerar problemas, o que na realidade decorre da análise proposta, dado que a sequência verbo+clítico não forma, com *nada*, uma palavra. Encontra-se antes topicalizada, beneficiando de uma entoação marcada do elemento topicalizado – *mandou-me* – bem como de uma asserção de reformulação que oferece uma alternativa ao elemento colocado em proeminência discursiva.

Contribuem igualmente para a argumentação de que existe reanálise entre o verbo e *nada* os dados anteriormente analisados, relativos ao marcador metalinguístico *não* (cf. a secção 3.5.1 do capítulo 3). Observando (122), verificamos que *não* apenas pode ocorrer se

<sup>25</sup> Estes juízos tiveram por base um pequeno inquérito realizado a 8 falantes de Português Europeu. Dada a dimensão mínima da amostra e a informalidade do inquérito, os dados recolhidos foram usados meramente como confirmação das minhas intuições.

existir topicalização de IP, o que, de certa forma, parece tornar exclusiva do marcador *nada* a ocorrência apenas com o verbo (não topicalizado) – e igualmente com *cá/lá*.

(122) A: O Pedro fugiu de casa.

B: a. \*Fugiu não.

b. Fugiu, não! Foi expulso!

c. Fugiu de casa, não! Foi expulso!

Finalmente, em (123) apresentamos um último indício a favor da existência de reanálise morfológica, desta vez entre *nada* e um marcador de negação metalinguística interno.

(123) A: A professora vai ficar muito zangada!

B: a. #*Lá/cá nada*#!

b. \**Lá/cá agora*!

c. #*Agora lá/cá*#!

d. \**Nada lá/cá*!

e. \**Lá/cá não*!

f. \**Não lá/cá*!

Os exemplos de (123) evidenciam um claro contraste entre as formas [*lá/cá nada*] e [*lá/cá agora*]. De acordo com Martins (2010a), *as frases com [lá/cá+agora] são sintacticamente afins das frases com lá/cá e não há, de facto, formação de um cluster de marcadores de negação metalinguística*. Daí que (123b) seja agramatical, pois *cá* e *lá* exigem a presença da forma verbal, não podendo ocorrer sem ela.

Curiosamente, o mesmo não se verifica em (123a), com [*lá/cá+nada*] a funcionar como um verdadeiro *cluster*. Repare-se que não se verifica a necessidade da presença do verbo, exigência imprescindível de *cá/lá*, o que demonstra que *cá/lá* já não estão a ser interpretados como palavras autónomas (cf. Bošković e Nunes, 1997).

Por outro lado, a gramaticalidade de (123c), onde [*agora+lá/cá*] formam um *cluster*, contrasta com a inaceitabilidade de (123d). O facto de a sequência [*nada+lá/cá*] não ser possível determina que não ocorreu fusão morfológica e, conseqüentemente, o requisito de segunda posição não foi bloqueado (ou, noutros termos, não foi satisfeito na Morfologia), impossibilitando *nada* de ocorrer como primeiro elemento na frase.

Quanto a (123e) e (123f), permitem verificar que, ao contrário de *nada*, o marcador de negação metalinguística *não* ocorre exclusivamente com topicalização de IP, não se verificando indícios de reanálise morfológica, o que denota uma clara diferença entre ambos os marcadores (não obstante, *não* verifica também requisitos de segunda posição, embora exija a sua satisfação na Sintaxe).

Note-se ainda que, num enunciado como o de (123a), não se verifica a estrutura Tópico-Comentário, assinalada para os enunciados em que existe topicalização de IP. Nestes casos, não é possível argumentar que *cá/lá* funcione como tópico e *nada* como comentário, tanto mais que *cá/lá* não consta na asserção anterior, ou seja, não constitui informação que possa ser retomada e alvo de topicalização (além disso *cá/lá* identifica-se interpretativamente com *nada*, exprimindo objecção/rejeição, e nesse sentido só poderia corresponder, tal como *nada*, ao comentário).

A existência de reanálise morfológica sob as formas [verbo+*nada*] e [*lá/cá*+*nada*] determina que a palavra resultante da fusão passe a ser independente, já não verificando o requisito (sintáctico) de segunda posição e podendo, portanto, surgir isoladamente. Nesse sentido, prevê-se que, nos casos em que haja lugar a reanálise morfológica, não se verifique topicalização de IP para efeitos de preenchimento de primeira posição. Sempre que a fusão envolva o verbo, a topicalização de IP é bloqueada, pois já não é possível topicalizar todo o IP (ou seja, se o verbo saiu de IP e se encontra na mesma posição de *nada*, onde se funde com ele, já não é possível que todo o IP seja topicalizado).

O exemplo em (124) ilustra o bloqueamento da topicalização de IP nos casos de reanálise morfológica com o verbo.

(124) A: O tio bebeu o chá com açúcar.

B: a. \*O chá com açúcar, #bebeu *nada*#.

b. \*O tio, #bebeu *nada*#.

c. \*O tio bebeu o chá com açúcar, #bebeu *nada*#.

Nos casos em que a reanálise envolve *cá/lá*, a topicalização também parece não ser possível, com base na marginalidade do exemplo em (125).<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> O *corpus* apresenta um exemplo isolado de negação com a sequência [*cá+nada*] e ocorrência de constituintes à sua esquerda, como se observa abaixo. Neste caso, poderemos estar perante um *cá* locativo ou, em alternativa, considerar-se que o processo de fusão morfológica entre *cá* e *nada* compreende igualmente a

(125) A: O tio bebeu o chá com açúcar.

B: a. ??/\*O tio bebeu o chá com açúcar, #*cá nada*##.

Dada a complexidade do tema, não nos deteremos aqui na questão do tipo específico de reanálise morfológica implicada nas estruturas com *nada*. Cremos que essa especificidade não terá implicações directas no ponto que pretendemos demonstrar.

Cabe, neste ponto, tecer ainda algumas considerações relativas à possível natureza prosodicamente fraca de *nada*, que pensamos contribuir para o seu processo de reanálise morfológica.

De acordo com Anderson (2000), um elemento de segunda posição não tem de ser, necessariamente, um elemento fraco, do ponto de vista prosódico, para verificar requisitos de segunda posição. É, contudo, plausível que *nada* tenha sofrido enfraquecimento prosódico, como consequência do processo de gramaticalização de que foi alvo.

De acordo com Heine (2003), *a gramaticalização é um processo que leva itens lexicais a tornarem-se itens gramaticais e itens gramaticais a tornarem-se elementos mais gramaticais*. A gramaticalização de uma expressão linguística envolve quatro processos inter-relacionados:

- (i) Dessemantização (*bleaching*, redução semântica) – perda de conteúdo semântico.
- (ii) Extensão (ou generalização de contextos) – uso em novos contextos.
- (iii) Decategorização – perda de propriedades características das formas fonte, incluindo perda de *status* de palavra independente (cliticização, afixação).
- (iv) Erosão (ou redução fonética) – perda de substância fonética.

*Nada* apresenta algumas das características próprias das formas que sofreram processos de gramaticalização, por exemplo: dessemantização – perda do valor básico de

---

incorporação simultânea do verbo na mesma posição de *nada* e de *cá*. Dado tratar-se de um exemplo isolado, de interpretação ambígua, não aprofundaremos aqui esta questão.

INF 'Buginja'.

INQ2 *E serve para alguma coisa? Come-se ou não?*

INF *Hã?*

INQ2 *Come-se?*

INF *Come-se cá nada!* A gente aqui não tem nada que aproveitar disso.

(Cordial-Sin - CLC35-N)

IPN, sendo por isso compatível com IPPs fortes e incapaz de estabelecer relações de concordância negativa – perda da natureza argumental, enfraquecimento morfo-fonológico, conduzindo à impossibilidade de ocorrer isolado.

#### 4.4 PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO DE ESTRUTURAS COM *NADA*

Nesta secção, tentaremos chegar a uma representação do marcador *nada*, que permita sistematizar os dois tipos de estruturas em que ocorre: com topicalização de IP e com reanálise morfológica<sup>27</sup> (centrando-nos, neste segundo caso, nas estruturas V+*nada*, que correspondem ao padrão mais frequente e não marcado).

Em primeiro lugar, é pertinente lembrar que, na secção 4.1.1, adaptámos a perspectiva de Farkas e Bruce (2010), estendendo-a aos marcadores metalinguísticos. Nesse sentido, partiremos da permissa inicial de que *nada* é um elemento que codifica um tipo particular de frase responsiva, a objecção.

Vários autores defendem ser possível identificar o tipo a que dada frase pertence, através da presença de um elemento especializado, que codifica a força ilocutória da frase. A este elemento está associada uma posição alta na estrutura frásica, identificada, tipicamente, como o domínio de CP (cf. Baker, 1970; Cheng 1991; Rizzi 1990, 1996; Han, 1998).

Sendo *nada* um marcador de um tipo particular de frase – a objecção – ao qual se associa uma determinada força ilocutória – *sentential force* (cf. Chierchia e McConnell-Ginet, 1990) – prevê-se que a sua posição mais provável seja no domínio de CP.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> O sintagma Qu- *qual* também pode satisfazer o requisito de 2.<sup>a</sup> posição de *nada*. Sendo um sintagma Qu-, a posição mais provável para qual seria Spec,CP, apresentando-se, presumivelmente, como um terceiro tipo de estratégia que ficará fora do âmbito da presente tese.

<sup>28</sup> Sabemos que o CP proposto por Rizzi (1997) contempla uma projecção que codifica precisamente informação relativa ao tipo e forma das frases - *Type* ou *Force*, de acordo com Cheng (1991) e Chomsky (1995), respectivamente.

Complementizers express the fact that a sentence is a question, a declarative, an exclamative, a relative, a comparative (...). This information is sometimes called the clausal Type (Cheng 1991), or the specification of Force (Chomsky 1995). (...) Force is expressed sometimes by overt morphological encoding on the head (special C morphology for declaratives, questions, relatives, etc.), sometimes by simply providing the structure to host an operator of the required kind, sometimes by both means (...)

(Rizzi 1997:283)



Também o facto de *nada* estar excluído de orações encaixadas, como vimos na secção 3.1.4 do capítulo 3, reforça a proposta de que ocupe uma posição no domínio de CP. De acordo com Zimmerman (1980:216), *illocutionary forces cannot attach to embedded clauses*.

Por outro lado, vimos ainda no capítulo 3 que *nada* tem escopo sobre a negação e os advérbios enfáticos. Assumiremos aqui que a negação é codificada em  $\Sigma P$  (cf. Laka 1990; Zanuttini, 1997; Martins, 1994), assim como os advérbios com valor enfático (Gonzaga, 1997), o que, uma vez mais, indica que *nada* seja projectado no domínio de CP.

Posto isto, e à semelhança do que se verifica com outros marcadores de negação metalinguística (cf. Martins, 2010; Drodz, 2001), propomos que *nada* seja gerado em CP.

Assumindo que *nada* se encontra em CP, é pois necessário saber que posição específica ocupa dentro desta projecção: a de especificador ou a de núcleo. Tendo em consideração que *nada* pode motivar reanálise morfológica com uma forma verbal, que se move para a mesma posição que *nada*, estamos em crer que essa posição seja a de núcleo de CP, ou seja, C.

Uma vez que uma estrutura simples de CP nos permite derivar, sem problemas, as estruturas com *nada*, não consideramos necessário adoptar uma estrutura de CP mais complexa. Assim, em (126) ilustramos a estrutura de CP que adoptaremos no decurso deste trabalho:

$$(126) \text{ CP } [C[C][IP[\dots]]]$$

Em (127) apresentamos uma representação em árvore do marcador *nada*, em C, adoptando uma estrutura simples de CP:

$$(127) [CP[C[C \text{ nada}][IP\dots]]]$$

Vejamos agora se a representação adoptada em (127) nos permite derivar, sem problemas, os dois tipos de estruturas com *nada*.

Começemos pelas construções em que *nada* ocorre com topicalização de IP. Propomos que a topicalização corresponda à adjunção à esquerda de CP, na linha do que defende Duarte (1987).

Duarte (1987) propõe que os constituintes topicalizados em PE sejam adjuntos a Comp” ou a Flex”, isto é, CP ou IP. De acordo com a autora, *a construção de Topicalização no*

*Português (europeu) envolve movimento na sintaxe, para a posição de adjunto a Comp” ou Flex”, de um constituinte com realização lexical – o constituinte topicalizado.* (Duarte, 1987:410).

Assim, para um enunciado com IP topicalizado, poderemos adoptar uma estrutura idêntica à que se apresenta em (128).

(128) [CP [IP O Pedro disse a verdade]<sub>i</sub> [CP [C nada [IP ~~O Pedro disse a verdade~~ ] ] ] ]

A partir da representação em (127) é possível gerar todas as construções que derivam da estrutura com IP topicalizado. Referimo-nos à ocorrência de *nada* com fragmentos nominais ou verbais, recuperados com valor contrastivo. Nestes casos, o IP é topicalizado (por adjunção a CP) e os constituintes não relevantes discursivamente são alvo de elipse, motivada pelo discurso.

Como se exemplifica em (129), todo o IP é topicalizado, no entanto apenas é mantido o fragmento nominal *a verdade*, considerado proeminente no discurso, nos moldes de Jones (1999).

(129) [CP [IP ~~O Pedro disse a verdade~~]<sub>i</sub> [CP [C nada [IP ~~O Pedro disse a verdade~~ ] ] ] ]

Um outro tipo de estrutura que envolve o marcador *nada* é, como vimos anteriormente, a dos casos de reanálise morfológica, que pode ocorrer com a forma verbal ou com os marcadores internos *cá/lá*. Nestes casos, não se dá topicalização de IP, como foi notado na secção anterior, e se mostra em (130).

(130) [CP [C [C caiu<sub>i</sub> nada] [IP *pro* [I ~~caiu~~<sub>i</sub> [VP VP-NULO] ] ] ] ]

As estruturas com *nada*, que envolvam processos de reanálise morfológica com o verbo, implicam a deslocação da forma verbal para a mesma posição estrutural ocupada por *nada*, ou seja C. Uma vez ocupando uma posição de adjacência a *nada*, é possível a ocorrência de fusão morfológica.

Lembremos que, de acordo com Bošković (2000), a fusão morfológica não permite reordenação dos elementos, o que obriga a que o verbo se encontre à esquerda de *nada*, assumindo que a adjunção (tanto de núcleos como de projecções máximas) é sempre à esquerda e que *nada* é inserido directamente em C, enquanto o verbo se desloca posteriormente para essa posição para satisfazer um requisito de *nada*.

As estruturas que envolvem reanálise morfológica de *nada* com o verbo não podem exibir IP topicalizado, como vimos anteriormente. Não obstante, é a partir desta estratégia que se derivam frases com constituintes focalizados à direita de *nada*.

Repare-se que apenas quando ocorre reanálise morfológica é possível a ocorrência de constituintes focalizados à direita de *nada*. Nas construções com IP topicalizado não é possível focalizar o VP (ou fragmentos de VP) à direita, dado que todo o IP foi movido para a posição de adjunção a CP, não deixando material que possa ser focalizado *in situ*.

Pelo contrário, não havendo deslocação do IP para uma posição à esquerda de *nada* (apenas a forma verbal se desloca), o IP manter-se-á na sua posição de origem, à direita de *nada*, podendo haver focalização *in situ* dos constituintes considerados proeminentes num determinado contexto discursivo. Os constituintes focalizados mantêm-se em IP, sendo a focalização meramente prosódica (cf. Zubizarreta, 1999).

Sendo *nada* um marcador de asserções responsivas, exige maximização dos processos de elipse (cf. Jones, 1999), pelo que, à excepção dos constituintes focalizados, os restantes elementos do IP *in situ* não terão realização fonológica.

Em (131) apresentamos uma proposta de representação para os casos de reanálise morfológica, com focalização *in situ* do VP.<sup>29</sup>

(131) [<sub>CP</sub> [<sub>C'</sub> [<sub>C</sub> comprou<sub>i</sub> nada] [<sub>IP</sub> *pro* [<sub>I'</sub> ~~comprou~~<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> ~~comprou~~<sub>i</sub> um Ferrari]]]]]

Parece-nos que a representação adoptada para *nada* deriva, sem problemas, as duas construções em que este marcador ocorre : com topicalização de IP e com reanálise morfológica.

## 4.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo apresentámos as propostas de Drodz (2001) e Martins (2010a) para a posição dos marcadores de negação metalinguística. Ambos os autores defendem que os marcadores periféricos são gerados no domínio de CP.

<sup>29</sup> Nos casos em que a reanálise morfológica se processa com os marcadores interno *cá/lá*, o processo é semelhante. Os marcadores deslocam-se para C, fundindo-se com *nada* e derivando uma nova palavra.

Relativamente ao marcador *nada*, verificámos que apresenta requisitos de segunda posição, não podendo, portanto ocorrer em primeiro lugar na frase. Assim, identificámos dois tipos de estruturas nas quais *nada* ocorrer.

A primeira implica topicalização de todo o IP, deixando *nada* numa posição periférica, de final de frase. É esta estrutura que permite derivar *nada* com fragmentos nominais, através de processos de elipse, bem como negar frases negativas e com advérbios enfáticos.

Já a segunda estrutura implica reanálise morfológica de *nada* com o verbo ou com os marcadores metalinguísticos internos *cá/lá*. Nestes casos, a fusão entre os dois elementos origina uma nova palavra, bloqueando a restrição de segunda posição, que deixa de se aplicar (ou, numa outra perspectiva, satisfazendo a restrição de segunda posição na Morfologia e não na Sintaxe). Através desta estratégia são geradas as frases com constituintes focalizados à direita de *nada*, nos casos em que a sua manutenção se justifica pela proeminência discursiva atribuída.

A associação de *nada* à codificação de um tipo particular de frase permitiu-nos posicioná-lo, do ponto de vista estrutural, como núcleo de CP, em C, seguindo uma arquitectura simples de CP.

Conclui-se, portanto, que o domínio de CP é, por excelência, o domínio dos marcadores de negação metalinguística, dado que aí se codifica informação relacionada com propriedades discursivas, conforme proposto inicialmente por Rizzi (1997) e já defendido por Drozd (2001) e Martins (2010a).

## 5. CONCLUSÃO

---

A negação metalinguística, colocada em evidência por Horn (1989), tem sido pouco estudada, do ponto de vista sintáctico, muito embora algumas línguas sejam ricas em mecanismos sintácticos que permitem expressar este tipo de negação. O Português Europeu apresenta-se como uma das línguas que dispõem de marcadores de negação metalinguística não-ambíguos, como *cá*, *lá* e *agora*, já identificados por Martins, (2010a; no prelo). O presente trabalho teve como objectivo contribuir para o aprofundamento do estudo da negação metalinguística em PE, através da caracterização de um outro marcador de negação metalinguística não-ambíguo, ainda não explorado – o marcador *nada*.

A análise aqui apresentada permitiu classificar *nada* como um verdadeiro marcador de negação metalinguística, distinguindo-o do *nada* presente nas estruturas de negação enfática e contrariando assim a perspectiva assumida por Gonçalves (1995) de que o uso de *nada* sem a presença do marcador canónico *não* seria o resultado de uma das etapas do ciclo de Jespersen.

Uma vez afastada a hipótese de o marcador *nada* ser um marcador de negação enfática, foi possível classificá-lo, inequivocamente, como metalinguístico e posicioná-lo no grupo dos marcadores periféricos, por oposição aos internos, de acordo com os testes de Martins, (2010a; no prelo). Aos testes propostos por Martins (2010a; no prelo) adicionámos ainda um outro teste, baseado em estruturas com advérbios enfáticos.

Adoptando o conceito de resposta alargada de Jones (1999), verificámos que as respostas com *nada* estabelecem um paralelismo com as respostas a interrogativas *sim/não*, na medida em que privilegiam a elipse de todos os constituintes não proeminentes do ponto de vista discursivo. Na verdade, as respostas com *nada* podem ser consideradas asserções responsivas, nos moldes em que Farkas e Bruce (2010) as definem, permitindo identificar um tipo particular de frase – a objecção. Seguindo a proposta de Martins (2010b), considerámos que as respostas com *nada* são asserções responsivas que expressam

objecção, podendo ser codificadas através do traço [object] e herdando a polaridade, positiva [+] ou negativa [-], da asserção inicial.

Uma análise da distribuição sintáctica do marcador de negação metalinguística *nada* permitiu-nos verificar que este marcador obedece a um requisito de segunda posição, nunca surgindo isolado ou como primeiro elemento da frase, ao contrário de outros marcadores de negação metalinguística periféricos. Mostrámos então que o requisito de segunda posição pode ser satisfeito na sintaxe, através da topicalização de todo o IP, ou na morfologia, através da reanálise morfológica entre *nada* e o verbo ou os marcadores internos *cá/lá*.

Partindo da ideia de que *nada* codifica traços de força ilocutória próprios da objecção e que esse tipo de traços é codificado em CP, propusemos a geração de *nada* no domínio de CP, mais especificamente em C. Do ponto de vista da representação sintáctica, adoptámos uma estrutura simples de CP, que nos permitiu derivar as estruturas com IP topicalizado, numa posição de adjunção a CP, de acordo com a proposta de Duarte (1987). Nos casos em que há lugar a reanálise morfológica, propusemos que o verbo ou *cá/lá* se deslocassem para a mesma posição de *nada*, em C, havendo lugar a reanálise morfológica e, conseqüentemente, à criação de uma nova palavra com as formas [verbo+*nada*] ou [*cá/lá*+*nada*].

A análise apresentada para o marcador *nada* levantou várias questões que permanecem ainda por explorar e que poderão constituir matéria de trabalho futuro. Destacamos, em particular, a integração dos factos relativos ao PB na análise proposta.

A comparação entre PE e PB no que diz respeito ao uso de *nada* enquanto marcador de negação metalinguística constitui tema de trabalho que vale a pena prosseguir, partindo dos dados aqui apresentados na secção 3.5.2 do capítulo 3. As semelhanças e diferenças entre o *nada* do PE e o *nada* do PB podem indicar que estamos perante marcadores com comportamentos diferentes ou que se encontram em estádios de evolução distintos. Um estudo comparativo entre os dados do PE e do PB é, portanto, necessário, para o aprofundamento do conhecimento da sintaxe do marcador *nada* e, a um nível mais geral, da negação metalinguística.

Concluimos, assim, que a negação metalinguística permanece ainda uma área pouco explorada na linguística, sobretudo numa perspectiva sintáctica, embora tenha um enorme potencial. De acordo com as pistas lançadas pelos trabalhos de Martins (2010a; no prelo) e de Drozd (2001), aos quais juntamos, modestamente, o presente trabalho, a negação

metalinguística não se limita ao campo da semântica, activando um domínio específico na sintaxe, o domínio de CP.

Dada a riqueza invulgar de marcadores de negação metalinguística no PE, o presente estudo apresenta-se como um contributo importante para a continuação da investigação nesta área, não só em PE, mas nas línguas naturais em geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ANDERSON, Stephen R. 2000. "Towards an Optimal Account of Second Position Phenomena". *Optimality Theory: phonology, syntax, and acquisition*. Joos Dekkers, Frank van der Leeuw e Jeroen van de Weijer (eds). Oxford: Oxford University Press. 302-333
- BAKER, C. L. 1970. "Notes on the Description of English Questions". *Foundations of Language* 6. 197-219.
- BIBERAUER, Theresa e Sonia CYRINO. 2009. "Negative Developments in Afrikaans and Brazilian Portuguese". Comunicação apresentada em: *19th Colloquium on Generative Grammar*. University of the Basque Country. Vitoria-Gasteiz. April 1-3, 2009.
- BOŠKOVIĆ, Željko. 2000. "Second Position Cliticisation: Syntax and/or Phonology". Frits Beukema e Marcel den Dikken (eds.). *Clitic Phenomena in European Language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 71-119.
- BOŠKOVIĆ, Željko e Jairo NUNES. 2007. "The Copy Theory of Movement: A View from PF". *The Copy Theory of Movement*. N. Corver e J. Nunes (orgs.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 13-74.
- BRITO, Duarte e Matos. 2003. "Estrutura da Frase Simples e Tipos de Frases". *Gramática da Língua Portuguesa*. M.<sup>a</sup> Helena Mira Mateus et al. Lisboa: Caminho. 433-506.
- BURTON-ROBERTS, N. 1989. "On Horn's Dilemma: Presupposition and Negation". *Journal of Linguistics* 25. 95-125.
- CARDINALETTI, Anna e Michael STARKE. 1999. "The Typology of Structural Deficiency: A Case Study of the Three Classes of Pronouns". *Clitics in the Languages of Europe*. Henk van Riemsdijk (ed.). Berlin: Mouton de Gruyter. 145-233.
- CARLSTON, Katy. 2002. *Parallelism and Prosody in the Processing of Ellipsis Sentences*. New York: Routledge. Routledge Series Outstanding Dissertations in Linguistics.
- CARSTON, Robyn. 1996. "Metalinguistic Negation and Echoic Use". *Journal of Pragmatics* 25. 319-340.



- CAVALCANTE, Rerisson. 2007. *A Negação Pós-Verbal no Português Brasileiro: Análise Descritiva e Teórica de Dialectos Rurais de Afro-descendentes*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia.
- CHENG, Lisa Lai-Shen. 1991. *On the Typology of Wh-questions*. PhD dissertation. Cambridge. MIT.
- CHIERCHIA, Gennaro e Sally MCCONNELL-GINET. 1990. *Meaning and Grammar: An Introduction to Semantics*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press. 2000.
- CHOMSKY, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- DROZD, Kenneth F. 2001. "Metalinguistic Sentence Negation in Child English". *Perspectives on Negation and Polarity Items*. J. Hoeksema, H. Rullmann, V. Sanchez-Valencia e T. van der Wouden (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 49-78.
- DUCROT, Oswald. 1972. *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann.
- DUCROT, Oswald. 1984. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.
- DUARTE, Inês. 1987. *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- DUARTE, Inês. 2004. "Elipses Focais". *Da Língua e do Discurso*. Oliveira, F. e I. Duarte (orgs.). Porto: Campo das Letras. 299-309.
- EMBICK, David e Rolf NOYER. 2001. "Movement Operations after Syntax". *Linguistic Inquiry* 32:4. Cambridge/Massachusetts: MIT Press. 555-595.
- FARKAS, Donka e Kim B. BRUCE. 2010. "On Reacting to Assertions and Polar Questions". *Journal of Semantics* 27.1. 81-118.
- GONÇALVES, Fernanda. 1995. *Negação Frásica em Português: Caracterização com Referência ao Processo de Aquisição*. Dissertação de Mestrado. Lisboa. FLUL.
- GONZAGA, Manuela. 1997. *Aspectos da Sintaxe do Advérbio em Português*. Dissertação de Mestrado. Lisboa. FLUL.
- HAEGEMEIJER, Tjerk. e Ana Lúcia SANTOS. 2003. "Elementos Polares na Periferia Direita: Negação Aparentemente Descontínua, Afirmação Enfática e Tags". *Actas do XIX Encontro da APL*. Lisboa. 465-476.
- HALLE, Morris e Alec MARANTZ. 1993. "Distributed Morphology and the Pieces of Inflection.". *The View from Building 20*. Kenneth Hale e S. Jay Keyser (eds.). Cambridge/Massachusetts: MIT Press. 111-176.
- HALPERN, Aaron. 1992. *Topics in the Placement and Morphology of Clitics*. PhD Dissertation. Stanford.

- HALPERN, A. L. e Zwicky, A. (eds). 1996. *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford: CSLI Publications.
- HAN, C.H. 1998. *The Structure and Interpretation of Imperatives: Mood and Force in Universal Grammar*. PhD Dissertation. University of Pennsylvania.
- HARLEY, Heidi e Rolf NOYER. 1999. “Distributed Morphology”. *Glott International*. Vol. 4. Issue 4. April 1999. 3-9.
- HEINE, Bernd. 2003. “Gramaticalization”. *The Handbook of Historical Linguistics*. Brian D. Joseph and Richard Janda (eds.). Oxford: Blackwell Publishing. 575-601.
- HORN, Laurence R. 1989. *A Natural History of Negation*. Stanford: CSLI Publications. 2001.
- HUCK, Geoffrey J. and Younghee NA. 1992. “Information and Contrast”. *Studies in Language* 16:2. 325–334.
- JACKENDOFF, R. 1972. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- JESPERSEN, Otto. 1917. *Negation in English and Other Languages*. Copenhagen: A.F.Høst.
- JONES, B. Morris. 1999. *The Welsh Answering System*. (Trends in Linguistics, Studies and Monographs, 120). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- JOUITTEAU, Mélanie. 2010. “A Typology of V2 with Regard to V1 and Second Position Phenomena: An Introduction to the V1/V2 Volume”. *Lingua*, 120. 197-209.
- KLEIN, W. 1993. “Ellipse”. *Syntax: an International Handbook of Contemporary Research*. Jacobs et alii. (orgs.). Vol 1: Berlin/New York : Mouton de Gruyter. 763-799.
- LAKA, Itziar 1990. *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*. PhD Dissertation. MIT.
- MARANTZ, Alec. 1984. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- MARANTZ, Alec. 1988. “Clitics, Morphological Merger and the Mapping to Phonological Structure. *Theoretical Morphology: Approaches in Modern Linguistics*”. Michael Hammond e Michael Noonan (eds.). San Diego: Academic Press. 253-270.
- MARTINS, Ana Maria. 1994. *Clíticos na História do Português*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- MARTINS, Ana Maria. 2006. “Emphatic Affirmation and Polarity: Contrasting European Portuguese with Brazilian Portuguese, Spanish, Catalan and Galician”. *Romance Languages and Linguistic Theory 2004*. Jenny Doetjes e Paz González (eds.) . Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 197-223.

- MARTINS, Ana Maria. 2007. "Double Realization of Verbal Copies in European Portuguese Emphatic Affirmation". *The Copy Theory of Movement*. Norbert Corver and Jairo Nunes (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 77-118.
- MARTINS, Ana Maria. 2009. "The Portuguese Answering System". Conferência apresentada na Universidade de Zurique em Outubro de 2009.
- MARTINS, Ana Maria. 2010a. "Negação Metalinguística (*lá, cá e agora*)". *Actas do XXV Encontro da APL*. Lisboa.
- MARTINS, Ana Maria. 2010b. Relatório do Seminário de *Linguística Comparada: Tópicos de Gramática do Português numa Perspectiva Comparativa*. Relatório apresentado a provas públicas para obtenção do título académico de agregado no ramo de Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MARTINS, Ana Maria (no prelo). "Deictic Locatives, Emphasis and Metalinguistic Negation". *Diachronic Syntax: Parameter Theory and Dynamics of Change*. Charlotte Galves et al. (eds.). Oxford: Oxford University Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Editorial Caminho.
- MUSHIN, Ilana. 2005. "Second Position Clitic Phenomena in North-Central Australia: Some Pragmatic Considerations". *Proceedings of the 2004 Conference of the Australian Linguistic Society*. Ilana Mushin (ed.). <http://www.als.asn.au>.
- NESPOR, Marina e Irene VOGEL (1986). *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- NUNES, Jairo. 2001. "Sideward Movement". *Linguistic Inquiry* 32:2. Cambridge/Massachusetts: MIT Press. 303-342.
- NUNES, Jairo. 2004. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- PEREIRA, Sílvia. a publicar. *O Marcador de Negação Metalinguística agora nos Dialectos do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. FLUL.
- RIZZI, L. 1990. "Speculations on Verb-second". *Grammar in Progress: GLOW Essays for Henk van Riemsdijk*. Mascaró, J. e M. Nespors (eds.). Dordrecht: Foris Publications. 137-152.
- RIZZI, Luigi. 1997. "The Fine Structure of the Left Periphery". *Elements of Grammar. Handbook in Generative Syntax*. Liliane Haegeman (ed.). Dordrecht: Kluwer. 281-337.
- SANTOS, Ana Lúcia. 2009. *Minimal answers : ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of european Portuguese*. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins.
- SPERBER, Dan e Deirdre WILSON. 1986. *Relevance: Communication and Cognition*. Oxford: Blackwell Publishing.

VIGÁRIO, Marina. 1998. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu - Estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos.

WILSON, Deirdre. 2006. “The Pragmatics of Verbal Irony: Echo or pretence?”. *Lingua*, 116. 1722-1743.

ZANUTTINI, Raffaella. 1997. *Negation and Clausal Structure: A Comparative Study of Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press.

ZIMMERMAN, D. 1980. “Force and Sense”. *Mind* 89. 214–233.

ZUBIZARRETA, M. L. 1999. “Las Funciones Informativas: Tema y Foco”. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Ignacio Bosque y Violeta Demonte (eds.). Madrid: Real Academia Española / Espasa Calpe.

### **Corpora**

CORDIAL-SIN - *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

[http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto\\_cordialsin\\_corpus.php](http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin_corpus.php)

CORPUS ORAL “PORTUGUES FUNDAMENTAL”. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). <http://www.clul.ul.pt>

CORP-ORAL. Instituto de Linguística Teórica (ILTEC). <http://www.iltec.pt/spock/>

CORPUS DO PORTUGUÊS. Mike Davies (BYU) e Michael Ferreira (GeorgeTown University). <http://www.corpusdoportugues.org/>

CORPUS SELVA FALADA. Projecto FLORESTA SINTÁCTICA. Linguateca. <http://www.linguateca.pt/Floresta/milhafre/>

# ANEXO

## FUGA

Eu costumava tirar os sapatos no cinema, até que um dia fui recalçá-los – e não os encontrei. Não pensei em roubo nem em ratos. Por alguma razão, imaginei que eles tinham fugido.

Era isso. Os meus sapatos tinham-se aproveitado da minha desatenção e dado no pé. Naquele instante, estavam correndo pela rua, pulando de alegria e batendo os calcanhares no ar para celebrar a liberdade conquistada. Talvez tivessem planeado a fuga havia tempo e só esperassem a oportunidade. O cinema era o lugar ideal. Eles podiam sair furtivamente, no escuro, e a sua falta só seria sentida no fim da sessão. E, finalmente, andariam sozinhos na rua, sem o meu peso a oprimi-los.

Eventualmente, eles entrariam para um gangue de sapatos fujões ou marginalizados. Um bando de renegados – botinas descartadas, mocassins decadentes, ténis de boas famílias caídos em desgraça, sandálias havaianas e alpargatas nordestinas vivendo em louca promiscuidade, sapatilhas rebeldes e, claro, inúmeros pés-de-chinelo – que andaam pelos becos cheirando cola de sapateiro, chutando latas e sapateando até altas horas. Acabariam na minha porta, pedindo graxa, o seu lugar de volta na segurança do meu armário e perdão. E então eles me pagariam.

Acabei encontrando os meus sapatos. Que não tinham fugido. Talvez só ido dar uma volta.

### PADRÕES

Durante muitos anos, o padrão de mulher ‘boa’ no Brasil foi o tipo ‘violão’. Mais anca do que peito. Aos poucos, fomos nos enquadrando nos padrões internacionais de beleza, embora persistisse a certeza de que o padrão ‘violão’ era melhor e que os estrangeiros não sabiam o que estavam perdendo. O tipo longilíneo se impôs, e hoje nem entre os travestis – estes guardiães das virtudes femininas em desuso – se encontra o formato antigo. Mais uma vitória do colonialismo cultura.

Tese: a evolução do Maio teve muito a ver com isso. O advento do biquini e da tanga condenou a coxa larga a adaptar-se ou a sair da praia. A transformação do traje de banho trouxe outros benefícios para a humanidade e seus fundilhos. Ainda peguei o tempo dos calções infantis de pano, que ficavam pesados e ásperos quando molhados e cheios de areia e nos assavam as pernas e a bunda. E até uma determinada época os *mailots* das moças eram feitos para disfarçar o facto de elas terem sexo. Mas a gente sabia que elas tinham, embora não tivesse bem a certeza de como funcionava.

**Conclusão: bons tempos, *nada*!**

Luis Fernando Veríssimo, “Crónicas do lado de lá”, *Jornal Expresso*, Junho 2010.